

# Imperialismo cultural e produção jornalística brasileira: estrangeirismos na revista *Superinteressante* de 2000 a 2019

**Rodrigo Marcelo de Oliveira**

Orientadora: Professora Doutora Alice Donat Trindade

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Comunicação Social pelo  
Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

*Lisboa*  
*2021*

[WWW.ISCSP.U LISBOA.PT](http://WWW.ISCSP.U LISBOA.PT)

# Imperialismo cultural e produção jornalística brasileira: estrangeirismos na revista *Superinteressante* de 2000 a 2019

**Rodrigo Marcelo de Oliveira**

*Orientadora: Professora Doutora Alice Donat Trindade*

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Comunicação Social pelo Instituto  
Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

Júri:

Presidente:

- Doutora Rita Maria Pottier de Lima e Amorim, Professora Auxiliar do Instituto  
Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

Vogais:

- Doutora Alice Maria Quelhas Lima Donat Trindade, Professora Associada do  
Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, na  
qualidade de Orientadora;

-Doutor Paulo Jorge dos Santos Martins, Professor Auxiliar do Instituto Superior  
de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa;

-Doutora Raquel Corte-Real do Nascimento Baltazar, Professora Auxiliar do  
Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.

*Lisboa*  
*2021*

## **Agradecimentos**

Aos professores do Mestrado em Comunicação Social do ISCSP, por agregarem valor inestimável à minha formação, em especial à minha orientadora, Professora Doutora Alice Donat Trindade, pela gentileza e celeridade no retorno de todas as demandas académicas, e por estar sempre aberta e disponível para o diálogo em mais alto nível.

Aos meus colegas de Mestrado, pelos debates acalorados em sala de aula e nos escritórios espalhados pela cidade, com um abraço especial para João Paulo, Laís, Luciana, Flávia, Ramon, Lucimeire, Bianca, Carina, Caio, Henrique, Andreia e Juliana.

Aos meus colegas de trabalho no Brasil, por compreenderem e cobrirem minha ausência durante meu afastamento, com um abraço especial para Ana Flávia, minha revisora oficial.

À minha família, por todo o amor, apoio e incentivo, com um abraço especial para Carmen, minha mãe, que segurou a saudade além-mar; e Carlos, meu esposo, por todo o suporte e carinho nos melhores e nos piores momentos em Lisboa.

## Resumo

Este trabalho se propõe a compreender a relação entre as mudanças lexicais do Português Brasileiro, por meio da incorporação de estrangeirismos inseridos na língua falada no Brasil a partir das revoluções tecnológica e linguística em curso no mundo, e a influência dessas novas palavras na escrita dos jornalistas da *Superinteressante*, uma revista de divulgação científica com ampla cobertura do universo tecnológico. Uma pesquisa lexical efetuada em 40 edições da revista, dos primeiros 20 anos do século XXI, retornou mais de 12 mil incidências de estrangeirismos, sendo que três quartos desses vocábulos são do Inglês, evidenciando que o imperialismo cultural norte-americano, que se apresenta como um fator relevante a ter em conta em matéria de emancipação política, social, econômica e cultural brasileira, continua vigorando nesta nova era tecnológica. A ampla utilização de estrangeirismos evidencia que não há um *gatekeeping* linguístico ou qualquer política de controle ideológico sobre o emprego de novas terminologias incorporadas ou não ao léxico dos leitores da *Superinteressante*. Devido ao fato de que as palavras importadas de outros idiomas agregam novos conceitos e, eventualmente, unidades lexicais anteriores ao empréstimo têm seu sentido modificado pela entrada de um novo termo estrangeiro na língua, as alterações no significado das expressões do Português Brasileiro justificam a escolha dos jornalistas pelos estrangeirismos, evitando afetar a compreensão do texto ao usar um vocábulo distante do léxico do leitor.

### Palavras-chave:

Estrangeirismos; Divulgação científica; Gatekeeping linguístico; Imperialismo cultural; Revolução tecnológica; Revolução linguística

## Abstract

This work aims to understand the relationship between lexical changes in Brazilian Portuguese, through the incorporation of loanwords inserted in the language spoken in Brazil from the technological and linguistic revolutions underway in the world, and the influence of these new words in the writing of journalists from *Superinteressante*, a scientific dissemination magazine with wide coverage of the technological universe. A lexical research carried out in 40 issues of the magazine, from the first 20 years of the 21st century, returned more than 12 thousand incidences of loanwords, with three quarters of these words being English. This shows that North American cultural imperialism presents itself as a relevant factor in matters of political, social, economic and cultural emancipation of Brazil remains in force in this new technological age. The widespread use of foreign language shows that there is no linguistic gatekeeping or any policy of ideological control over the use of new terminologies incorporated or not to the lexicon of *Superinteressante*'s readers. Due to the fact that words imported from other languages add new concepts and, eventually, lexical units prior to the loan have their meaning modified by the entry of a new foreign term in the language, changes in the meaning of Brazilian Portuguese expressions justify the choice of journalists for loanwords. As a consequence, they avoid affecting the comprehension of the text when using a word distant from the reader's lexicon.

## Keywords:

Loanwords; Scientific dissemination; Linguistic gatekeeping; Cultural imperialism; Technological revolution; Linguistic revolution

## Índice geral

Introdução .....	1
1. Enquadramento teórico .....	4
1.1. A teoria crítica e a Escola de Frankfurt .....	4
1.2. O imperialismo cultural e a influência sobre o modo de produção jornalística .....	6
1.3. <i>Gatekeeping</i> linguístico .....	12
2. A língua e sua evolução .....	14
2.1. Conceitualização: os estrangeirismos como parte da evolução da língua .....	14
2.2. Os estrangeirismos no Português Brasileiro .....	15
3. O inglês como língua oficial da revolução tecnológica .....	19
4. O trabalho do jornalista na divulgação científica .....	25
5. Opções metodológicas .....	28
6. Apresentação de dados quantitativos .....	31
6.1. Incidência de estrangeirismos por anos .....	32
6.2. Incidência de estrangeirismos por línguas .....	34
6.3. Incidência de estrangeirismos relacionados às novas tecnologias .....	36
7. Discussão de dados quantitativos .....	38
8. Apresentação de dados qualitativos .....	42
8.1. Entrevistas semi-estruturadas com jornalistas da <i>Superinteressante</i> .....	43
8.2. Entrevistas semi-estruturadas com linguistas .....	47
9. Discussão de dados qualitativos .....	53
Conclusão .....	62
Referências bibliográficas .....	67
Índice de Apêndices .....	71

## **Índice de tabelas**

Tabela 1 – Incidência de estrangeirismos por anos .....	32
Tabela 2 – Palavras estrangeiras mais incidentes .....	33
Tabela 3 - Incidência de estrangeirismos por línguas .....	35
Tabela 4 – Incidência de estrangeirismos por línguas em 2001 .....	36
Tabela 5 – Incidência de estrangeirismos e relação com as novas tecnologias .....	36

## Introdução

Uma série de avanços tecnológicos vem revolucionando a maneira como o brasileiro se entretém, se informa e se comunica desde as últimas décadas do século XX. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua sobre Tecnologia da Informação e Comunicação (PNAD Contínua TIC) realizada em 2018 e divulgada em 29 de abril de 2020 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 79,1% dos domicílios brasileiros tinham acesso à internet de banda larga em 2018, índice 4,2 pontos percentuais superior ao encontrado na aferição de 2017, quando 74,9% das residências possuíam acesso à internet de alta velocidade (PNAD Contínua TIC 2018, 2020). Esta mesma pesquisa mostra que, neste mesmo período, a quantidade de domicílios brasileiros com acesso à internet pelo telefone celular avançou de 93,2% para 99,2% e que houve crescimento do uso da rede mundial de computadores em todos os grupos etários.

A ampliação do alcance da internet, da banda larga e dos celulares à maior parte da população brasileira foi concomitante a um outro fenômeno: mudanças no léxico da língua, com a criação de uma série de neologismos relacionados a esse contexto tecnológico e a introdução de novos estrangeirismos alusivos ao universo da tecnologia na língua oficial do País, que vamos chamar neste trabalho de Português Brasileiro, a mesma expressão utilizada pela versão *online* do Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa para designar o idioma falado no Brasil. Os estrangeirismos e neologismos que surgem a partir de línguas estrangeiras acabam sendo incorporados ao Português Brasileiro e reproduzidos pelos meios de comunicação de massa, com maior ou menor incidência, dependendo do tipo de veículo e de sua respectiva audiência.

O uso de palavras estrangeiras não costuma ser recomendado pelas cartilhas que guiam a escrita dos jornalistas brasileiros. Os Manuais de Redação dos principais jornais e revistas do País costumam classificar o uso de neologismos como um preciosismo que dificulta a compreensão da leitura e deixa o texto pretensioso e pedante. A recomendação padrão é para a utilização do correspondente no Português Brasileiro quando ele existir. Assim, aspiramos descobrir se há um *gatekeeping* em relação aos estrangeirismos em nosso *corpus*: a revista *Superinteressante*, um periódico de



divulgação científica voltado para o público jovem publicado mensalmente no Brasil pela Editora Abril, desde 1987.

O principal objetivo deste trabalho é compreender o uso dos estrangeirismos na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019. A escolha deste *corpus* contempla ao menos dois aspectos relevantes para este estudo, por ser, primeiramente, uma publicação dirigida à divulgação científica, com olhos voltados para as revoluções tecnológicas em curso, onde encontraremos escopo para nossa análise; além de ter como público-alvo o leitor jovem, consumidor das tecnologias responsáveis pela revolução linguística a qual pretendemos abordar.

O ângulo escolhido para nossa análise é o da teoria crítica da Escola de Frankfurt, com uma atenção especial para as transformações sociais, políticas e econômicas em torno das revoluções tecnológicas que são tema deste trabalho. A opção temporal, pelos 20 anos que compõem as duas primeiras décadas do século XXI, baseia-se em teóricos como Crystal (2005), que apontam o período como divisor de águas para o que o autor chama de “início de uma nova era linguística” (p.14); e Castells (2005), para o qual este é um dos raros intervalos históricos em que o mundo teve sua cultura material transformada por meio de um novo paradigma tecnológico, organizado em torno da tecnologia da informação.

Os objetivos específicos deste trabalho são: quantificar os estrangeirismos predominantes na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019; medir o uso de estrangeirismos anglo-saxônicos na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019; aferir o uso de estrangeirismos relacionados às novas tecnologias na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019; identificar as motivações que levaram os jornalistas/editores da revista *Superinteressante* a fazer uso de estrangeirismos entre 2000 e 2019; e entender a relação entre o uso dos estrangeirismos na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019 e as alterações lexicais do Português Brasileiro.

Esta pesquisa foi desenvolvida com base na seguinte pergunta de partida: quais as características do uso de estrangeirismos na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019?

Assimilar a relação entre as mudanças lexicais no Português Brasileiro, a incorporação de estrangeirismos advindos das novas tecnologias e a influência dessas

novas palavras na escrita dos jornalistas brasileiros são algumas das motivações acadêmicas desta pesquisa, desenvolvida a partir de uma temática contemporânea, de grande importância para a área científica da Comunicação Social, no campo do Jornalismo.

O Jornalismo é um dos campos onde as questões concernentes ao imperialismo cultural se travam. Entretanto, percebem-se testemunhos das influências, tensões e manifestações de poder que se publicam nos veículos de comunicação de massa, no caso, redigidos em Português Brasileiro, em nível de mensagem e também em nível da língua que suporta a mensagem.

Este estudo se enquadra na vertente de Jornalismo do Mestrado em Comunicação Social do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa e pretende ser um contributo para as áreas prioritárias de Comunicação e Língua Portuguesa, e Jornalismo e Sociedade.

Após a introdução, que situa o enquadramento teórico, seguem-se capítulos com opções metodológicas, apresentação e discussão de dados quantitativos, apresentação de dados qualitativos, discussão de dados qualitativos e global, e conclusão.

## **1. Enquadramento teórico**

### **1.1. A teoria crítica e a Escola de Frankfurt**

A teoria crítica, tal como foi desenvolvida pela Escola de Frankfurt, designa os trabalhos de um grupo de académicos do Instituto de Investigação Social Aplicada de Frankfurt, na Alemanha. Filósofos e sociólogos como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Leo Löwenthal e Walter Benjamim, entre outros, tiveram um papel crucial nos estudos desenvolvidos por esse grupo, discípulo do pensamento marxista, principalmente a partir da década de 1930. Apesar desses pensadores desenvolverem trabalhos e teorias distintas, a crítica mordaz ao capitalismo e à sociedade industrial é ponto de intersecção na obra de todos.

Para McQuail (2003), os projetos da Escola de Frankfurt estavam ligados à necessidade de examinar as mudanças sociais previstas por Karl Marx, explicando a capacidade das ideias e ideologias representadas pelos veículos de comunicação de massa de subverter as forças das mudanças económicas em seus aspectos materiais e históricos.

Max Horkheimer foi o primeiro pensador da Escola de Frankfurt a formular um conceito de teoria crítica, fazendo oposição à teoria tradicional cartesiana do início da filosofia moderna, que separava indivíduo de sociedade, eliminando as contradições da *praxis* social. No ensaio Teoria Tradicional e Teoria Crítica, publicado pela primeira vez em 1937, o filósofo e sociólogo alemão avalia o uso que os cientistas sociais fazem das teorias tradicionais, características de trabalhos das ciências naturais, como a física e a matemática, por exemplo. Seguindo a lógica de Durkheim, Horkheimer (1972) não enxerga a classificação de processos sociais por meio de inventários empíricos como um bom caminho para esse tipo de estudo, embora, para o autor, a estrutura do comportamento crítico esteja tão próxima das ciências naturais quanto das disciplinas sociais.

A teoria crítica da sociedade não se configura, porém, como uma oposição à ciência tradicional em sua essência ao analisar a ideologia e a sociedade. Os adeptos dessa teoria buscam contribuir criticamente para uma compreensão mais ampla do tempo presente, com uma atenção especial para as transformações sociais, políticas e

econômicas em curso no mundo. Para Horkheimer (1972), a teoria crítica não se vislumbra como uma simples formulação de ideias e pensamentos em um determinado momento, o que não a diferenciaria dos demais ramos da ciência, trata-se de manter um comportamento crítico em relação às diferenças de classes sociais, uma oposição à ordem burguesa, e uma orientação pela emancipação. “A questão, contudo, não é simplesmente a teoria da emancipação; é a prática dela também” (Horkheimer, 1972, p. 223).

Outros autores utilizaram um olhar frankfurtiano para analisar o comportamento da mídia brasileira. Segundo Coelho (2008), para entender os processos comunicacionais contemporâneos é preciso compreender o papel ideológico da publicidade, com a qual, de acordo com este autor, o jornalismo vem se confundindo ao desempenhar um papel de organizador da cultura, entendimento que só é possível se estes processos comunicacionais se situarem no contexto da hegemonia ideológica neoliberal.

Em outro estudo recente que se debruçou sobre a Teoria Crítica para refletir sobre a semiformação em tempos de cibercultura, de Jesus Santos et al. (2019) ressaltam que a sociedade mediada pelas tecnologias propicia uma falsa ideia de liberdade aos indivíduos e, com sua ambivalência, traz consigo uma série de fluxos e possibilidades imprescindíveis para um pensamento sobre a democratização da informação.

Outros paradigmas poderiam ser adotados para nortear nossa dissertação. Um deles é o conceito de centro/periferia de Shils (1962), para o qual, a linguagem — e tudo o que está contido e é transmitido por ela — é o elo de ligação entre o centro (as instituições centrais governadas pelas elites e os valores que guiam e legitimam essas instituições) e a periferia (os membros da sociedade de massa). Para Shils (1962), “o compartilhamento de um idioma é o compartilhamento da qualidade essencial que confere associação à sociedade” (p. 51). A utilização desta teoria, no entanto, dificultaria nossa análise, uma vez que este teórico tece, neste mesmo trabalho, críticas ao conceito de sociedade de massa, intrinsicamente ligado a nosso tema de estudo.

Para nossa análise do uso de estrangeirismos na *Superinteressante* optamos pelo paradigma da teoria crítica vislumbrado por Horkheimer (1972), com vistas para a emancipação e o comportamento crítico, uma compreensão mais ampla do tempo presente e uma atenção para as transformações sociais, políticas e econômicas em curso, em especial, as revoluções tecnológicas.

## **1.2. O imperialismo cultural e a influência sobre o modo de produção jornalística**

A influência do imperialismo cultural norte-americano sobre o modo de produção jornalística brasileira tem, neste trabalho, uma abordagem inspirada nos estudos de Schiller (1975), que conceitua o imperialismo cultural como:

...a soma dos processos pelos quais uma sociedade é trazida para o sistema mundial moderno e como seu estrato dominante é atraído, pressionado, forçado e às vezes subornado para moldar as instituições sociais a fim de corresponder, ou mesmo promover, os valores e estruturas do centro dominante do sistema (p. 9).

As fontes, o caráter e o conteúdo dos fluxos de informações entre as nações refletem e carregam, de acordo com Shiller (1975), a marca de antigas conexões imperiais, além de quase sempre revelarem aspectos de relações de comando e obediência. Este teórico chama atenção ainda para o fato dos dominados estarem se despertando lentamente para a importância da comunicação na luta por sua existência e independência cultural, consciência que é ainda maior entre os dominadores, que contam com sofisticada tecnologia de comunicações (desenvolvida no programa espacial), técnicas de persuasão, manipulação e penetração cultural, que são cada vez mais importantes no exercício do poder americano.

Além disso, segundo Schiller (1975), o acúmulo de várias décadas de experiência em marketing doméstico é agora liberado em todo o mundo por meio de um sistema desenvolvido para vender o derramamento de bens de consumo da indústria,

experiência que também se aplica agora à venda global de ideias, gostos, preferências e crenças. A produção e a disseminação de informação se tornam atividades importantes e indispensáveis neste contexto, com mensagens, imagens, estilos de vida e técnicas de informação *made-in-America* sendo divulgadas e imitadas globalmente.

O imperialismo cultural descrito por Schiller (1975) se desenvolve em um sistema mundial sob o qual há um mercado único. Os termos e o caráter de produção são determinados no núcleo desse mercado, irradiando para fora, o que, para este autor, beneficia os interesses das classes dominantes. Para a preservação do sistema, é necessária a manutenção de uma camada ou de camadas intermediárias, com terceiras forças, classes médias e um pluralismo informacional como palavras de ordem para a manutenção do sistema.

O setor de comunicação cultural do sistema mundial necessariamente se desenvolve de acordo e facilita as metas e objetivos do sistema geral. Um fluxo de informação em grande parte unidirecional do núcleo para a periferia representa a realidade do poder. O mesmo acontece com a promoção de uma única língua - o inglês. Uma tecnologia de comunicação rápida e abrangente (satélites e computadores) é procurada, descoberta e desenvolvida. Sua utilização exibe uma estreita correspondência com a estrutura e as necessidades dos elementos dominantes no núcleo do sistema (Schiller, 1975, p. 6).

A dominação cultural tem suas raízes, segundo este mesmo autor, na dominação econômica, advinda principalmente das corporações multinacionais. A dominação econômica se estende, por conseguinte, à produção e disseminação cultural e comunicacional, organizada pelos impérios empresariais, como forma de garantir os mercados mundiais e a lucratividade, sendo obrigados, para isso, a influenciar e a dominar os espaços culturais e informacionais que os separam do controle total de seu ambiente global. Essa dominação se reflete em vários setores das sociedades dominadas, como a mídia, a educação e o turismo, por exemplo, que, na visão de Schiller (1975), serve a vários fins, todos benéficos à ordem dominante, como fonte de lucro

para as empresas monopolistas que atendem ao tráfego de pessoas, a maioria dessas empresas baseadas em países centrais.

No que concerne ao aspecto comunicacional, Schiller (1975) evidencia as relações imperialistas descrevendo os esforços de grupos empresariais de comunicação, representados notadamente pela *Associated Press*, para quebrar a hegemonia de agências de notícias europeias, especificamente da Grã-Bretanha e da França, ações que surtiram efeito inclusive na política, com o reconhecimento do governo de Washington sobre a poderosa importância da liberação dos fluxos de informação como estímulo para o intercâmbio de ideias e bens, com efeitos econômicos e políticos bastante implícitos:

a questão do fluxo livre de informações forneceu aos políticos americanos um argumento cultural poderoso para criar suspeitas sobre uma forma alternativa de organização social. Assim, ajudou a enfraquecer o enorme interesse popular na Europa e na Ásia, no fim da guerra, em uma ou outra variedade de socialismo (p. 30).

Ainda antes do fim da Segunda Guerra Mundial, os norte-americanos teriam, segundo Schiller (1975), transformado a ideia de fluxo livre de informação em uma política ideológica formal, com apoio dos conglomerados de imprensa e dos congressistas, que aprovaram resoluções que conclamavam os editores a seguirem uma série de recomendações em relação à liberdade de informação e à não restrição do fluxo de notícias pelo mundo, levando o governo dos Estados Unidos da América a anunciar que planejava conversas exploratórias com outras nações para buscar entendimentos internacionais que garantissem que não haveria barreiras ao intercâmbio de informações entre todas as nações.

De acordo com este mesmo teórico, a Sociedade Americana de Editores de Jornais promoveu na mesma época uma turnê por mais de 20 cidades que considerava de importância capital em todo o mundo, em conjunto com a *Associated Press* e a *United Press International* (UPI), para disseminar os conceitos de imprensa livre, que os norte-americanos acreditavam ser arma contundente para instalar a paz mundial no pós-

Guerra, ao mesmo tempo em que fincavam raízes imperialistas em todo o mundo, através da presença global de suas agências de notícias.

Essa noção de fluxo livre de informação é essencial para entendermos o enraizamento imperialista do modo de produção jornalística em todo mundo e, por conseguinte, a influência desse pensamento ideológico sobre a escrita dos jornalistas brasileiros, refletindo na introdução de estrangeirismos nas notícias que divulgam as tecnologias provenientes desse mundo imperialista.

Outro autor que se debruçou sobre os estudos do imperialismo econômico-político-cultural dos Estados Unidos foi Beltran (1978), que focou atenção no caso da América Latina. Para este autor, as relações imperialistas são configuradas quando um país forte e central exerce domínio sobre países fracos e periféricos. Segundo o estudioso, o imperialismo cultural pode ser notado “quando a cultura de um país central e dominante é unilateralmente imposta sobre os países periféricos que domina às custas de sua integridade cultural” (p. 185).

Os Estados Unidos dominam a América Latina sob vários aspectos. O econômico, segundo Beltran (1978), é o principal deles, com uma relação de troca econômica caracterizada por desigualdades brutas: a América Latina servindo como fonte de matérias-primas baratas e mercado cativo para caros produtos manufaturados, em um desequilíbrio comercial crônico, que dificulta planos e ações desenvolvimentistas.

Este autor ainda menciona outros fatores de dominação econômica, como os empréstimos obtidos pelos países latino-americanos com altas taxas de juros, tarifas exorbitantes e restrições de exportações de produtos latinos para o território norte-americano, além dos ganhos excessivos de capital com baixa taxa sobre o repatriamento de lucro sobre os investimentos nestes países.

Além da dominação econômica, Beltran (1978) cita ainda o controle político que sustenta essas relações econômicas injustas:

Muitas das principais decisões políticas que afetam a vida nesta parte do mundo são consequência direta de decisões tomadas unilateralmente nos Estados Unidos pelo governo ou por preocupações transnacionais privadas. E outros



fabricados na América Latina são o resultado de pressões dos Estados Unidos. Com apenas algumas exceções de curta duração, os Estados Unidos têm sistematicamente tomado partido na América Latina de governos conservadores e autoritários, militares ou civis, que ajudam a garantir a continuidade de seu domínio. De maneira consistente, os EUA se opuseram a todas as tentativas realizadas na América Latina para obter mudanças sociais, econômicas e políticas na direção da emancipação (p. 184).

É lógico, para este autor, esperar que um país que exerça domínio político-econômico, também influencie culturalmente a outra nação. O teórico lembra que os Estados Unidos exercem seu imperialismo cultural sobre o mundo todo, em graus variados, por meio de mecanismos diversos. O estudioso cita alguns desses mecanismos - a influência sobre escolas e universidades, o turismo e o proselitismo religioso, a transferência de ciência e tecnologia - e reforça que “a comunicação de massa se tornou o instrumento ideal para o imperialismo cultural dos Estados Unidos” (p. 185).

Analisando especificamente o caso da América Latina, Beltran (1978) identificou as agências internacionais de notícias e de publicidade; as empresas de telecomunicações, opinião pública, marketing e relações públicas; as empresas multinacionais que atuam como anunciantes; os exportadores de equipamentos, tecnologias de comunicação e materiais de programação impressos, auditivos e audiovisuais; e as agências oficiais de propaganda e de segurança oficial como alguns dos mecanismos públicos e privados por meio dos quais a comunicação carrega a influência cultural dos EUA para a América Latina.

A magnitude da influência da comunicação dos Estados Unidos nos países latino-americanos indica claramente, para este teórico, que essa dominação não pode ser considerada inconsequente para as culturas desses países, que terão sua integridade e sua emancipação político-econômica ameaçadas enquanto prevalecer esse tipo de relação cultural.

Outros autores abordaram as questões imperialistas recentemente em seus estudos. Mirrless (2016) discorreu sobre o imperialismo cultural norte-americano em

um artigo que destaca que o desenvolvimento econômico, militar e comunicacional pós-11 de setembro apoia uma teoria refinada e renovada do império dos Estados Unidos e o imperialismo cultural exercido sobre o restante do planeta.

Para este autor, a força econômica e militar incomparável dos Estados Unidos é complementada e entrelaçada com concentrações capitalistas de comunicações e poder da mídia, fazendo com que o país continue como o centro dominante do sistema de comunicações mundial.

Há ainda o conceito de imperialismo linguístico da língua inglesa, debatido por Robert Phillipson em sua relevante obra *Linguistic Imperialism*, publicada originalmente em 1992. Não obstante realçar que esta teoria carece de análises mais rigorosas e fundamentadas, o teórico afirma que o imperialismo cultural deixou um legado linguístico desfrutado até os dias presentes. Em artigo ulterior (1997), este autor reaprecia e esclarece o conceito de imperialismo linguístico:

No meu uso, o imperialismo lingüístico é uma construção teórica, planejada para dar conta da hierarquização lingüística, para abordar questões de por que algumas línguas passam a ser mais usadas e outras menos, quais estruturas e ideologias facilitam tais processos e o papel dos profissionais da língua (p. 238).

Um outro estudo sobre imperialismo cultural lança um olhar para uma parte distinta do planeta, versando sobre a influência da cultura brasileira sobre a porção leste do Paraguai. Valverde (2013) chama a atenção para uma hegemonia territorial que ultrapassa as discussões sobre propriedade de terras na fronteira, mostrando o controle brasileiro em diversos aspectos, incluindo a comunicação, a educação, a cultura e a definição de padrões de consumo. O autor conclui que a troca de produtos culturais entre os dois países é unilateral e que a relação de dominação não é sensível nem a detalhes como as diferenças linguísticas entre as nações vizinhas. O trabalho de Valverde, assim como outros estudos sobre outras questões, elucida que o imperialismo cultural não é domínio único da língua inglesa ou da cultura anglo-saxônica.

### 1.3. *Gatekeeping* linguístico

O *gatekeeping* é uma das teorias mais antigas nas pesquisas em comunicação de massa. Shoemaker, Eichholz, Kim & Wrigley (2001) conceituam o *gatekeeping* como um processo pelo qual uma vasta gama de possíveis mensagens noticiosas é peneirada e modelada até ser transmitida pelos veículos midiáticos. Os autores lembram que o psicólogo Kurt Lewin teria sido o primeiro a propor um processo de *gatekeeping* em uma pesquisa sobre mudanças sociais pós-Segunda Guerra Mundial. Em seu estudo, Lewin já havia sugerido que sua teoria - de como “itens” são selecionados ou rejeitados ao passarem por canais - poderia ser aplicada ao fluxo de notícias.

A teoria de Lewin ganharia uma primeira adaptação para os veículos de comunicação de massa com a pesquisa de White (1950), que acompanhou as escolhas do editor de um jornal impresso de uma cidade de médio porte dos Estados Unidos durante uma semana. Esse profissional foi apelidado de Mr. Gates neste artigo de White (1950). O objetivo, segundo o cientista, era descobrir por que esse editor selecionava ou rejeitava as notícias enviadas pelas três grandes agências que lhe supriam com material. Para isso, ele teve acesso a todos os textos que chegavam pelas agências de notícias e pode compará-los quantitativamente às histórias publicadas pelo jornal de Mr. Gates. Em uma outra etapa do estudo, qualitativa, o pesquisador entrevistou o editor. A principal constatação foi de que certos padrões eram aparentes nas histórias que o editor escolhia publicar e que o *gatekeeper* tendia a optar pelo “conservador”, não apenas na acepção política do termo, mas também na estilística das histórias: “sensacionalismo e inovação pareciam ser evitados de forma consistente” (p. 388-9).

O processo de *gatekeeping*, segundo Shoemaker et al. (2001), deve ser pensado como algo além de uma mera seleção de notícias. Para um entendimento melhor do termo, devemos considerar ainda a maneira como as mensagens são moldadas, programadas para disseminação e manipuladas. Na comunicação de massa, o *gatekeeping* pode ser visto como o processo geral pelo qual a realidade social transmitida pelos veículos é construída.

Dos estudos mais recentes sobre o *gatekeeping*, um deles chama atenção especial por destacar o novo poder adquirido por blogueiros e comentaristas *online* sobre as pautas dos jornais convencionais. A comunidade *online* presta, segundo Bruns

(2014), um importante serviço na curadoria e avaliação de notícias e informações fornecidas por fontes oficiais, prática descrita por este autor como *gatewatching*. O artigo conclui que é preciso aceitar que os jornalistas perderam o espaço como *gatekeepers* e agora fazem parte de um grupo de atores sociais envolvidos com as notícias. As audiências, de acordo com este autor, são capazes de ignorar os jornalistas para acessar em primeira mão informações de fontes diversas.

Outros pesquisadores se preocupam com a perda de poder do jornalista como *gatekeeper*. Em um estudo de caso a partir de três redações *online* e entrevistas com três dezenas de profissionais, Tandoc Jr. & Vos (2016) constataram que os jornalistas estão reformulando suas normas e rotinas em torno das mídias sociais, tentando equilibrar a autonomia editorial com a crescente influência exercida pelo público. A conclusão é de que “o *gatekeeping* não culmina mais na publicação de uma história, pois não há mais facilidade em alcançar o público em um ambiente *online* saturado de informações” (p. 961).

Em outro artigo, Cavallini & Nunes (2014) utilizam a teoria do *gatekeeping* para mostrar de que forma a revista portuguesa *Se7e*, especializada em música, direcionava o gosto do leitor nos anos 1980, formando opinião em relação à percepção sobre a Música Popular Brasileira (MPB). Os autores concluem que os jornalistas da revista atuavam como “*gatekeepers* do gosto” ao impor filtros editoriais que refletiam um gosto pessoal, que pode ter sido fundamental na formação de opinião dos leitores quanto ao gênero MPB.

Neste trabalho, por meio de entrevistas semi-estruturadas, que comporão a segunda etapa qualitativa do estudo, a pretensão é identificar se há um *gatekeeping* linguístico, uma política de controle ideológico sobre as palavras estrangeiras publicadas nas reportagens da *Superinteressante* e, ainda, se essas palavras estrangeiras são substituíveis por outras do Português Brasileiro e se o uso da terminologia em outra língua é decisão consciente dos repórteres e editores.

## **2. A língua e sua evolução**

### **2.1. Conceitualização: os estrangeirismos como parte da evolução da língua**

O filósofo russo Bakhtin (1929), que passou a influenciar grande parte dos estudos sobre linguagem no Brasil, principalmente a partir de meados da década de 1980, já dizia que a língua é viva. Para este teórico, do ponto de vista objetivo, não há na língua um sistema de normas rígidas e imutáveis. Pelo contrário, a língua está sempre em evolução e, “no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico” (p. 97). A língua constitui um código mutável que, segundo Gois (2008), integra as relações humanas, sofre modificações e participa das mudanças nas sociedades. Em um estudo publicado em 1926, Marr diz que “a língua é uma criação da sociedade, oriunda da intercomunicação entre os povos provocada por imperativos econômicos; constitui um subproduto da comunicação social” (como citado em Bakhtin, 1929, p. 268). Este trabalho fará uma abordagem conceitual de língua como no pensamento destes três autores, um código vivo, mutável, em constante evolução, que contém conteúdo ideológico e é proveniente da intercomunicação entre os povos.

Qualquer língua tem flexibilidade em seu léxico, segundo Xatara (2001), estando aberta à incorporação de novas palavras, assim como a criação e arcaização de outras já existentes. Para esta autora, os estrangeirismos são parte desse processo de enriquecimento linguístico. Não é por acaso que a linguística, que é a ciência que estuda a língua, esteja, aos olhos de Bakhtin (1929), voltada para a palavra estrangeira, refletindo “o imenso papel histórico que a palavra estrangeira desempenhou no processo de formação de todas as civilizações” (p. 102). Faraco (2001) define os estrangeirismos como “palavras e expressões de outras línguas, usadas correntemente em algumas áreas do nosso cotidiano” (p. 9) e Gois (2008) trata os estrangeirismos como empréstimos: “uma unidade lexical estrangeira, ao integrar a língua nacional, representa um empréstimo lingüístico. A esse neologismo intitula-se estrangeirismo” (p.16). Os estrangeirismos, segundo Câmara Jr. (1989), são “aquisições estrangeiras que uma língua faz em virtude das relações políticas, comerciais ou culturais, propriamente ditas, com povos de outros países” (p. 269). Os estrangeirismos serão abordados nesta pesquisa como nos autores citados acima: a palavra estrangeira como parte de um processo histórico de enriquecimento linguístico, integrando o Português Brasileiro por

meio de relações políticas, comerciais e culturais, sendo incorporada na linguagem cotidiana.

## **2.2. Os estrangeirismos no Português Brasileiro**

A introdução de estrangeirismos no Português Brasileiro não é fenômeno recente. Os estudiosos Assis-Peterson & Cox (2007) lembram que antes de mesclar palavras do inglês ao léxico, não só o Brasil, mas o mundo todo experimentou um namoro com línguas como o latim e o francês que eram mais um subterfúgio de domínio cultural das elites. Segundo estes autores, intelectuais e dirigentes usavam essas duas línguas para valorizar sua erudição, o que não acontece com o inglês, que começou a ser incorporado às diversas línguas em todo o mundo por conta da dominação econômico-político-cultural anglo-saxônica e, mais recentemente, pela população reunida no ciberespaço.

Assis-Peterson & Cox (2007) pontuam que nunca na história as pessoas desejaram tanto falar inglês, mesmo que odeiem a língua e o imperialismo cultural norte-americano. Os autores lembram que a incorporação do inglês a outras línguas teve origem no imperialismo cultural norte-americano, fato que torna-se relativamente secundário hoje em dia, já que o inglês “se desprende de suas raízes e ganha existência própria como idioma desterritorializado, apto a ser camaleonicamente apropriado, re-significado, re-entoadado por falantes de diferentes línguas maternas nas interações entabuladas nos fluxos comunicacionais imprevisíveis da modernidade-mundo” (Assis-Peterson & Cox, 2007, p. 8).

Com a popularização da internet, tornou-se praticamente impossível, de acordo com Gois (2008), passar ileso a um estrangeirismo e, além das trocas de informação, a interação entre as pessoas só tende a aumentar nos próximos anos. Para o estudioso, o mundo interligado dificulta a construção de uma rede de significados, tradições e valores culturais que representem uma nação e as culturas dominantes conhecem bem sua capacidade de impor determinados valores. Dessa forma, na visão de Gois (2008), a língua constitui uma ferramenta de dominação por meio do discurso globalizado, fenômeno que é pouco percebido pelas sociedades que absorvem e aceitam passivamente esse tipo de mudança sociocultural. A comunicação de massa e o processo

de informatização supervalorizaram a internacionalização da comunicação, principalmente com o surgimento da internet.

Outro autor que estuda esse processo é Mancebo (2002), que pontua que os avanços tecnológicos aumentaram a intensidade dos fluxos de informação, levando as pessoas a interagirem com novas culturas e provocando uma tolerância cada vez maior à diversidade. Para este autor, há uma preocupação acerca das identidades culturais, que podem não passar imunes em meio à diversidade e às mudanças provocadas pela globalização. A questão não é, segundo o pesquisador, sair em defesa de identidades locais ou universais identitários, mas rever criticamente o processo de globalização com todos os seus instrumentos midiáticos “e a própria referência identitária como tábua de salvação, em prol de uma singularização e da possibilidade de reinventar a vida” (Mancebo, 2002, p. 295).

No final dos anos 1990, um político proeminente tentou, sem sucesso, frear a introdução de estrangeirismos na língua portuguesa falada no Brasil. Dentre outras determinações, o Projeto de Lei 1676/1999, de autoria do Deputado Federal Aldo Rebelo, do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), tornava obrigatório o uso da língua portuguesa por brasileiros natos e naturalizados e pelos estrangeiros residentes no país há mais de um ano, além de considerar lesivo ao patrimônio cultural brasileiro todo e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira, instituindo a Academia Brasileira de Letras (ABL) como entidade consultiva, com poder de regulação de políticas linguísticas. De acordo com Garcez (2004), o texto de Aldo Rebelo chegou a ser aprovado na Câmara dos Deputados em 28 de março de 2001, mas ganhou um substitutivo durante a tramitação no Senado, a câmara alta do Legislativo brasileiro, desfigurando completamente a tentativa purista de barrar o uso de estrangeirismos no país.

Sem uma lei para impedir o uso de estrangeirismos no Brasil, eles correspondiam, de acordo com Alves (2001), a 17% dos neologismos coletados entre os anos de 1993 e 2000 pela Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo, que integra o Projeto Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo (Projeto TermNeo, que compila dados de um *corpus* jornalístico). Naquela mesma época, Xatara (2001) identificava a incidência de três tipos de estrangeirismos no Português Brasileiro: os incorporados ao léxico da língua, como *flash*

*back e réveillon*; os que convivem com termos vernáculos e já foram assimilados pela sociedade, como *delivery, hot dog e self service*; e os neológicos, que às vezes demoram a receber um correspondente, como *software e mouse*.

Mais recentemente, o uso de estrangeirismos no Português Brasileiro tem sido tema recorrente de estudos que utilizaram a imprensa como *corpus*. Timbane & Alves (2017) analisaram 20 reportagens e artigos de opinião do *Jornal do Tocantins* que tinham como tema os Jogos Olímpicos Rio 2016 para identificar e compreender a formação de neologismos relacionados ao universo esportivo. A pesquisa identificou 25 casos de manifestações neológicas nos 20 textos selecionados como *corpus*: 12 neologismos formais e 13 por empréstimos. Os principais neologismos encontrados pelos pesquisadores são corruptelas de expressões provenientes da língua inglesa utilizadas para nomear novos esportes e eventos que surgiram com o advento dos Jogos Paralímpicos, como *paralimpíada, parapan* ou *surdolimpíada*, entre outros.

Segundo estes autores, o registro dessas novas palavras acompanha as mudanças no dia-a-dia da comunidade de falantes abrangida pela publicação analisada. Para Timbane & Alves (2017), “esse processo está imbricado na cultura de nossa gente que assimila a novidade, mas, de forma inovadora, apropria-se desses elementos incorporando-os à nossa brasilidade” (p. 23). Esta pesquisa se diferencia do estudo de Timbane & Alves (2017) metodologicamente e teoricamente: a pretensão é de trazer contributos maiores para a área da Comunicação Social, ao passo que estes autores se apoiaram essencialmente em teorias linguísticas, além de imprimir um teor mais crítico ao imperialismo cultural anglo-saxônico.

Com o objetivo de analisar o processo de formação de palavras no Português Brasileiro, Alves (2013) extraiu dados do jornal *Folha de São Paulo* em 2011, para compara-los aos resultados obtidos pelos pesquisadores do projeto *TermNeo: Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo*, da Universidade de São Paulo (USP), um banco de dados sobre os estrangeirismos utilizados por revistas e jornais brasileiros entre 1993 e 2000. A cientista classificou as 1787 palavras encontradas na *Folha de São Paulo* de acordo com idioma, área temática e subtipo de estrangeirismo. A ideia era observar se haveria prevalência de um tipo de empréstimo



sobre outros e também se haveria influência das línguas e áreas temáticas nas unidades linguísticas analisadas.

Os estrangeirismos em língua inglesa foram os mais encontrados na pesquisa de Alves (2013), totalizando 73% das palavras extraídas do *corpus*. O projeto *TermNeo* havia contabilizado 78% de anglicismos. A acadêmica classificou ainda os estrangeirismos em língua inglesa por área temática, sendo 40% da área de tecnologia/informática. Apenas 8% dos verbetes do projeto *TermNeo* eram relacionados à tecnologia e outros 4% à informática. Os dados encontrados por Alves (2013) demonstram um crescimento do número de palavras relacionadas a tecnologia/informática, o que a autora explica pela disseminação de artefatos tecnológicos entre uma década e outra. O artigo conclui que a influência econômica, cultural e tecnológica dos Estados Unidos é refletida na linguística. A pesquisa de Alves (2013) se assemelha muito a este estudo, mas possui diferenças metodológicas e teóricas: a atenção aqui está mais voltada para a Comunicação Social, ao passo que o projeto desta outra autora se utiliza, preponderantemente, de teorias linguísticas.

Também voltando sua atenção para a imprensa brasileira como *corpus*, Valadares (2013) desenvolveu uma tese de Doutorado sobre o uso de estrangeirismos no Português Brasileiro sob a perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Entre os objetivos do autor estavam a análise dos processos de implementação de mudança linguística por meio do uso de palavras estrangeiras nas revistas *Época*, *Veja* e *IstoÉ*; e a exposição de como o uso desencadeia a ampliação do léxico do Português Brasileiro, levando também à ampliação semântica. O acadêmico concluiu que algumas palavras estrangeiras que compõem o léxico do Português Brasileiro estão em fase final de implementação de mudança linguística. Há ainda outras palavras em fase inicial e outras com baixa ocorrência, que tendem a desaparecer com o tempo, devido à restrição de uso e adoção pela comunidade linguística. Esta análise do uso de estrangeirismos pela imprensa brasileira não trará grandes contributos para a Linguística, como na tese de Valadares (2013), mas sim para a área da Comunicação Social, com foco na produção jornalística e a crítica ao imperialismo cultural.

### 3. O inglês como língua oficial da revolução tecnológica

Para entender o processo de internacionalização da comunicação, é essencial recorrer à origem da revolução tecnológica em curso no mundo. As últimas décadas do século 20 marcaram para Castells (2005) um dos raros intervalos históricos em que o mundo teve sua cultura material transformada por meio de um novo paradigma tecnológico, organizado em torno da tecnologia da informação.

A revolução da tecnologia da informação teria começado nos anos 1970, com a criação e comercialização dos principais produtos e tecnologias ligadas às comunicações como as conhecemos hoje (a ARPA, que originou a internet, em 1969; a fibra ótica em 1970; o microprocessador em 1971; o microcomputador em 1975; entre outras tecnologias).

Segundo Castells (2005), as transformações tecnológicas do mundo digital se expandem exponencialmente e podem ser comparadas às duas revoluções industriais: a das últimas décadas do século XVIII, caracterizada pela substituição das ferramentas de trabalho manuais pelas máquinas; e a da segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento da eletricidade, de produtos químicos com base científica, motores de combustão interna e o telégrafo, entre outras invenções. As transformações tecnológicas em curso se comparam a esses momentos históricos na medida em que induzem um padrão de descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura, e que penetram em todos os domínios da atividade humana: “a difusão da tecnologia amplifica seu poder de forma infinita, à medida em que os usuários apropriam-se dela e a redefinem” (p. 69).

Este pensador chama a atenção para o fato de criadores e usuários modificarem e assumirem o controle da tecnologia, como no caso da internet. Assim, a mente humana vira, pela primeira vez na história, uma força direta de produção e não somente mais um elemento do sistema produtivo. Computadores e sistemas de comunicação funcionam como amplificadores, uma extensão da mente humana. A fim de saber como ocorreram essas mudanças tão intensas em um período tão curto de tempo e porque elas são tão revolucionárias, o autor faz uma retomada das principais transformações que caracterizaram a revolução industrial. Para ele, as duas revoluções industriais supracitadas, que se difundiram por todo o sistema econômico, permeando todo o

tecido social, revolucionaram a vida no sentido de expandir e aumentar a força do corpo humano. Da mesma forma, a revolução tecnológica ainda em curso promove um movimento semelhante rumo à expansão da mente humana.

Abordar a revolução tecnológica, representada pela internet e todos esses aparatos eletrônicos subjacentes a ela, só faz sentido em nosso trabalho em conjunto com a abordagem de uma outra revolução concomitante: a da linguística. O início do século XXI marcou, para Crystal (2005), o alvorecer de uma nova era linguística. Um dos indícios de que essas mudanças estariam ocorrendo teria sido a designação de 2001 como o Ano Europeu das Línguas, o que, para o autor, evidenciava a importância não só das línguas nativas europeias, como de todas as línguas faladas no continente, incluindo as de minorias africanas e asiáticas, como expressão de identidade cultural e como meio de entendimento nacional e internacional, abrindo portas para um mundo cultural e comercial mais amplo. O autor lembra ainda que, em 1999, a Unesco decretou o 21 de fevereiro como o Dia Internacional da Língua Materna, data que homenageia a morte de estudantes que, em 1952, defendiam o reconhecimento do bangla como língua oficial do Paquistão Oriental (área que se tornou independente em 1971, se transformando em um novo país, o Bangladesh).

A segunda metade do século XX, especialmente a década que se encerrou no ano 2000, revolucionou a língua de uma forma que Crystal (2005) classifica como sem precedentes. Mesmo que poucas pessoas tenham notado, uma série de eventos e tendências de implicações globais alteraram o que o autor chama de “ecologia linguística do mundo” (p.16), a saber, o uso do inglês como língua global e os vários efeitos que isso provoca no próprio idioma; a ameaça e a concretização do desaparecimento de algumas línguas e as diversas iniciativas para preservá-las ou regenerá-las; e os efeitos radicais da internet como veículo de comunicação linguisticamente novo à língua falada e escrita.

A caracterização do inglês como língua global é reflexo da combinação de alguns fatores, que, segundo Crystal (2005), vieram se intensificando ao longo do tempo, como o aumento do número de pessoas falantes (nativas, como segunda língua oficial ou como língua estrangeira, muitas vezes ensinada nas escolas); a influência do poder político, tecnológico, econômico e cultural, representado pela Revolução Industrial dos

séculos XVIII e XIX, quando mais da metade dos cientistas e inventores eram falantes da língua inglesa, ou pela hegemonia econômica da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos da América sobre o resto do mundo nos últimos séculos; e até a necessidade de uma língua comum a partir do surgimento da Organização das Nações Unidas (ONU), em meados da década de 1940, como uma alternativa para solucionar complexos e muitas vezes impraticáveis problemas de tradução no principal foro mundial para a discussão da política.

Ao refletir sobre os motivos que levam uma língua a tornar-se global, evidenciando o caso do inglês, que sequer conta com pronúncia ou gramática mais simples que outras línguas, Crystal (2005) pontua que o poder das pessoas que falam essa língua, seja ele político, militar, econômico ou cultural, é a única razão desse fenômeno. O autor elenca uma série de manifestações de poder de vários domínios diferentes que levaram à hegemonia do inglês: a política, que começou com a ascensão do Império Britânico; a economia, com fenômenos como a industrialização da Grã-Bretanha e o crescimento do sistema bancário internacional, com Londres e Nova Iorque como centros do sistema mundial de investimentos; a imprensa, com a introdução de novas tecnologias de impressão, além da ascensão das agências internacionais de notícias, que transmitem informações para todo o mundo em inglês; a propaganda, com a popularização dos anúncios na imprensa e, concomitantemente, a ascensão de marcas que se tornaram internacionalmente conhecidas, como a Ford e a Coca-Cola, por exemplo; a radiodifusão, com programação em língua inglesa sendo retransmitida para audiências de todo o mundo, como a *BBC World Service* ou a Voz da América; o cinema, com a hegemonia hollywoodiana sobre as produções de outros países; a música popular, difundida principalmente por meio do rádio, fazendo com que artistas de língua inglesa de vários gêneros musicais alcançassem projeção internacional; as viagens internacionais e o sistema de segurança, com informações e instruções passadas em inglês em hotéis, navios, trens, aviões e pontos turísticos, além dos sistemas de controle marítimo e da aviação civil; a educação, com o uso do inglês em instituições de ensino superior até de países onde a língua não é oficial; e as comunicações, com os sistemas postal e telefônico, além das redes eletrônicas, como a internet, que tem o inglês como língua de uso majoritário desde seu surgimento, no final da década de 1960.

A internet nasceu como veículo de língua inglesa, e o inglês reteve seu império. Seu objetivo era ligar importantes instituições acadêmicas e governamentais norte-americanas, de forma que sobrevivessem a danos locais em caso de uma grande guerra. Sua língua era, portanto, o inglês; e quando pessoas em outros países começaram a formar ligações com essa rede, ficou provado ser essencial para elas usarem o inglês (Crystal, 2005, p. 32).

O alcance global do inglês traz preocupações para Crystal (2005) quanto ao futuro da língua. O autor nota que há mudanças no centro de gravidade do idioma, que está deixando de pertencer a seus falantes nativos, que representam somente um entre cada quatro pessoas que falam inglês em todo o mundo. Modismos e influências de falantes de segunda língua ou de língua estrangeira já modificam o idioma, criando neologismos, adaptações lexicais e ignorando partículas. “A maior coisa com que os falantes nativos de inglês vão ter de se acostumar, no século XXI, é a idéia de que não estão mais no controle das tendências da língua” (p.35).

Já em 2011, no ISCSP, foi defendida uma tese cujo título é *English as a Global Language*, da autoria de Rita Amorim. A académica discorre sobre todas as vicissitudes que o alcance e a influência desta língua causa no mundo, nas outras línguas e na própria língua inglesa.

A difusão da língua inglesa por meio das revoluções tecnológicas em curso deu origem a uma variada gama de estudos recentes que focam atenção no léxico de diversas línguas e nos neologismos de língua inglesa advindos das novas tecnologias. Timbane & Coelho (2018), por exemplo, analisaram os neologismos e a ampliação lexical do Português Brasileiro nas redes sociais. A pesquisa demonstra que há uma renovação lexical advinda das comunicações via redes sociais e que a maior parte desses neologismos é criação dos jovens, fenômeno que não ocorre de forma desorganizada, já que esse processo é regido por regras linguísticas previstas no sistema.

Em outro estudo, Valadares & Moura (2017) analisaram gírias criadas nas redes sociais *online*, o *internetês*, com aporte na Teoria da Variação e Mudança Linguística, além de estudos sobre gírias e hipertexto. O trabalho conclui que, assim como a criação

desses neologismos pode ser rápida, o desaparecimento deles pode se dar na mesma velocidade. Além disso, os cientistas frisam que há um movimento centrífugo de utilização desses termos, que começam nas redes sociais *online* e, eventualmente, invadem o mundo real, contribuindo para o léxico por meio de derivações e variações das gírias, como substantivações, verbalizações e adjetivações, o que, segundo os autores, torna a língua mais rica.

Um outro trabalho nesta mesma vertente foca no uso da unidade lexical *crush*, que se popularizou entre os jovens de todo o planeta a partir das redes sociais *online*, nas línguas portuguesa do Brasil e francesa. Analisando a incidência da terminologia e suas variações por meio de uma pesquisa avançada no Google, Molinari, Demarque & da Silva (2019) concluíram que o anglicismo *crush* possui status de empréstimo na língua portuguesa do Brasil, já que os internautas brasileiros utilizam essa expressão em sua forma original, sem adequações às regras gramaticais de nossa língua. Já no caso da língua francesa, os autores concluíram que *crush* é um estrangeirismo em vias de ser aceito na língua.

Os três trabalhos citados acima produziram análises linguísticas da incidência de estrangeirismos em diferentes plataformas *online*, divergindo deste estudo, que é voltado para a comunicação social e a forma como o uso dos estrangeirismos impacta na escrita dos jornalistas brasileiros. Além disso, os trabalhos citados acima utilizam redes sociais *online* e *sites* de busca como corpus, ao passo que esta pesquisa utiliza um veículo de imprensa como fonte.

Outros estudos recentes analisam o poder dos falantes do Inglês como segunda língua sobre trabalhadores não falantes deste idioma. Gonçalves & Schluter (2017) investigaram a política de linguagem encoberta e as práticas de planejamento de micro-linguagem de uma brasileira-americana bilíngue em sua empresa de limpeza, que emprega trabalhadores falantes do Português Brasileiro, do Português Europeu e do Espanhol. As pesquisadoras discutem de que forma as habilidades linguísticas da gestora atuam como um recurso na mediação da relação entre funcionários e clientes, aumentando seu poder de autoridade como empregadora e como proprietária da empresa. Ela se comunica utilizando o Inglês com os clientes e o Português com os funcionários, refletindo diferenças de classes e relações de poder assimétricas em

relação ao uso da língua. Gonçalves & Schluter (2017) concluíram que o status da empresária como “corretora de idiomas” em ambos os contextos influenciam a política de linguagem externa da empresa, o que, por sua vez, afeta as relações internas de poder.

Em uma outra pesquisa, Cayla & Bhatnagar (2017) acompanharam o trabalho de treinadores de ginástica e baristas de cafeterias da Índia para examinar o papel da linguagem na dinâmica de poder entre os provedores de novos serviços e clientes. Os pesquisadores contextualizaram estes dois ambientes de trabalho como representativos de uma oferta de serviço radicalmente nova naquele país. A maioria dos trabalhadores da cafeteria, por exemplo, nunca experimentou esse tipo de serviço como consumidor, por causa dos altos preços que limitam o acesso e também devido à incomensurabilidade cultural entre o mundo em que cresceram e o mundo que essas paisagens de serviços representam. Para Cayla & Bhatnagar (2017), nestes ambientes o uso do Inglês, que na Índia é uma característica distintiva de identidade da classe média que isola a elite de língua inglesa do restante da população, representa uma forma específica de capital simbólico. Os resultados deste trabalho detalham como esta língua estrangeira funciona como uma fronteira invisível nestes ambientes de serviço, ao excluir os indianos que não a falam com fluência. Os pesquisadores ponderam ainda que a linguagem, neste caso, também se torna uma oportunidade para os cidadãos de classe média baixa resistirem e inverterem o domínio da elite.

#### 4. O trabalho do jornalista na divulgação científica

O jornalismo científico como o conhecemos hoje floresceu na segunda década do século XX, de acordo com França (2005), por conta do interesse do público pela explosão técnico-científica da época. Para este autor, a divulgação científica é uma tentativa de levar o conhecimento científico para a sociedade de uma maneira que ela aceite, aprove e absorva esse conteúdo, e impedindo que se forme um abismo de incompreensão entre os cientistas e a sociedade.

O *Science Service*, fundado em 1921 pelo magnata americano Edwin W. Scripps, criou, segundo França (2005), o modelo seguido desde então de como a ciência deve ser transformada em notícia, tendo artigos vendidos para mais de uma centena de jornais dos Estados Unidos durante aquela década e alcançando um público de mais de sete milhões de leitores. Este modelo de jornalismo produzia notícias curtas, que enfatizavam os aspectos superlativos da ciência (o mais rápido, o mais lento, o mais quente, o mais frio, o maior, o menor), além de apresentar uma dose de interesse humano, enfatizando aspectos românticos e dramáticos dos fatos científicos, além de focar seu conteúdo educacional. Outra tática era de transformar os cientistas em heróis e aproximar as descobertas do conceito de “nova fronteira da humanidade”, fazendo dos cientistas “pioneiros modernos”. São métodos que, segundo este autor, podem parecer ingênuos, mas que continuam presentes em muitas das notícias jornalísticas sobre ciência publicadas hoje em dia, principalmente em revistas de divulgação científica dirigidas ao público jovem.

No Brasil, a história do jornalismo científico se confunde com a própria história da imprensa brasileira. Notícias sobre botânica, agricultura e as doenças que desafiavam a medicina da época já eram, de acordo com Bueno (2009), tema das reportagens do fundador do *Correio Brasiliense*, Hipólito da Costa, no final do século XVIII. Este autor elenca uma série de publicações especializadas voltadas para a difusão da pesquisa ainda no início do século XX, como o periódico *O Fazendeiro* (1901) e a revista *Chácaras e Quintais* (1909), e divide a história do jornalismo científico no Brasil em um primeiro período, desde o início da imprensa brasileira, no século XVIII, até o final da década de 1960; e em um segundo momento, que começa na década de 1970 e segue até os dias de hoje. O marco, para Bueno (2009) é a multiplicação dos cursos de jornalismo e a



consolidação de publicações e editorias especializadas na área nos principais jornais do país, fato que também encontra sintonia na evolução da indústria da comunicação e na profissionalização crescente deste segmento.

Bueno (2009) lembra da ausência de uma “cultura de comunicação” (p.121) das universidades brasileiras como um fator dificultador da democratização do conhecimento científico no País. Este fato leva o jornalismo científico brasileiro a repercutir fontes do exterior, mantendo sua relação de dependência às novidades do mundo desenvolvido e subestimando a contribuição brasileira para a ciência, principalmente fora do eixo Rio-São Paulo.

Outro entrave, de acordo com França (2005), é a mão de obra jornalística, que continua sendo um dos grandes problemas dos veículos de divulgação científica brasileiros. Em alguns países, o divulgador científico é um profissional com um certo grau de especialização para escrever sobre o assunto, mas no Brasil essa função é reservada aos jornalistas, o que leva as fontes (pesquisadores, técnicos e professores) a ficarem inseguras e a desconfiarem da capacidade do repórter de compreender e escrever sobre suas atividades. França (2005), cita a dificuldade de parte dos cientistas de ver sua linguagem, aprimorada em anos de trabalho em artigos e laboratórios, ser transformada por um jornalista a ponto de chegar ao alcance do público médio.

Este mesmo autor detalha que somente na década de 1990 o Brasil experimentou um crescimento no número de equipes de comunicação a serviço de instituições de pesquisa, além de cursos especializados em divulgação científica em vários níveis e uma preocupação maior por parte da comunidade acadêmica com a qualidade da tradução dos temas relacionados à produção científica por jornalistas sem formação em ciência. Nessa mesma década, surgiram canais de televisão especializados em divulgação científica e um espaço maior para notícias sobre ciência em jornais, revistas e emissoras tradicionais de rádio e televisão, com repórteres e editores dedicando-se a um aperfeiçoamento nessa área. Com o tempo, surgiu uma geração de profissionais disposta a investir sua carreira na cobertura da ciência.

Com a especialização da mão de obra, a cobertura clássica da ciência vem dando lugar ao que Fioravanti (2013) chama de enfoque ampliado. Para este autor, ao contrário do enfoque clássico, em que a imprensa faz uma cobertura da ciência como

um processo linear, com ênfase em resultados positivos, linguagem descritiva e distante do leitor, com o jornalista exercendo um papel intermediário, apenas como transmissor da informação, no enfoque ampliado a ciência é não linear, inclui vários atores, considera uma visão histórica, pode enfatizar resultados negativos ou duvidosos, inclui uma linguagem mais narrativa, mais próxima do leitor, e coloca o jornalista como mediador da notícia, à medida em que o profissional adiciona valor à informação ao refletir sobre suas consequências.

Um aspecto mais delicado do Enfoque Ampliado é o papel do jornalista, que os cientistas podem não aceitar facilmente, pelo menos no Brasil. O jornalista não é mais um intermediário, apenas transmitindo informação, como um carteiro ou um porta-voz dos cientistas, mas um mediador, refletindo com independência sobre a informação e suas consequências (Fioravanti, 2013, p. 325).

Para o exercício pleno da cidadania e o estabelecimento de uma democracia participativa é essencial, segundo De Oliveira (2006), que o cidadão tenha acesso a informações de Ciência e Tecnologia, já que o desenvolvimento tecnológico está presente nas ações mais corriqueiras de nosso dia-a-dia. A falta de informação gera incapacidade para opinar e tomar decisões que podem afetar diretamente a vida de todas as pessoas.

O uso da internet como suporte de divulgação, com um vasto repositório de informações interativas e acessíveis ao público leitor, pode, de acordo com Porto (2009), viabilizar uma maior proximidade do cidadão com a ciência. Para esta autora, a disponibilização de conteúdo científico *online* é de importância fundamental para a legitimação e a consolidação de uma cultura científica nacional.

## 5. Opções metodológicas

O objetivo principal deste trabalho é compreender o uso dos estrangeirismos na revista *Superinteressante* entre os anos 2000 e 2019, que formam as duas primeiras décadas do século XXI. Para responder a esse objetivo, foi utilizado o método misto sequencial explicativo, que envolve duas fases distintas, em que o pesquisador coleta e analisa primeiramente dados quantitativos para planejar uma segunda fase qualitativa (Creswell, 2014). A primeira etapa quantitativa norteia a segunda fase qualitativa, segundo este mesmo autor, ao apontar que tipo de especialista deve ser entrevistado e que perguntas devem ser feitas, de maneira que os dados qualitativos ajudem a explicar os resultados quantitativos de forma mais detalhada.

Esta pesquisa se apoia na visão de mundo construtivista, na qual os pesquisadores reconhecem que suas origens moldam sua interpretação (Creswell, 2014). Para o autor, a interpretação que os pesquisadores dão à pesquisa flui de suas experiências pessoais, culturais e históricas. Assim, a intenção do pesquisador é entender como as pessoas interpretam o mundo, desenvolvendo indutivamente uma teoria ou um padrão de significado ao invés de já iniciar a pesquisa com uma teoria.

Para responder ao primeiro objetivo específico, de quantificar os estrangeirismos predominantes na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019, foi feita uma análise de conteúdo de 40 edições da revista. As edições dos meses de março e setembro de todos os anos, entre 2000 e 2019, foram selecionadas aleatoriamente. Os textos foram extraídos da seção Superarquivo, disponível no *site* da *Superinteressante*, que espelha quase integralmente as edições impressas da mesma revista. Após transformação do conteúdo em arquivos de texto, as edições selecionadas foram analisadas utilizando o *software* MAXQDA. A análise quantitativa foi realizada por meio da busca lexical do MAXQDA, com posterior codificação de palavras, siglas e expressões, categorizando as frequências estatísticas por línguas e adotando a quantidade de uma centena como ponto de corte para a criação de novas categorias linguísticas, baseadas na localização geográfica dos países adotantes dos respectivos idiomas.

A análise de conteúdo, descrita por Berelson como “uma técnica de investigação para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (como citado em McQuail, 2003, p. 329), também foi a técnica utilizada

para responder ao segundo objetivo, de medir o uso de estrangeirismos anglo-saxônicos na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019, e ao terceiro, de aferir o uso de estrangeirismos relacionados às novas tecnologias na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019.

Após a análise de conteúdo destes três primeiros objetivos quantitativos, os resultados da primeira etapa desta pesquisa foram utilizados para construir uma segunda parte qualitativa, seguindo o modelo sugerido por Creswell (2014). Planejar adequadamente quais resultados quantitativos devem ser seguidos é, para este autor, um dos desafios desta estratégia. A ideia é explorar os resultados quantitativos com mais profundidade, explicando como as variáveis interagem por meio do acompanhamento qualitativo, o que, para Creswell (2014), é uma das principais forças desse desenho de pesquisa.

Nesta fase da pesquisa, o conteúdo manifesto, representado pela frequência da ocorrência de estrangeirismos, é analisado em conjunto com o conteúdo latente, ou conotativo. A análise do conteúdo latente carrega, de acordo com Riffe, Lacy e Watson (2005), o significado individual dado pelos indivíduos aos símbolos, que mudam de significado no decorrer dos anos em qualquer linguagem que esteja sendo ativamente utilizada. Desta forma, o significado manifesto de uma palavra em 2020 pode não ter se manifestado um século antes.

Para responder ao quarto objetivo, de identificar as motivações que levaram os jornalistas/editores da revista *Superinteressante* a fazer uso de estrangeirismos entre 2000 e 2019, foram realizadas entrevistas em profundidade semi-estruturadas com jornalistas e editores da publicação.

O quinto objetivo específico desta pesquisa, de entender a relação entre o uso dos estrangeirismos na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019 e as alterações lexicais do Português Brasileiro, foram feitas entrevistas em profundidade semi-estruturadas com linguistas e professores de Linguística de universidades brasileiras.

As entrevistas para cumprir aos dois objetivos qualitativos foram conduzidas com uma orientação teórica construtivista que, para Brennen (2013), considera a realidade como algo socialmente construído. A partir dessa perspectiva, segundo a autora, os entrevistados são vistos como importantes criadores de significado. O pesquisador lança

uma questão introdutória, escuta as respostas e se baseia nelas para formular as perguntas seguintes.

Ao final das entrevistas que respondem aos dois objetivos qualitativos, foi feita uma análise textual, que, na visão de Fürsich (2009), amplia o espectro de possíveis leituras dos pesquisadores ao compreender as intenções e práticas profissionais dos comunicadores, avaliando o conteúdo midiático como um momento criativo e de produção colaborativa.

A interpretação dos dados da pesquisa segue os moldes sugeridos por Creswell (2014), em que o pesquisador relata primeiro os resultados quantitativos da primeira fase e só depois os resultados qualitativos da segunda etapa. Uma terceira interpretação, também sugerida por este autor, pode mostrar como as descobertas qualitativas ajudam a expandir ou explicar os resultados quantitativos, afinal, como completa McQuail (2003), os aspectos mais interessantes que os estudos de conteúdo desvendam sobre os meios de comunicação são os significados escondidos no texto e não as mensagens explícitas.

As entrevistas com os jornalistas e editores da revista *Superinteressante* e com os linguistas e professores de Linguística de universidades brasileiras foram realizadas respeitando as boas práticas e os princípios éticos. Como trata-se de um estudo de métodos mistos de abordagem sequencial explicativa, Creswell (2014) lembra que é preciso estabelecer a validade das pontuações das medidas quantitativas, além de discutir a autenticidade dos resultados qualitativos. A validade e a confiabilidade dos resultados desta pesquisa foram, portanto, uma preocupação em todas as etapas de trabalho, com a validação de pares, dos especialistas consultados e a triangulação das informações analisadas com outros trabalhos já divulgados nesta área.

## 6. Apresentação de dados quantitativos

A etapa quantitativa responde aos três primeiros objetivos específicos desta pesquisa, de quantificar os estrangeirismos predominantes na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019, de medir o uso de estrangeirismos anglo-saxônicos, e de aferir o uso de estrangeirismos relacionados às novas tecnologias na publicação no mesmo período.

O conjunto de textos analisados compõe a seção Superarquivo do *site* da revista *Superinteressante*. O conteúdo da página *online* espelha parcialmente as edições impressas da revista e pode ter sofrido modificações e atualizações ao longo dos anos. Os textos extraídos são dos 40 exemplares dos meses de março e setembro entre os anos 2000 e 2019.

Após leitura e identificação de palavras, siglas e expressões estrangeiras no texto, foi realizada quantificação da incidência de estrangeirismos por meio de uma busca lexical utilizando o *software* MAXQDA, com posterior codificação e categorização das incidências nas seguintes categorias linguísticas: Alemão, Árabe, Espanhol, Francês, Grego, Hindi, Inglês, Japonês, Línguas e Dialeto de Povos da África, Línguas e Dialeto de Povos da América, Línguas e Dialeto de Povos da Ásia, Línguas e Dialeto de Povos da Europa, Mandarim, Russo e Turco.

Línguas e dialetos com menos de 100 incidências foram agrupadas, formando categorias linguísticas separadas por regiões geográficas. Assim, foram criadas categorias regionais para agrupar palavras, siglas e expressões de línguas menos influentes sobre o Português Brasileiro: códigos do Egípcio foram agrupados junto a incidências de línguas e dialetos de países como Angola, Congo, Uganda e outros em uma categoria que chamamos de Línguas e outros dialetos de povos da África. Da mesma forma, códigos de línguas associadas a povos indígenas das Américas, assim como às civilizações Inca, Maia e Asteca, foram agrupados em uma categoria que recebeu o nome de Línguas e dialetos de povos da América; códigos do Coreano e do Hebraico foram agrupados junto a incidências de línguas e dialetos de países como a Malásia, Tuvalu e outros em uma categoria que chamamos de Línguas e outros dialetos de povos da Ásia; e palavras e expressões do Holandês, Italiano, Romani e de línguas de países escandinavos, como Suécia, Noruega, Finlândia e Dinamarca, foram agrupados em uma categoria que chamamos de Línguas e outros dialetos de povos da Europa.

Línguas e dialetos de povos do leste europeu foram agrupados ao Russo, pela semelhança de raízes linguísticas.

### 6.1. Incidência de estrangeirismos por anos

A busca lexical por palavras, siglas e expressões estrangeiras nas 40 edições analisadas da *Superinteressante* retornou 12.253 resultados. Conforme demonstrado pela Tabela 1, a incidência é relevante em todos os 20 anos, com destaque para 2001, quando os jornalistas utilizaram 1.281 estrangeirismos nas reportagens da revista. A variação na quantidade de palavras estrangeiras encontradas a cada ano pode ser explicada pelos temas abordados em cada edição, além do volume de páginas da revista, que sofreu variação durante as duas décadas analisadas.

**Tabela 1 – Incidência de estrangeirismos por anos**

Ano	Incidência de estrangeirismos
2000	654
2001	1.281
2002	721
2003	573
2004	808
2005	502
2006	675
2007	468
2008	519
2009	858
2010	594
2011	429
2012	722
2013	708
2014	383
2015	391
2016	357
2017	351
2018	434
2019	825
Total	12.253

Fonte: elaboração própria

As palavras, siglas e expressões estrangeiras mais repetidas durante os 20 anos analisados da revista *Superinteressante* foram “internet”, que aparece 460 vezes no texto da *Superinteressante*, conforme a Tabela 2; “site”, com 181 incidências; “DNA”, grafada 152 vezes; “Google”, que surgiu 134 vezes; e “Apple”, com outras 124 menções. Completam a lista dos 10 estrangeirismos mais usados “Nasa” (112), “Orkut” (110), “Facebook” (101), “pop” (81) e “online” (75).

**Tabela 2 – Palavras estrangeiras mais incidentes**

Palavras	Língua	Incidência
1 - Internet	Inglês	460
2 - site	Inglês	181
3 - DNA	Inglês	152
4 - Google	Inglês	134
5 - Apple	Inglês	124
6 - Nasa	Inglês	112
7 - Orkut	Turco	110
8 - Facebook	Inglês	101
9 - pop	Inglês	81
10 - online	Inglês	75
11 - games	Inglês	69
12 - Lego	LDP Europa	68
13 - sites	Inglês	68
14 - Buda	Hindi	67
15 - iPhone	Inglês	65
16 - IBM	Inglês	58
17 - HIV	Inglês	55
18 - game	Inglês	52
19 - gay	Inglês	51
20 - Microsoft	Inglês	51
21 - PC	Inglês	50
22 - web	Inglês	50
23 - show	Inglês	49
24 - CD	Inglês	46
25 - Hollywood	Inglês	45
26 - software	Inglês	44
27 - e-mail	Inglês	43
28 - chip	Inglês	42



29 - marketing	Inglês	42
30 - MIT	Inglês	42
31 - YouTube	Inglês	41
32 - caviar	Francês	39
33 - GPS	Inglês	39
34 - jazz	Inglês	39
35 - meme	Inglês	39
36 - Twitter	Inglês	39
37 - design	Inglês	38
38 - ecstasy	Inglês	37
39 - Superman	Inglês	37
40 - PowerPoint	Inglês	34
41 - rock	Inglês	34
42 - ok	Inglês	33
43 - record	Inglês	33
44 - memes	Inglês	32
45 - Android	Inglês	31
46 - e-mails	Inglês	31
47 - MP3	Inglês	31
48 - Sony	Japonês	31
49 - videogame	Inglês	31
50 - Big Bang	Inglês	30

Fonte: elaboração própria

## 6.2. Incidência de estrangeirismos por línguas

Do total de 12.253 palavras, siglas e expressões estrangeiras encontradas nas 40 edições da *Superinteressante* analisadas nesta pesquisa, 9.297 são provenientes do Inglês, conforme demonstrado pela Tabela 3. A segunda língua mais influente sobre a escrita dos jornalistas é o Alemão, com 328 incidências; seguida pelo Francês, com 326 palavras; o Japonês, com 314; o Hindi, com 279; o Grego, com 210 correspondências; o Espanhol, com 135; o Árabe, com 120; o Russo, com 117; o Turco, com 115; e o Mandarim, com 111 estrangeirismos.

Dos grupos de palavras divididos regionalmente, as Línguas e outros dialetos de Povos da Europa influenciaram mais no Português Brasileiro refletido nas reportagens da *Superinteressante*, com 363 incidências, seguido pelas Línguas e outros dialetos de Povos da Ásia, com 197; Línguas e outros dialetos de Povos da África, com 182; e Línguas e outros dialetos de Povos da América, com 159 estrangeirismos.

**Tabela 3 - Incidência de estrangeirismos por línguas**

Línguas	Incidência
Alemão	328
Árabe	120
Espanhol	135
Francês	326
Grego	210
Hindi	279
Inglês	9.297
Japonês	314
LDP África	182
LDP América	159
LDP Ásia	197
LDP Europa	363
Mandarim	111
Russo	117
Turco	115
<b>Total</b>	<b>12.253</b>

Fonte: elaboração própria

Dos dez estrangeirismos mais incidentes na revista, conforme a Tabela 2, nove são provenientes do Inglês: “internet”, “site”, “DNA”, “Google”, “Apple”, “Nasa”, “Facebook”, “pop” e “online”. Apenas uma palavra, “Orkut”, vem do Turco.

O domínio da língua inglesa continua evidente ao analisar as 50 palavras, siglas e expressões estrangeiras mais mencionadas pelos jornalistas da *Superinteressante*: são 45 palavras de origem anglo-saxônica, contra apenas 5 de outros grupos linguísticos: Turco, Línguas e outros dialetos de Povos da Europa, Hindi, Francês e Japonês.

Em 2001, ano que obteve o recorde de estrangeirismos dentre os analisados por esta pesquisa, o domínio do Inglês também é evidente, conforme demonstrado pela Tabela 4, com 1.114 palavras, siglas e expressões estrangeiras, do total de 1.281 das duas edições deste ano. Os jornalistas da *Superinteressante* utilizaram ainda 43 estrangeirismos do Grego, 26 do Francês, 21 do Japonês, 17 do Hindi, 17 de Línguas e outros dialetos da Europa, 12 do Russo, 8 do Alemão, 7 do Mandarim, 7 de Línguas e outros dialetos da África, 4 do Espanhol, 2 de Línguas e outros dialetos da América, 2 de Línguas e outros dialetos da África e 1 do Árabe.

**Tabela 4 – Incidência de estrangeirismos por línguas em 2001**

Línguas	Estrangeirismos/2001
Alemão	8
Árabe	1
Espanhol	4
Francês	26
Grego	43
Hindi	17
Inglês	1.114
Japonês	21
LDP África	7
LDP América	2
LDP Ásia	2
LDP Europa	17
Mandarim	7
Russo	12
Turco	0
Total	1.281

Fonte: elaboração própria

### 6.3. Incidência de estrangeirismos relacionados às novas tecnologias

Após a busca lexical, a codificação e a categorização dos estrangeirismos pelo MAXQDA, com os resultados separados em Línguas e ano de incidência, as palavras, siglas e expressões encontradas durante os 20 anos pesquisados da revista *Superinteressante* foram subdivididas, evidenciando um novo grupo de palavras relacionadas à nova revolução tecnológica em curso, conforme demonstrado pela Tabela 5.

**Tabela 5 – Incidência de estrangeirismos e relação com as novas tecnologias**

Línguas	Estrangeirismos	Relação com as novas tecnologias em números absolutos	Relação com as novas tecnologias em percentual
Alemão	328	23	7,01%
Árabe	120	0	0%
Espanhol	135	1	0,74%
Francês	326	27	8,28%

Grego	210	6	2,85%
Hindi	279	0	0%
Inglês	9.297	5.329	57,31%
Japonês	314	139	44,26%
LDP África	182	0	0%
LDP América	159	3	1,88%
LDP Ásia	197	17	8,62%
LDP Europa	363	14	3,85%
Mandarim	111	11	9,90%
Russo	117	40	34,18%
Turco	115	110	95,65%
TOTAL	12.253	5.720	46,68%

Fonte: elaboração própria

Do total de 12.253 estrangeirismos encontrados nas 40 edições da revista, 5.720 se relacionam às novas tecnologias, o que representa 46,68% das palavras codificadas. Ao dividirmos por línguas, o maior número de incidências desse subgrupo é do Inglês, com 5.329 termos relacionados à nova revolução tecnológica, de um total de 9.297, o que representa 57,31%.

Logo após vem o Japonês, com 139 sentenças, de um total de 314, ou 44,26%; o Turco com 110 incidências, de um total de 115, ou 95,65%; o Russo, com 40 dos 117 estrangeirismos, ou 34,18%; o Francês, com 27 do total de 326 códigos, ou 8,28%; e o Alemão, com 23 das 328 unidades lexicais, ou 7,01%.

São subsequentes a esta lista as Línguas e outros dialetos de Povos da Ásia, as Línguas e outros dialetos de Povos da Europa, o Mandarim, o Grego, as Línguas e outros dialetos de Povos da América e o Espanhol, com 17, 14, 11, 6, 3 e 1 vocábulos estrangeiros com alguma relação à nova revolução tecnológica em curso. Não foram encontrados códigos deste subgrupo em Árabe, Hindi e no grupo de Línguas e outros dialetos de Povos da África.

## 7. Discussão de dados quantitativos

Os dados quantitativos extraídos de 40 edições da revista *Superinteressante*, selecionadas aleatoriamente entre os anos de 2000 e 2019, respondem aos três primeiros objetivos específicos deste trabalho.

Ao quantificar os estrangeirismos predominantes na publicação durante estas duas décadas, a análise de conteúdo das edições selecionadas revelou que a utilização de palavras, siglas e expressões estrangeiras nas reportagens é alta: 12.253 no total, com incidência relativamente uniforme durante os 20 anos analisados, conforme a Tabela 1, com exceção do ano de 2001, quando os jornalistas inseriram um número maior de estrangeirismos em seus textos, fato que discutiremos mais adiante, neste mesmo capítulo.

Os dados desta pesquisa comprovam que o Português Brasileiro é uma língua viva, que vem sofrendo uma flexibilização do léxico por meio da incorporação de novas palavras estrangeiras (Baktin, 1929; Xatara, 2001; Gois, 2008) e experimental, de fato, uma constante mutação, evoluindo de acordo com as mudanças na sociedade e a intercomunicação entre os povos (Marr, 1926; Baktin, 1929; Câmara Jr., 1989; Gois, 2008).

Ao medir o uso de estrangeirismos anglo-saxônicos na *Superinteressante*, a análise comprova que o Português Brasileiro sofre influência de várias línguas estrangeiras, com uma predominância evidente do Inglês, conforme a Tabela 3. Das 12.253 palavras, siglas e expressões estrangeiras encontradas nas 40 edições analisadas, 9.297 são provenientes do Inglês, o que representa 75,8% do total. Ou seja, de cada 4 palavras, siglas ou expressões estrangeiras utilizadas pelos jornalistas da revista, 3 são do Inglês.

Esse predomínio do Inglês também pode ser demonstrado pela lista de palavras, siglas e expressões estrangeiras mais utilizadas pela *Superinteressante*, conforme a Tabela 2. Dos 10 estrangeirismos mais utilizados pela revista, 9 são do Inglês e apenas um do Turco – a rede social do engenheiro do Google Orkut Büyükkökten, que foi criada tendo o público dos Estados Unidos como alvo, mas fez sucesso principalmente no Brasil e na Índia na primeira década deste século.

Ampliando o olhar para a lista das 50 palavras mais usadas nas edições analisadas, 45 são do Inglês, o que representa 90% do total, e apenas 5 de outras línguas estrangeiras: uma do Turco, uma do grupo LDP Europa, uma do Hindi, uma do Francês e uma do Japonês.

O predomínio da incidência de estrangeirismos provenientes do Inglês sobre as demais línguas estrangeiras na *Superinteressante* pode ser explicado pela influência imperialista secular nas searas econômica, política e cultural (Schiller, 1975; Beltran, 1978) exercida pelos Estados Unidos sobre o Brasil.

De acordo com Shiller (1975), a dominação econômica das corporações multinacionais se estende à disseminação cultural e comunicacional, sendo refletida em setores diversos da sociedade, como a educação e a mídia, entre outros.

As reflexões deste mesmo autor sobre o fluxo livre de informações, incentivado pelo governo dos Estados Unidos, é essencial para compreendermos o enraizamento imperialista do modo de produção jornalística em todo o planeta e a influência dessa ideologia sobre a escrita dos jornalistas brasileiros, claramente demonstrado pelos dados desta pesquisa.

A alta incidência de estrangeirismos de língua inglesa estampados na *Superinteressante* demonstra ainda a teoria de Beltran (1978), de que o imperialismo cultural dos Estados Unidos, exercido por meio de mecanismos diversos e em graus variados no mundo todo, teve na comunicação de massa um de seus instrumentos ideais.

No caso específico das reportagens analisadas, os estrangeirismos do Inglês refletem uma influência imperialista sobre a mídia, o que, para este mesmo autor, não pode ser considerado inconsequente para a cultura do País e, além disso, seguirá ameaçando a emancipação cultural, econômica e política do Brasil enquanto prevalecer essa mesma relação de poder entre as duas nações.

Ao aferir o uso de estrangeirismos relacionados às novas tecnologias nas 40 edições selecionadas da *Superinteressante*, verificou-se que das 12.253 palavras, siglas e expressões estrangeiras listadas, 5.720, o que representa 46,68% do total, se relacionam à revolução tecnológica em curso, conforme a Tabela 5.

Restringindo o olhar para o grupo de estrangeirismos provenientes do Inglês, as incidências relacionadas às novas tecnologias tornam-se maioria: 5.329 palavras, siglas e expressões deste grupo, que representam 57,31% do total de 9.297 estrangeirismos de língua inglesa encontrados nas revistas.

É interessante ainda notar que, do total de 5.720 estrangeirismos associados às novas tecnologias presentes nas 40 edições da *Superinteressante* analisadas, a maior parte é de origem anglo-saxônica: 5.329, ou 93,16% do total.

Outras curiosidades podem ser adicionadas a esta discussão. Em 2001, que dentre os anos analisados nesta pesquisa foi o que apresentou o maior número de estrangeirismos na revista, 1.281 no total, a *Superinteressante* trouxe uma ampla reportagem sobre a internet, com um histórico sobre a criação da Rede Mundial de Computadores e sua evolução ao longo das décadas.

Neste mesmo ano, o percentual de estrangeirismos do Inglês foi elevado: das 1.281 palavras, siglas e expressões estrangeiras encontradas, 1.114 eram do Inglês, o que representa 86,96% da incidência, ou seja, o domínio da língua inglesa quando a temática se relaciona às novas tecnologias pode ser demonstrado pela Tabela 4.

Além disso, ao analisar as palavras, siglas e expressões mais incidentes na revista, 7 das 10 mais encontradas se relacionam às novas tecnologias (internet, site, Google, Apple, Orkut, Facebook e online), e apenas 3 são associadas a outras revoluções (DNA, Nasa e pop), conforme a Tabela 2. Ampliando este espectro para as 50 palavras estrangeiras mais utilizadas pelos jornalistas da *Superinteressante*, 30 delas se relacionam à revolução tecnológica em curso.

Os estrangeirismos nas páginas da publicação científica brasileira são evidências de que duas revoluções que começaram antes do período desta análise, mas que ainda estão em curso, a tecnológica (Castells, 2005) e a linguística (Crystal, 2005) são concomitantes.

Nesta pesquisa, os caminhos tomados pela revolução tecnológica em curso no mundo ajudam a compreender as alterações que essas novas tecnologias imprimem nas línguas ao redor do mundo, também espelhadas no Português Brasileiro. Neste sentido, são refletidos aqui os pensamentos dos autores frankfurtianos, que se atentam

especialmente às transformações sociais, políticas e econômicas para contrubuir criticamente para uma compreensão mais ampla do tempo presente.

Muitas das palavras, siglas e expressões estrangeiras encontradas nas 40 edições analisadas da revista se remetem ao período delimitado por Castells (2005), em que a cultura material é transformada por meio de um novo paradigma tecnológico. Os avanços da ciência e as descobertas tecnológicas das últimas décadas do século XX já aparecem nas páginas da publicação brasileira no início do século XXI, à medida em que os jornalistas, também pertencentes ao grupo de usuários, se apropriam delas e as redefinem, neste caso, por meio de seus textos.

Como aponta Crystal (2005), o surgimento da internet e toda a revolução tecnológica advinda deste fenômeno reteve os traços imperialistas que transformaram o Inglês em língua global, representado nesta pesquisa pelo uso de estrangeirismos deste grupo linguístico no Português Brasileiro. Este teórico lembra que, ao passo que os usuários de outros países começaram a se conectar com essa rede, tornou-se essencial o uso das terminologias, primordialmente de origem anglo-saxônicas, que surgiram juntamente com sua criação.

Considerando que empresas e marcas associadas ao universo da tecnologia são constantemente citadas nas reportagens da *Superinteressante*, vide a lista das dez palavras estrangeiras mais usadas, da qual constam as empresas de tecnologia Google, Apple, Orkut e Facebook, vale enfatizar o papel ideológico da publicidade, que, de acordo com Coelho (2008), vem se confundindo com o jornalismo em processos comunicacionais que se situam no contexto da hegemonia ideológica neoliberal.

Neste mesmo contexto, cabe aqui, novamente, lembrar o pensamento de Schiller (1975), para o qual a descoberta e o desenvolvimento dos computadores, com sua tecnologia de comunicação rápida e abrangente, facilitaram a promoção da língua inglesa em um fluxo de informação unidirecional do núcleo para a periferia. A utilização dessas novas tecnologias, para este autor, é evidência de uma íntima correspondência com a estrutura e as necessidades dos elementos dominantes característicos do núcleo, configurando-se como mais um fator que carrega a marca de antigas conexões imperiais.



## 8. Apresentação de dados qualitativos

A etapa qualitativa responde ao quarto e ao quinto objetivos específicos desta pesquisa, de identificar as motivações que levaram os jornalistas e editores da *Superinteressante* a fazer uso de estrangeirismos entre 2000 e 2019 e entender a relação entre o uso de estrangeirismos na revista durante este período e as alterações lexicais do Português Brasileiro.

Após a finalização da análise quantitativa, desenvolvida por meio de uma busca lexical de estrangeirismos, utilizando o *software* MAXQDA, em um conjunto de textos extraídos da seção Superarquivo do *site* da *Superinteressante*, equivalentes às 40 edições impressas da publicação, dos meses de março e setembro entre os anos 2000 e 2019, foi contruído um questionário para as entrevistas semi-estruturadas, que foram realizadas no mês de julho de 2020, por meio do *software* de teleconferência Zoom, com quatro jornalistas que atuam ou atuaram na reportagem e na edição da *Superinteressante* durante os 20 anos desta análise e quatro pesquisadores da área da Linguística que lecionam em universidades públicas brasileiras.

Com os jornalistas Felipe Germano Abilio, repórter e editor da revista entre 2015 e 2018; Ana Carolina Leonardi, repórter e editora entre 2016 e 2019; Lucas Pasqual Pinheiro, editor do *site* da *Superinteressante* entre 2015 e 2018; e Rafael Battaglia Popp, que atua como repórter desde 2018, buscou-se descobrir se esses profissionais tinham conhecimento de regras sobre o uso de estrangeirismos nas publicações da Editora Abril; se os editores da *Superinteressante* costumam substituir palavras estrangeiras no texto dos repórteres; se o uso de estrangeirismos é incentivado pelos editores; se os profissionais percebem uma utilização maior de palavras, siglas e expressões estrangeiras em alguma editoria específica; se os jornalistas percebem alguma influência do uso de estrangeirismos no léxico da Língua Portuguesa falada no Brasil; e se a utilização destas palavras modifica a escrita ou a estilística do jornalista.

Com os linguistas Ieda Maria Alves, graduada em Letras pela Universidade Católica de Santos (Unisantos), mestre em Lettres Modernes pela Academie de Lettres de Besançon, na França, doutora em Linguistique pela Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle), professora titular da Universidade de São Paulo (USP) desde 2006; Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista (Unesp)

e em pedagogia pela Universidade Nove de Julho (Uninove), mestre e doutor em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e professor efetivo da USP desde 1999; Alexandre Ferreira da Costa, graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em Lingüística pela Universidade de Brasília (UnB), doutor em Lingüística Aplicada pela Unicamp, e professor da Universidade Federal de Goiás (UFG) desde 1998; e Sírio Possenti, graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), mestre e doutor em Lingüística pela Unicamp, e professor titular da Unicamp desde 1979, procurou-se saber até que ponto a incorporação de novas palavras, siglas e expressões estrangeiras modifica a língua falada no País; qual o poder e a influência da imprensa na incorporação, na validação e na fixação de novas palavras ao Português Brasileiro, especialmente as relacionadas à revolução tecnológica em curso, em um contexto de crescimento das comunicações interpessoais pela Internet; e se há alguma política de aceitação ou rejeição de estrangeirismos por linguistas e entidades cuidadoras da língua.

### **8.1. Entrevistas semi-estruturadas com jornalistas da *Superinteressante***

As entrevistas semi-estruturadas com os jornalistas da *Superinteressante* respondem ao quarto objetivo específico desta pesquisa, de identificar as motivações que levaram os repórteres e editores da revista a fazer uso de estrangeirismos entre 2000 e 2019.

Ao serem questionados sobre o conteúdo do manual de redação da Editora Abril, que publica a *Superinteressante* no Brasil, a respeito do uso de palavras, siglas e expressões estrangeiras em suas publicações, os profissionais consultados demonstraram desconhecer a existência de um documento específico com normas para os jornalistas que trabalham nos diversos periódicos da empresa.

As publicações da editora, de acordo com Abilio (2020), têm perfis diversos e as regras para o uso de estrangeirismos da *Superinteressante*, voltada para a divulgação científica, podem não ser as mesmas da *Veja*, que é o principal título de *hardnews* da Abril, ou da *Capricho*, que dialoga com o público adolescente feminino.

O bom senso é a norma padrão, segundo Popp (2020), com a utilização de apostos explicativos para palavras, siglas e expressões novas, que não são de uso

corrente no Português Brasileiro. Os estrangeirismos mais comuns, que compõem o vocabulário dos brasileiros, como “streaming”, não necessitam de explicação e o itálico só é utilizado em palavras consideradas novas ou incomuns para os brasileiros.

Os termos científicos que não possuem tradução exata ou que ficaram conhecidos na Ciência brasileira com a mesma palavra de origem também são publicados na língua original, conforme Leonardi (2020), trazendo uma definição ou uma explicação sobre o estrangeirismo. A jornalista lembra que esses apostos explicativos são utilizados somente quando o estrangeirismo se configura como um ruído, dificultando a compreensão e cortando o fluxo de leitura.

Os entrevistados ouvidos nesta pesquisa relataram que os editores da *Superinteressante* raramente modificam o texto dos repórteres para efetuar uma eventual substituição de estrangeirismos, fato que, na memória de Abilio (2020), pode acontecer caso a palavra afete a compreensão do texto. Alguns estrangeirismos, segundo o jornalista, já fazem parte do dia a dia do público da revista e não pedem substituição, decisão que tem sempre o leitor como foco.

Além das interferências dos editores no texto para substituição de estrangeirismos serem raras, Popp (2020) pontua que há bastante espaço para escrever tanto na edição *online* quanto na impressa, fator facilitador para uma melhor explanação do repórter a respeito de termos pouco usuais do Português Brasileiro.

A edição dos textos da *Superinteressante*, na opinião de Leonardi (2020), se transformou em um processo mais colaborativo na medida em que a redação foi ficando mais enxuta com o passar dos anos, facilitando a defesa de palavras, siglas e expressões estrangeiras eventualmente alteradas pelos editores: os repórteres costumam ser avisados quando há a necessidade de substituição e têm abertura para defender o uso de um termo específico. A preocupação dos editores, de acordo com a jornalista, é se o texto está sendo escrito da forma mais direta e didática para o leitor e a questão do uso de estrangeirismos diz respeito a esse processo.

Outra colaboração importante para esta pesquisa diz respeito à publicação e à manutenção de estrangeirismos da versão impressa da *Superinteressante* na edição *online*, de onde foram retirados os textos que compõem o *corpus* deste estudo. Para Pinheiro (2020), os editores do *site* perdem um pouco do preciosismo em relação aos

estrangeirismos, já que o leitor da edição *online* já está habituado com um vocabulário recheado de termos provenientes de outras línguas, o que abre uma possibilidade maior de brincar com as palavras e com o texto.

Os entrevistados relataram ainda que os editores da *Superinteressante* não incentivam o uso de estrangeirismos na revista, a não ser que a utilização destas palavras, siglas e expressões de outras línguas enriqueça ou facilite o entendimento do texto.

Abilio (2020) cita casos específicos em que uma palavra estrangeira funciona como uma carta na manga para dar fluência ao texto, sendo utilizada como sinônimo, dando como exemplo o termo *gadget*, que substitui a palavra “dispositivo” quando é preciso citá-la muitas vezes na mesma reportagem.

Quando a utilização de termos estrangeiros que trazem variedade ao texto é necessária, Popp (2020) lembra que o repórter costuma fazer uma pausa para contextualizar a expressão, principalmente quando ela não é do uso comum do leitor brasileiro.

Em alguns casos, o uso de um estrangeirismo não somente é incentivado como se mostra primordial para a compreensão textual, como no caso de *selfie*, que Leonardi (2020) julga ser preferível, em substituição à tradução para o Português, que resultaria em uma expressão como “auto-retrato pelo telefone”, sem nenhum sentido no imaginário do leitor brasileiro, o que não contribuiria para a fluidez do texto.

A editoria de Tecnologia é lembrada pelos quatro jornalistas entrevistados ao serem questionados sobre quais seções da *Superinteressante* têm maior incidência de estrangeirismos, além das editorias de Cultura e Ciência, cada uma citada por dois dos profissionais ouvidos para esta pesquisa.

A editoria de Tecnologia traz palavras que nomeiam novas descobertas e invenções recém patenteadas, o que inviabiliza, de acordo com Abilio (2020) a utilização de uma terminologia do Português Brasileiro. Para o jornalista, com a velocidade em que as coisas são criadas, é mais produtivo utilizar a expressão na língua original, explicando o significado para o leitor, sem o risco de uma tradução mal feita.

A editoria de Ciência, segundo Pinheiro (2020) utiliza jargões de um nicho específico, o que dificulta a tradução para o Português Brasileiro. As terminologias

advindas de pesquisas científicas são explicadas durante a reportagem, o que muitas vezes não se faz necessário quando surge um estrangeirismo nos textos da editoria de Cultura, já que estas palavras, na opinião do jornalista, são mais amigáveis e costumam estar mais presentes no vocabulário do público brasileiro.

Entre os profissionais entrevistados, há uma percepção de que a utilização frequente de estrangeirismos nos veículos midiáticos pode impactar no léxico do Português Brasileiro, fato que, para Abilio (2020), não chega a se transformar em uma preocupação. O jornalista defende que levar o leitor a uma melhor compreensão do texto é mais importante que se preocupar com a língua como instituição.

A linguagem utilizada pelos leitores no dia-a-dia acaba sendo refletida nos textos da revista. Leonardi (2020) cita o exemplo e *machine learning*, que os brasileiros usam a despeito de “aprendizado de máquinas”. Nesse caso, de acordo com a jornalista, a opção pela não utilização do estrangeirismo poderia até criar barreiras de linguagem entre a revista e o leitor.

A via de entrada de novas palavras, siglas e expressões estrangeiras no Português Brasileiro migrou dos veículos midiáticos para as redes sociais, na reflexão de Popp (2020). Os novos termos emergem principalmente do *Twitter* e, de acordo com o jornalista, vão sendo aos poucos incorporados à linguagem dos brasileiros, mas a mídia ainda é o principal canal de validação desses estrangeirismos, que ganham peso quando começam a aparecer em reportagens de jornais e revistas: “o fato de ter veículos de notícia se permitindo usar essas palavras, ou porque é vital para o contexto da notícia ou porque foi algo que os jornalistas já sinalizaram como relevante, eu acho que acaba sim interferindo no léxico.”

Os profissionais entrevistados para esta pesquisa acreditam que o uso intenso de estrangeirismos pode alterar a escrita e a estilística dos jornalistas. Na percepção de Abilio (2020), quando um redator utiliza muitos anglicismos, por exemplo, o pico de formação das frases pode ser afetado, com a tendência de terminar a sentença também com uma palavra do Inglês.

Além dos estrangeirismos, Popp (2020) cita o acesso à informação estrangeira como fator determinante para ligeiras alterações estilísticas na escrita dos jornalistas: na *Superinteressante*, as fontes, os periódicos e as publicações consultadas para

construir o texto são majoritariamente estrangeiras, o que pode fazer com que os repórteres reproduzam construções linguísticas típicas de outros idiomas, preponderantemente o Inglês.

A alteração na estilística, para Leonardi (2020), não se limita aos jornalistas, nem aos estrangeirismos, é um fenómeno coletivo. Ela cita as estrofes da canção “Trem Bala”, da cantora e compositora Ana Carolina Vilela da Costa, que começam sempre com uma construção frasal característica do Inglês (“Não é sobre ter...”, “Não é sobre chegar...”), assinalando que as pessoas passam por ondas de tendências de escrever determinados termos, de pontuar as frases de uma determinada forma e usar determinadas estruturas de texto: “faz parte de ter uma língua viva.”

## **8.2. Entrevistas semi-estruturadas com linguistas**

As entrevistas semi-estruturadas com os linguistas respondem ao quinto objetivo específico desta pesquisa, de entender a relação entre o uso dos estrangeirismos na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019 e as alterações lexicais do Português Brasileiro.

Os pesquisadores da Linguística recorreram sobre três eixos primordiais para uma melhor compreensão desta pesquisa: até que ponto a incorporação de novas palavras, siglas e expressões estrangeiras modifica a língua falada no País; qual o poder e a influência da imprensa na incorporação, na validação e na fixação de novas palavras ao Português Brasileiro em um contexto de crescimento das comunicações interpessoais pela internet; e se há uma política de aceitação ou rejeição desses estrangeirismos entre os linguistas e as entidades cuidadoras da língua, como a Academia Brasileira de Letras (ABL).

A incorporação de palavras estrangeiras é um processo inerente ao desenvolvimento das línguas que, de acordo com Alves (2020), ocorre desde os primórdios das relações entre os povos. O empréstimo de referências, de diferentes modos de vida, da alimentação, está presente desde a formação da Língua Portuguesa, com termos usados por fenícios e bárbaros sendo incorporados pelos habitantes locais conforme esses povos visitavam a Península Ibérica. Ela garante que esses empréstimos não modificam a estrutura da língua, apenas enriquecem o léxico, e expõe que

difícilmente uma palavra estrangeira é incorporada sem sofrer modificações, e que a tendência é que esses empréstimos se adaptem às formas lexicais da língua.

A pesquisadora pontua que as palavras não são importadas para um idioma sozinhas. Elas agregam também um conceito. Atualmente, pela grande efervescência científica e cultural dos Estados Unidos, é natural, para Alves (2020) que muitos conceitos sejam exportados de lá para o mundo, e junto com esses conceitos, as palavras. Desta forma, quando o estrangeirismo *delivery* começa a fazer parte do vocabulário dos brasileiros, traz junto o conceito de pedir uma comida que possa ser entregue rapidamente, o que se distingue de uma “entrega à domicílio”, que era uma expressão de uso corrente, mas não trazia intrínseco a pressa de um pedido *delivery*.

Este mesmo exemplo é utilizado por Possenti (2020), que verifica uma alteração no significado da palavra “entrega” com a entrada de *delivery* no vocabulário dos brasileiros. Para ele, em breve *delivery* será uma palavra do Português, com pronúncia portuguesa e escrita sem o “y”, característico do Inglês.

A palavra “gravar” é outra que, na percepção do linguista, sofreu alteração de significado recentemente, por meio de um estrangeirismo característico da revolução tecnológica em curso: “eu gravo um disco, gravo o nome em uma pedra, em uma casca de árvore, mas eu não gravo um arquivo no computador. Lá eu salvo”.

O teórico afirma que em certos campos há uma concorrência maior de itens lexicais, o que faz com que, eventualmente, as palavras anteriores ao empréstimo tenham seu sentido um pouco modificado pela entrada de uma nova palavra. Desta forma, a introdução do estrangeirismo “salvar” modificou o léxico no sentido do valor semântico de cada uma dessas palavras. De repente, “aquilo que poderia ser gravar, não é, porque entrou a palavra salvar.”

Os estrangeirismos, no entendimento de Possenti (2020), não afetam, mas reforçam a língua, mostrando que a fonologia, a sintaxe e a morfologia do Português Brasileiro são sólidas: “as pessoas não dizem hot dog, dizem hoti dogui. Significa que nós palatalizamos o ‘t’ diante do ‘i’, que nós acrescentamos uma vogal no final da sílaba e assim por diante.”

O impacto dos estrangeirismos em uma língua, na opinião de Costa (2020), raramente transpõe a barreira do léxico a ponto de gerar mudanças estruturantes.

Entretanto, algumas interferências sintáticas podem ocorrer eventualmente. O linguista lembra que o gerundismo impôs alterações visíveis no Português Brasileiro há alguns anos por meio dos treinamentos dos profissionais do Telemarketing, cacoete (hábito, vício) característico do Inglês que acabou transcorrendo para a linguagem pública, talvez pela impressão de assertividade que esse tipo de imitação, de mimetismo linguístico causava, mas posteriormente acabou repellido e ridicularizado.

Para falar sobre o impacto dos estrangeirismos associados à revolução tecnológica em curso sobre o Português Brasileiro, na visão de Corrêa (2020), é preciso também discorrer sobre o acesso do falante da língua aos aparatos tecnológicos advindos desta revolução.

O pesquisador defende que não há uma influência uniforme, e que as palavras vão aparecendo no cotidiano dos brasileiros de forma desigual, já que os cidadãos recebem desigualmente as tecnologias digitais de informação e comunicação.

Uma pequena parcela privilegiada da população que acessa as tecnologias digitais em seus postos de trabalho, segundo Corrêa (2020), certamente será mais impactada pelo uso de estrangeirismos que os indivíduos que participam da revolução tecnológica apenas por meio de comunicações interpessoais via redes sociais.

O acesso, para este linguista, é também a palavra chave para responder ao segundo questionamento, sobre a influência da imprensa brasileira na incorporação, na validação e na fixação de novas palavras à língua falada no País.

Para ele, primeiro é preciso saber quem ainda tem acesso à imprensa escrita no Brasil, que a cada dia perde mais assinantes. O brasileiro se informa e, com o advento das *fake news*, se desinforma cada vez mais via redes sociais. Junto com os assinantes, os veículos impressos perdem também o poder de influenciar a população. Em seguida, é necessário verificar de que forma a imprensa poderia revolucionar a linguagem para voltar a vender e a influenciar como fazia anteriormente. De acordo com Corrêa (2020), pensando a imprensa como produtora de um Português Brasileiro médio, que é passível de compreensão por um grande número de pessoas, é plausível pensar na validação das palavras estrangeiras publicadas, mas lembrando que a audiência da imprensa escrita já tem um vínculo com as novas tecnologias e com o próprio Inglês.



O investigador chama ainda a atenção para um outro aspecto, o educacional: o crescente ensino bilíngue nas escolas brasileiras, especialmente no ensino privado, fará com que o Inglês transite no Português Brasileiro do dia-a-dia desta geração de estudantes, diminuindo o poder da imprensa de influenciar os cidadãos neste nível linguístico.

A imprensa escrita, na visão de Alves (2020), vem se adaptando à revolução tecnológica em curso para não perder a influência junto ao leitor, citando o exemplo das versões *online* dos jornais de maior circulação do país, que têm suas notícias replicadas via redes sociais. Para ela, a audiência divulga, modifica, aumenta, deturpa, mas a fonte das notícias ainda é o jornalismo. Dessa forma, a influência dos veículos impressos é transposta para o mundo virtual. As pessoas podem deixar de comprar jornais ou revistas, mas terão acesso ao conteúdo desses mesmos veículos pela internet.

Algumas editorias sofrem uma influência maior dos estrangeirismos. Alves (2020) cita o exemplo dos cadernos de Economia, que trazem uma diversidade de terminologias estrangeiras, especialmente inglesas. Muitas destas palavras são relacionadas às Bolsas de Valores. Essa linguagem técnica acaba sendo incorporada ao vocabulário da audiência desse segmento, muitas vezes com adaptações do Português Brasileiro, sejam ortográficas ou fonológicas.

No ponto de vista de Costa (2020), a imprensa sedimenta o uso de termos estrangeiros no Português Brasileiro ao se apropriar de jargões de uso técnico de qualquer campo discursivo, seja da Economia, da Medicina, ou da própria mídia.

A sigla *Aids*, que tem ordenamento da língua inglesa (*Acquired Immunodeficiency Syndrome*), é citada pelo linguista como um bom exemplo de estrangeirismo incorporado ao Português Brasileiro por meio da mídia. Em Portugal e também em países de língua espanhola, o termo utilizado é *Sida*, que designa a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

Ao usar e difundir a sigla *Aids*, a imprensa cumpre o papel de incorporar, validar e fixar o uso desse termo estrangeiro na língua falada no País. Entretanto, Costa (2020) defende que esse papel, de um modo geral, é muito restrito e tem pouco impacto sobre a língua, já que as pessoas não usam termos de língua estrangeira fora de campos técnicos.

Essa opinião é dividida, de certa forma, com Possenti (2020), que remonta ao contexto deste estudo, na ótica da revolução tecnológica em curso, ao apontar uma utilização mais intensa de terminologias técnicas em colunas especializadas em Tecnologia ou Comunicação, citando como exemplo as *fake news*; o *Facebook*; e o *TikTok*, um aplicativo chinês que em seu país de origem é mais conhecido como *Douyin* (em Chinês, 抖音), mas ganhou essa alcunha anglo-saxônica durante a internacionalização da plataforma.

Para este linguista, os estrangeirismos do universo da tecnologia e das comunicações são utilizados sem pudor nas colunas dedicadas a estes assuntos e os jornalistas não se preocupam em abrigar os termos, pois, para eles, é como se já estivessem escrevendo no Português Brasileiro.

Possenti (2020) lembra que é cada vez mais rara a discussão sobre o empobrecimento da língua falada no País em virtude do uso de estrangeirismos. Esses questionamentos, que começaram com o “internetês” e com o projeto Aldo Rebelo, já desapareceram dos debates na mídia ou em entidades cuidadoras da língua.

Esse tipo de polêmica, conforme Costa (2020), já foi mais contundente entre profissionais ligados ao ensino normativo da língua, que reclamavam sobretudo da influência do Inglês sobre o Português Brasileiro e, com mais afinco, em relação ao gerundismo. Entretanto, do ponto de vista da Linguística como ciência que reconhece o processo de trânsito e de apropriação de vocabulários estrangeiros na língua nacional ou nas variedades da língua portuguesa falada no Brasil, isso não é um problema, mas um processo natural da língua.

Na opinião de Alves (2020), não há no Brasil um guardião da língua, nem mesmo a Academia Brasileira de Letras (ABL). O léxico evolui conforme os contatos e as mudanças sociais. Ela lembra que alguns países, como a França e o Canadá, têm uma espécie de observação da língua, através de comissões voluntárias de especialistas que monitoram o surgimento de novas terminologias, principalmente de áreas científicas, para manter uma linguagem técnica uníssona, movimento que não é observado no Brasil. Para adotar uma política linguística no Brasil, seria necessária uma aceitação por parte do povo.

A tendência entre os linguistas, no pensamento de Corrêa (2020), é a de enxergar os estrangeirismos como um fenômeno da língua, inseparável dos contatos linguísticos, mesmo que esses contatos não sejam geograficamente marcados, a exemplo da relação entre o Português e o Espanhol nas regiões fronteiriças do Brasil com os países de língua hispânica.

O teórico cita ainda o exemplo dos contatos econômicos que regem a inserção de novas palavras do Inglês, que permeiam o universo da tecnologia, no Português Brasileiro, os quais não se configuram como uma preocupação para acadêmicos ou para a Associação Brasileira de Linguística (Abralin), que jamais se manifestou a respeito do assunto.

Segundo Corrêa (2020), o Inglês acabou virando uma língua comum para tudo, não só no campo tecnológico, e acaba sendo um conhecimento quase obrigatório para quem trabalha em diversas áreas, incluindo as pesquisas acadêmicas.

## 9. Discussão de dados qualitativos e global

Os dados qualitativos, extraídos de entrevistas semi-estruturadas com jornalistas que trabalham ou trabalharam como repórteres ou editores da *Superinteressante* no período analisado e com linguistas vinculados a instituições de ensino superior públicas brasileiras, respondem aos dois últimos objetivos específicos desta pesquisa, de identificar as motivações que levaram os repórteres e editores da revista a fazer uso de estrangeirismos entre 2000 e 2019, e de entender a relação entre o uso dos estrangeirismos na *Superinteressante* entre 2000 e 2019 e as alterações lexicais do Português Brasileiro.

Uma das pretensões desta pesquisa é identificar se há um *gatekeeping* linguístico relacionado ao uso de palavras, siglas e expressões estrangeiras nas páginas da revista. Shoemaker et al. (2001) sinaliza que, para um melhor entendimento desta teoria, é preciso enxergar além da mera seleção de notícias, avaliando a forma como as mensagens são moldadas, manipuladas e disseminadas.

De acordo com os profissionais entrevistados, raramente os editores modificam o texto dos repórteres para efetuar a substituição de estrangeirismos por palavras do Português Brasileiro (Abilio, 2020; Leonardi, 2020; Popp, 2020), mostrando que não há na *Superinteressante* uma política de controle ideológico sobre o emprego de novas terminologias incorporadas ou não ao léxico dos leitores da revista.

Os dados quantitativos apresentados no capítulo 6 são mais uma evidência de que não há ou que há pouca preocupação editorial com a presença de estrangeirismos na publicação: foram encontradas 12.253 palavras, siglas e expressões de pelo menos 15 grupos linguísticos distintos nas 40 edições analisadas, com incidência regular nos 20 anos cobertos pela pesquisa.

Na comunicação de massa, o *gatekeeping* pode ser traduzido como o processo pelo qual a realidade social transmitida pelos veículos é construída (Shoemaker et al., 2001). Nas reportagens da *Superinteressante*, as palavras estrangeiras fluem no texto, sem necessidade de um filtro — ou um *gatekeeping* linguístico —, por serem características do linguajar e estarem integradas na comunicação padrão da audiência (Abilio, 2020).

O léxico e as interações comunicacionais características dos textos da *Superinteressante* e também dos leitores da revista refletem, sob um ponto de vista crítico, as transformações sociais, políticas e econômicas em curso no mundo, contribuindo para uma compreensão mais ampla do tempo presente (Horkheimer, 1972), na conjuntura de uma revolução tecnológica ainda em curso (Castells, 2005), e associada à dominação cultural dos países centrais, criadores destas novas tecnologias, em relação aos países periféricos, receptores destas mesmas tecnologias, grupo ao qual o Brasil está inserido (Schiller, 1975; Beltran, 1978).

A realidade social de quem escreve e de quem lê a publicação é estabelecida em um contexto temporal que Castells (2005) identifica como um movimento rumo à expansão da mente humana, provocado pela revolução tecnológica ainda em curso; e que Crystal (2005) sinaliza como o alvorecer de uma nova era linguística, provocada por uma série de eventos e tendências de implicações globais que alteraram a “ecologia linguística do mundo” (p.16). Entre vários acontecimentos históricos elencados por este último autor, destacamos aqui as comunicações e as redes eletrônicas, como a internet, que tem no Inglês uma língua de uso majoritário desde o seu surgimento, ainda nos anos 1960.

A busca lexical por palavras, siglas e expressões estrangeiras nas 40 edições da *Superinteressante*, realizada por meio do *software* MAXQDA e exposta no capítulo 6, comprova a teoria de Crystal (2005), de que a internet utiliza o Inglês como língua padrão. A Tabela 5 mostra que, entre os 12.253 códigos listados, 5.720 são associados às novas tecnologias, sendo que 5.329 são provenientes do Inglês, o que representa 93,16% do total.

Analisando ainda a Tabela 2, que lista os termos estrangeiros mais incidentes na publicação no espaço temporal desta pesquisa, distinguem-se 7 palavras associadas à internet entre as 10 mais recorrentes (internet, site, Google, Apple, Orkut, Facebook, online), sendo que 6 delas são do Inglês e apenas uma do Turco (Orkut, sobrenome de um engenheiro que trabalhava para o Google no Vale do Silício, na Califórnia, e criou uma das redes sociais de maior sucesso no Brasil na primeira década do século XXI).

Entre os profissionais da revista, não há uma preocupação em relação a regras específicas sobre a utilização de estrangeirismos. Os repórteres e editores ouvidos para

esta pesquisa afirmam desconhecer ou não seguir um manual de redação e estilística da editora, adotando o bom senso como padrão de decisão para o uso dos estrangeirismos (Popp, 2020); abrindo apostos explicativos quando estas palavras representam um ruído para o leitor, cortando o fluxo de leitura e dificultando a compreensão do texto (Abilio, 2020; Leonardi, 2020; Popp, 2020); ou grafando em itálico para distinguir termos considerados novos ou incomuns no vocabulário dos brasileiros (Popp, 2020).

Em muitos casos, conforme Leonardi (2020), o uso de um estrangeirismo se mostra primordial para a compreensão textual, como no caso de *selfie*, anglicismo que, traduzido para o Português, resultaria em uma expressão como “auto-retrato pelo telefone”, sem nenhum sentido na realidade social do leitor brasileiro. Esse tipo de escolha linguística pode ser considerado um movimento rumo ao que Fioravanti (2013) chama de enfoque ampliado da ciência, no qual as reportagens, entre outras características, são produzidas utilizando uma linguagem mais próxima do leitor.

Além do exemplo de *selfie*, citado por Leonardi (2020), algumas palavras, siglas e expressões estrangeiras certamente trariam ruídos na comunicação se grafadas no Português Brasileiro. Alves (2020) lembra que as palavras não são importadas para um idioma sozinhas e agregam um conceito. A pesquisadora cita o exemplo de *delivery*, expressão já integrada ao vocabulário da população, que traz junto um conceito de pedir uma comida que possa ser entregue rapidamente.

Sobre esse mesmo tópico, Possenti (2020) pontua que, eventualmente, as palavras anteriores ao empréstimo têm seu sentido modificado pela entrada de um novo termo estrangeiro na língua, lembrando o exemplo da introdução do estrangeirismo “salvar”, utilizado no Brasil para “gravar” arquivos do computador, o que modificou o léxico no sentido do valor semântico de cada uma dessas palavras. A modificação do sentido das expressões do próprio Português Brasileiro justifica a escolha dos jornalistas pelos termos estrangeiros, sob o risco de afetar a compreensão do texto ao fazer uma escolha distinta ou distante do léxico do leitor.

A decisão sobre a publicação de estrangeirismos é um processo cada vez mais colaborativo na redação da *Superinteressante*, de acordo com Leonardi (2020). Para a jornalista, com o enxugamento da mão de obra, tendência que é seguida por grande parte dos veículos impressos brasileiros nos últimos anos, as redações ficaram mais mais

informais, dando aos repórteres cada vez mais acesso aos editores, o que viabiliza o diálogo e a defesa dos pontos de vista dos repórteres em relação a várias questões do dia-a-dia, entre elas, o uso de expressões específicas de outros idiomas nas reportagens, visão que enfraquece ainda mais a teoria de um *gatekeeper* linguístico no periódico.

Ao serem questionados sobre as editorias da revista campeãs na incidência de estrangeirismos, todos os jornalistas da *Superinteressante* lembraram das páginas de Tecnologia: são textos que trazem novas descobertas e invenções recém patenteadas, muitas vezes de difícil tradução para o Português Brasileiro (Abilio, 2020). As editorias de Ciência e Cultura também foram mencionadas, por utilizarem jargões específicos de um nicho científico que, ao invés de ser traduzido, ganha uma explicação nas páginas da revista; ou por usarem palavras que já fazem parte do vocabulário corrente dos brasileiros, consideradas amigáveis para os leitores (Pinheiro, 2020).

O ponto de vista dos jornalistas da revista encontra ressonância na teoria de Castells (2005), de que as transformações tecnológicas em curso penetram em todos os domínios — neste caso, o linguístico —, redefinindo os rumos da atividade humana.

A percepção dos entrevistados sobre as editorias que mais empregam estrangeirismos na publicação é validada pelos dados quantitativos apresentados no capítulo 6, que evidenciam que as palavras advindas ou criadas a partir da revolução tecnológica em curso têm uma significância percentual, representando 46,68% de todos os termos estrangeiros utilizados nas 40 edições analisadas, constatação que se torna ainda mais relevante ao separar a incidência de estrangeirismos do Inglês relacionados com as novas tecnologias, que correspondem a 57,31% das ocorrências deste grupo linguístico, ou ao analisar a lista de palavras estrangeiras mais incidentes nos 20 anos da publicação, conforme a tabela 2, repleta de palavras, siglas e expressões do universo tecnológico (internet, site, Google, Apple, Nasa, Orkut, Facebook, entre outras), científico (DNA, HIV, MIT, Big Bang, entre outras), e cultural (pop, Buda, gay, show, jazz, rock, entre outras).

A grande incidência de palavras associadas a empresas de tecnologia ou à indústria cultural na *Superinteressante* ecoa o pensamento de Coelho (2008), de que a publicidade vem se confundindo com o jornalismo ao desempenhar um papel de organizador da cultura, entendimento que, para este autor, só é possível se estes

processos comunicacionais se situarem no contexto da hegemonia ideológica neoliberal.

A reflexão acima é reforçada por Schiller (1975), que expõe as raízes da dominação cultural dos países periféricos na dominação econômica advinda principalmente das corporações multinacionais, dominação que se estende à produção e à disseminação cultural e comunicacional, organizada pelos impérios empresariais, como forma de garantir os mercados mundiais e a lucratividade. Este mesmo autor defende que a realidade do poder é representada por um fluxo de informações unidirecional, do núcleo para a periferia, com a promoção do Inglês como língua única de um setor de comunicação cultural desenvolvido por meio de novas tecnologias que mantêm uma correspondência estreita com a estrutura dos elementos dominantes do núcleo.

Estas relações imperialistas, de países fortes e centrais sobre países fracos e periféricos, segundo Beltran (1978), não se configuram como uma dominação inconsequente e afetam a integridade cultural destas nações dominadas, que, a partir de uma visão crítica, terão sua emancipação político-econômica ameaçada enquanto prevalecer esse tipo de relação.

Por outro lado, ainda sob o ponto de vista dos fluxos de informações entre as nações, representados nesta pesquisa pela introdução de estrangeirismos que surgiram a partir da revolução tecnológica em curso, Schiller (1975) chama a atenção para o fato deles refletirem e carregarem a marca de antigas conexões imperiais, e de quase sempre revelarem aspectos de relações de comando e obediência. Este teórico chama atenção ainda para o fato dos dominados estarem se despertando lentamente para a importância da comunicação na luta por sua existência e independência cultural.

Estudos recentes analisaram o poder dos falantes do Inglês como segunda língua sobre trabalhadores não falantes deste idioma (Gonçalves & Schluter, 2017; Cayla & Bhatnagar, 2017). A perpetuação do imperialismo cultural anglo-saxônico ocorre por meio do poder conferido a estes trabalhadores pelo conhecimento do Inglês, seja no estudo de Gonçalves e Schluter (2017), que investigaram a política de linguagem encoberta e as práticas de planejamento de micro-linguagem de uma brasileira-americana bilíngue que emprega trabalhadores falantes do Português Brasileiro, do



Português Europeu e do Espanhol em sua empresa de limpeza; ou na pesquisa de Cayla e Bhatnagar (2017), que acompanhou o trabalho de treinadores de ginástica e baristas de cafeterias da Índia para examinar o papel da linguagem na dinâmica de poder entre os provedores de novos serviços e clientes.

Em ambos os casos, o uso do Inglês representou uma forma específica de capital simbólico, em que o valor acrescido do conhecimento da língua influenciou diretamente na emancipação destes trabalhadores. A linguagem, neste caso, também se torna uma oportunidade para os cidadãos de classe média baixa resistirem e inverterem o domínio da elite (Cayla & Bhatnagar, 2017).

Os repórteres e editores entrevistados para esta pesquisa acreditam que os estrangeirismos podem alterar a escrita e a estilística dos jornalistas, afetando o pico de formação das frases (Abilio, 2020); e reproduzindo construções linguísticas típicas de outros idiomas (Leonardi, 2020; Popp, 2020). Além dos estrangeirismos, Popp (2020) cita o acesso à informação estrangeira como fator determinante para ligeiras alterações estilísticas na escrita dos jornalistas. Essas alterações, para Leonardi (2020), não se limitam aos jornalistas, sendo um fenômeno social coletivo característico de uma língua viva. Esta reflexão da jornalista nos remete ao teórico Bakhtin (1929), que em sua obra clássica *Marxismo e filosofia da linguagem* já defendia que não há na língua um sistema de normas rígidas e imutáveis. Pelo contrário, a língua, que para este filósofo é, de fato, um fenômeno social coletivo, está sempre em evolução no uso prático do dia-a-dia e em seu conteúdo ideológico.

Não obstante concordarem que os estrangeirismos podem afetar a escrita e a estilística, os jornalistas da *Superinteressante* não enxergam a inserção de palavras de outras línguas nas reportagens como um fenômeno preocupante, uma vez que a compreensão do texto por parte do leitor é o fator mais importante no processo de redação, ao invés da língua como instituição (Abilio, 2020). Ao redigir uma reportagem, os jornalistas se atentam à utilização de uma linguagem que não crie barreiras entre a revista e o leitor (Leonardi, 2020), validando estrangeirismos que emergem das novas tecnologias — principalmente das redes sociais —, se consolidam no vocabulário dos brasileiros, e migram para as páginas da revista (Popp, 2020).

Já os linguistas consultados para esta pesquisa apontam poucas alterações estruturais importantes no Português Brasileiro por meio da inserção de palavras estrangeiras. Na visão de Alves (2020), a incorporação de palavras estrangeiras é um processo inerente ao desenvolvimento das línguas e não modifica a estrutura, apenas enriquece o léxico. Para Costa (2020), raramente os estrangeirismos transpõem a barreira do léxico a ponto de gerar mudanças estruturantes. Uma das últimas vicissitudes visíveis na estrutura frasal adotada pelos brasileiros, segundo ele, ocorreu por meio da introdução do gerundismo, cacoete característico das chamadas de Telemarketing que acabou repellido e ridicularizado em instituições acadêmicas e também pela imprensa. No entendimento de Possenti (2020), os estrangeirismos não afetam, mas reforçam a língua, mostrando que a fonologia, a sintaxe e a morfologia do Português Brasileiro são sólidas.

O enriquecimento do léxico por meio dos estrangeirismos advindos da revolução tecnológica em curso foi apontado em outros trabalhos recentes (Timbane & Coelho, 2018; Valadares & Moura, 2017; Molinari et al., 2019), que demonstraram uma renovação lexical por meio das comunicações nas redes sociais *online* (Timbane & Coelho, 2018), em um movimento centrífugo de utilização que começa nas redes sociais *online* e invade o mundo real, contribuindo para o enriquecimento do Português Brasileiro por meio de derivações e variações (Valadares & Moura, 2017).

É preciso enfatizar que a introdução de estrangeirismos não modifica apenas o léxico dos países que adotam as palavras estrangeiras, mas também dos países que emprestam essas terminologias. Crystal (2005) sinaliza que o alcance global do Inglês, por exemplo, já traz preocupações quanto ao futuro da língua, que tem sofrido mudanças em relação a seu centro de gravidade, na medida em que deixa de pertencer somente a seus falantes nativos. Para este autor, os falantes nativos do Inglês já não controlam mais as tendências da língua. Modismos e influências de falantes de segunda língua ou de língua estrangeira modificam o idioma, criando neologismos, adaptações lexicais e ignorando partículas.

O papel da imprensa na validação de palavras estrangeiras inseridas no Português Brasileiro também foi comentado pelos linguistas. No entendimento de Costa (2020), a imprensa sedimenta o uso de termos estrangeiros ao se apropriar de jargões

de uso técnico de vários campos discursivos, citando o exemplo da sigla *Aids*, que tem ordenamento da língua inglesa, mas é amplamente utilizada pela mídia brasileira, ao invés de *Sida*, terminologia preferida pela imprensa de Portugal e também de países de língua espanhola.

Para falar sobre a influência da imprensa brasileira na incorporação, na validação e na fixação de novas palavras no Português Brasileiro, Corrêa (2020) afirma que é preciso antes refletir sobre o acesso dos brasileiros à imprensa escrita, que a cada dia perde mais assinantes. As pessoas se informam cada vez mais via redes sociais, segundo o linguista, diminuindo o poder dos veículos impressos sobre a população. Além disso, para este teórico, a audiência da imprensa escrita já tem um vínculo como utilizadora das novas tecnologias, de onde surgem a maior parte dos novos estrangeirismos, e com o próprio Inglês, língua que é ensinada nas escolas brasileiras, especialmente no âmbito privado, diminuindo o poder das mídias impressas de influenciarem os cidadãos neste nível linguístico.

Entretanto, ainda que a imprensa escrita venha perdendo assinantes, Alves (2020) pontua que esses veículos midiáticos vêm mantendo seu poder de influência junto aos leitores e se adaptando aos novos tempos marcados pela revolução tecnológica em curso. Através de suas versões *online*, o poder dos jornais e das revistas de grande circulação vai sendo transposto para o mundo virtual. A linguista pondera que os brasileiros podem até deixar de assinar ou comprar jornais e revistas nas bancas, mas continuarão acessando o conteúdo desses mesmos veículos pela internet.

Com os novos tempos e os novos hábitos, novas polêmicas sobre o uso de estrangeirismos no Português Brasileiro surgem e desaparecem na mesma velocidade. O gerundismo, o “internetês” e o projeto Aldo Rebelo já não povoam mais nenhum debate na mídia ou entre os linguistas e as entidades cuidadoras da língua (Possenti, 2020; Costa, 2020). A tendência entre os linguistas, no pensamento de Corrêa (2020), é a de enxergar os estrangeirismos como um fenômeno da língua, inseparável dos contatos linguísticos. Na opinião de Alves (2020), o léxico evolui conforme os contatos e as mudanças sociais e para adotar uma política linguística no Brasil, seria necessária uma aceitação por parte do povo. De acordo com Costa (2020), do ponto de vista da Linguística como ciência que reconhece o processo de trânsito e de apropriação de

vocabulários estrangeiros na língua nacional ou nas variedades do Português Brasileiro, o uso de estrangeirismos não é visto como um problema, mas como um processo natural da língua.

## Conclusão

A análise dos dados quantitativos e qualitativos recolhidos durante esta pesquisa repondeu aos objetivos propostos com base na pergunta de partida, que buscava compreender quais as características do uso de estrangeirismos na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019.

Ao quantificar os estrangeirismos predominantes na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019, respondendo ao primeiro objetivo específico delimitado, a análise de conteúdo das 40 edições selecionadas revelou uma alta incidência de palavras, siglas e expressões estrangeiras nas páginas da publicação de divulgação científica: 12.253 no total, dados que comprovam que o Português Brasileiro é uma língua viva, que vem sofrendo uma flexibilização do léxico por meio da incorporação de novas palavras estrangeiras (Baktin, 1929; Xatara, 2001; Gois, 2008) e experimenta uma constante mutação, evoluindo de acordo com as mudanças na sociedade e a intercomunicação entre os povos (Marr, 1926; Baktin, 1929; Câmara Jr., 1989; Gois, 2008).

Ao medir o uso de estrangeirismos anglo-saxônicos na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019, respondendo ao segundo objetivo específico, a análise de conteúdo evidenciou que o Inglês influenciou o Português Brasileiro muito mais que outras línguas estrangeiras neste período. Dos 12.253 termos estrangeiros encontrados, 9.297 são do Inglês, o que representa 75,8% do total. Ou seja, a cada 4 estrangeirismos utilizados pelos jornalistas da revista, 3 são de proveniência anglo-saxônica. O predomínio de estrangeirismos do Inglês sobre as demais línguas estrangeiras na *Superinteressante* pode ser explicado pela influência imperialista nas searas econômica, política e cultural (Schiller, 1975; Beltran, 1978) exercida pelos Estados Unidos sobre o Brasil.

A dominação econômica das corporações multinacionais se estende à disseminação cultural e comunicacional, sendo refletida em setores diversos da sociedade, como a educação e a mídia (Shiller, 1975). O imperialismo cultural dos Estados Unidos encontra forte apoio na comunicação de massa, na visão crítica de Beltran (1978), trazendo consequências para a cultura do Brasil e ameaçando a emancipação do País enquanto prevalecer essa relação desigual de poder entre as duas nações.

Ao aferir o uso de estrangeirismos relacionados às novas tecnologias na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019, terceiro objetivo específico proposto, verificou-se que das 12.253 palavras, siglas e expressões estrangeiras listadas, 5.720 são relacionadas à revolução tecnológica em curso, o que representa 46,68% do total. Restringindo o escopo desta análise para o grupo de estrangeirismos provenientes do Inglês, as incidências relacionadas às novas tecnologias tornam-se maioria: 5.329, ou 57,31% do total de 9.297 termos. Dos 5.720 estrangeirismos associados às novas tecnologias nas 40 edições da *Superinteressante*, a maior parte é de origem anglo-saxônica: 5.329, ou 93,16% do total.

Os dados evidenciam que duas revoluções que começaram nas décadas anteriores ao período delimitado para esta pesquisa, a tecnológica (Castells, 2005) e a linguística (Crystal, 2005), são concomitantes e ainda estão em curso. Quase metade dos estrangeirismos encontrados na *Superinteressante* entre 2000 e 2019, e mais da metade dos estrangeirismos do Inglês, surgiram em função do período em que Castells (2005) descreve como transformador da cultura material por meio de um novo paradigma tecnológico. Os avanços da ciência e as descobertas tecnológicas das últimas décadas do século XX já aparecem nas páginas da publicação brasileira no início do século XXI, à medida em que os jornalistas, também pertencentes ao grupo de usuários dessas descobertas, se apropriam delas e as redefinem, neste caso, por meio de seus textos.

Os caminhos tomados pela revolução tecnológica em curso no mundo ajudam a compreender as alterações que essas novas tecnologias impõem sobre as línguas ao redor do mundo, incluindo o Português Brasileiro. Neste sentido, são reverberados aqui os pensamentos dos autores da Escola de Frankfurt, que se atentam especialmente às transformações sociais, políticas e econômicas para contribuir criticamente para uma compreensão mais ampla do tempo presente.

O surgimento dos computadores e da internet, e a revolução tecnológica adjacente a essas descobertas, reteve os traços imperialistas que transformaram o Inglês em língua global, ao passo que os usuários de outros países começaram a se conectar com essa tecnologia e começaram a adotar uma série de novas palavras, siglas e expressões ligadas a estas novas descobertas, que são, em sua maioria, de origem

anglo-saxônicas, e se tornaram essenciais para a comunicação dos usuários dessa rede (Crystal, 2005).

As entrevistas semi-estruturadas com os jornalistas que trabalham ou trabalharam na publicação dentro do período analisado responderam ao quarto objetivo específico desta pesquisa, que consistia em identificar as motivações que levaram os jornalistas/editores da revista *Superinteressante* a fazer uso de estrangeirismos entre 2000 e 2019.

Durante as entrevistas, ficou evidente que não há entre os jornalistas da publicação uma preocupação em relação a regras específicas sobre a utilização de estrangeirismos. Os repórteres e editores afirmam desconhecer ou não seguir um manual de redação e estilística da editora, adotando o bom senso como padrão de decisão para o uso dos estrangeirismos.

Os profissionais ouvidos relataram que raramente os editores modificam o texto dos repórteres para efetuar a substituição de estrangeirismos por palavras do Português Brasileiro, mostrando que não há uma política de controle ideológico sobre o emprego de novas terminologias incorporadas ou não ao léxico dos leitores da revista. A decisão sobre a publicação de estrangeirismos é um processo cada vez mais colaborativo na redação da *Superinteressante*. Desta forma, pode-se afirmar que não há um *gatekeeping* linguístico relacionado ao uso de palavras, siglas e expressões estrangeiras nas páginas da revista.

Na comunicação de massa, o *gatekeeping* pode ser traduzido como o processo pelo qual a realidade social transmitida pelos veículos é construída (Shoemaker et al., 2001). Nas reportagens da *Superinteressante*, as palavras estrangeiras, já integradas na comunicação padrão dos jornalistas e da audiência, fluem no texto, sem a necessidade de um filtro — ou um *gatekeeping* linguístico.

O léxico e as interações comunicacionais características dos textos da *Superinteressante* e também dos leitores da revista refletem, sob um ponto de vista crítico, as transformações sociais, políticas e econômicas em curso no mundo, contribuindo para uma compreensão mais ampla do tempo presente (Horkheimer, 1972).

Além disso, o papel de intermediários linguísticos feito pelos jornalistas da *Superinteressante* contribui para a literacia internacional, linguística e científica dos leitores brasileiros. Identifica-se um imperialismo cultural da língua dominante, mas algum controle desta contribui para o acesso à informação e ao conhecimento. Assim, a língua inglesa deixa de ser objeto de posse da comunidade anglófona, que resente essa perda de controle.

As entrevistas semi-estruturadas com os linguistas e professores de Linguística de universidades brasileiras responderam ao quinto e último objetivo específico desta pesquisa, de entender a relação entre o uso dos estrangeirismos na revista *Superinteressante* entre 2000 e 2019 e as alterações lexicais do Português Brasileiro.

Os linguistas lembram que as palavras importadas de outros idiomas agregam conceitos e, eventualmente, unidades lexicais anteriores ao empréstimo têm seu sentido modificado pela entrada de um novo termo estrangeiro na língua. Desta forma, as alterações no significado das expressões do Português Brasileiro justificam a escolha dos jornalistas pelos estrangeirismos, evitando afetar a compreensão do texto ao usar uma palavra distante do léxico do leitor.

Os especialistas em Linguística consultados, destacam ainda que a imprensa tem um papel importante na validação de palavras estrangeiras inseridas no Português Brasileiro, sedimentando o uso de estrangeirismos ao se apropriar de jargões de uso técnico de vários campos discursivos. Mesmo que o acesso dos brasileiros à imprensa escrita seja cada vez menor, devido aos entraves econômicos, os veículos midiáticos vêm mantendo seu poder de influência junto aos leitores ao transporem seus conteúdos para o mundo virtual, ambiente onde os brasileiros acessam, absorvem, e até modificam as notícias antes de replicá-las novamente na própria internet.

Entre as limitações desta pesquisa, vale destacar que o enriquecimento lexical do Português Brasileiro em virtude da inserção de novas palavras advindas da revolução tecnológica é um processo ainda em curso. Além disso, não é simples observar um fenômeno quando o investigador se encontra inserido e sendo afetado por esse processo.

Este estudo se posiciona como um contributo para a sociedade a partir do pressuposto de que as línguas são seres vivos e não dependentes 100% de seus falantes



ou de suas circunstâncias. Dessa forma, o Inglês não escapará às influências das línguas que, por sua vez, influencia. O imperialismo cultural e linguístico do Inglês e sua dispersão pelo mundo irão permitir que esse organismo vivo se mantenha como instrumento de poder, mas também sirva para a formulação de resposta a esse exercício pelos supostamente dominados.

## Referências bibliográficas

- Agência IBGE Notícias (2020). *PNAD Contínua TIC 2018: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país*. Obtido de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais> Acessado em 07/10/2020.
- Alves, I. M. (2001). Neologia e níveis de análise lingüística. *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, 3, 77-91.
- Alves, M. A. (2013). Análise de neologismos por empréstimos no português brasileiro. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, 18(2), 31-50.
- Amorim, R. (2011). *English as a global language*. Tese de Doutorado. ISCSP, Lisboa.
- Assis-Peterson, A. A., & Cox, M. I. P. (2007). Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal. *Calidoscópio*, 5(1), 5-14.
- Bakhtin, M. M. (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Beltran, L. R. (1978). Communication and cultural domination: USA—Latin America case. *MediaAsia*, 5, 183-192.
- Brennen, B. S. (2013). *Qualitative Research Methods for Media Studies*. New York: Routledge.
- Bruns, A. (2014). Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo. *Brazilian Journalism Research*, 10(2), 224-247.
- Bueno, W. C. da (2009). Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma longa trajetória. In: C. M. Porto (org.) *Difusão e cultura científica: alguns recortes* (pp. 113-126). Salvador: Scielo.
- Câmara Jr., J. M. (1989). *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Padrão.
- Castells, M. (2005). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Cavallini, C., & Nunes, P. (2014). Jornalismo Sobre Música e Gatekeeping. *Revista Media & Jornalismo*, 13(1), 39-50.

- Cayla, J., & Bhatnagar, K. (2017). Language and power in India's "new services". *Journal of Business Research*, 72, 189-198.
- Coelho, C. N. P. (2008). Teoria crítica e ideologia na comunicação contemporânea: atualidade da Escola de Frankfurt e de Gramsci. *Libero*, (21), 79-86.
- Creswell, J. W. (2014). *Research Design. Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches* (4th Edition). Thousand Oaks, USA: SAGE.
- Crystal, D. (2005). *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Faraco, C. A. (2001). Apresentação. Em C. A. Faraco (org.) *Estrangeirismos - Guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Fioravanti, C. H. (2013). Um enfoque mais amplo para o Jornalismo Científico. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 36(2), 315-332.
- França, M. S. J. (2005). Divulgação ou Jornalismo?. In: S. V. Boas (org.), *Formação e informação científica. Jornalismo para iniciados e leigos* (pp 31-48). São Paulo: Summus.
- Fürsich, E. (2009). In defense of textual analysis: Restoring a challenged method for journalism and media studies. *Journalism studies*, 10(2), 238-252.
- Garcez, P. M. (2004). A proposta de legislação anti-estrangeirismos no Congresso Nacional do Brasil (1999-2003). *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, 2(1 (3), 95-104.
- Gois, M. V. S. (2008). A influência dos estrangeirismos na língua portuguesa: um processo de globalização, ideologia e comunicação. *Revista Philologus*, 40, 14-34.
- Gonçalves, K., & Schluter, A. (2017). "Please do not leave any notes for the cleaning lady, as many do not speak English fluently": policy, power, and language brokering in a multilingual workplace. *Language Policy*, 16(3), 241-265.
- Horkheimer, M. (1972). Traditional and Critical Theory (tradução de Matthew J. O'Connell). In: M. Horkheimer (org.), *Critical Theory: Selected Essays*, 188-243. New York: Continuum.
- de Jesus Santos, A. R., Ferreira, D. C. R. R., & de Mello, D. E. (2019). Ainda a semiformação: contribuições de Adorno e Horkheimer em tempos de cibercultura. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 14(esp. 4), 1993-2002.

- Mancebo, D. (2002). Globalização, cultura e subjetividade: discussão a partir dos meios de comunicação de massa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(3), 289-295.
- McQail, D. (2003). *Teoria da comunicação de massas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Michaelis On-Line (2020). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Obtido de: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues> Acessado em 28/11/2020.
- Mirrlees, T. (2016). US empire and communications today: Revisiting Herbert I. Schiller. *The Political Economy of Communication*, 3(2), 3-27.
- Molinari, M. P., Demarque, E., & da Silva, M. C. P. (2019). A unidade lexical crush e seus usos: inglês, português do Brasil e francês. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, 41(2), e46971-e46971.
- De Oliveira, F. (2006). *Jornalismo científico*. São Paulo: Editora Contexto.
- Phillipson, R. (1997). Realities and myths of linguistic imperialism. *Journal of multilingual and multicultural development*, 18(3), 238-248.
- Phillipson, R. (2000). *Linguistic Imperialism*. Oxford: Oxford University Press.
- Porto, C. M. (2009). A internet e a cultura científica no Brasil: difusão de ciência. Em C. M. Porto (org.) *Difusão e cultura científica: alguns recortes* (pp. 149-166). Salvador: Scielo.
- Riffe, D., Lacy, S., Fico, F., & Watson, B. (2005). *Analyzing media messages: Using quantitative content analysis in research*. London: LEA Publishers.
- Schiller, H. I. (1975). Communication and cultural domination. *International journal of politics*, 5(4), 1-127.
- Shils, E. (1962). The Theory of Mass Society: Prefatory Remarks. *Diogenes*, 10(39), 45-66.
- Shoemaker, P. J., Eichholz, M., Kim, E., & Wrigley, B. (2001). Individual and routine forces in gatekeeping. *Journalism & mass communication quarterly*, 78(2), 233-246.
- Tandoc Jr, E. C., & Vos, T. P. (2016). The journalist is marketing the news: Social media in the gatekeeping process. *Journalism Practice*, 10(8), 950-966.

- Timbane, A. A., & Alves, M. J. (2017). A dinâmica do português brasileiro na imprensa escrita: o caso de empréstimos e estrangeirismos lexicais. *A Cor das Letras*, 18(2), 8-25.
- Timbane, A. A., & Coelho, D. M. (2018). Os neologismos e a ampliação lexical nas redes sociais. *RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 4(1), 1-21.
- Valadares, F. B. (2013). *Uso de estrangeirismos no português Brasileiro: variação e mudança linguística*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, São Paulo.
- Valadares, F. B., & Moura, M. R. (2017). Internetês: neologismos gírios nas redes sociais. *Entretextos*, 16(2), 179-198.
- Valverde, R. R. H. F. (2013). O "Paraíso obscuro do mundo": territorialidades e desafios da influência cultural brasileira no leste paraguaio. *Geosul*, 28(55), 55-76.
- White, D. M. (1950). The "gate keeper": A case study in the selection of news. *Journalism quarterly*, 27(4), 383-390.
- Xatara, C. M. (2001). Estrangeirismos sem fronteiras. *ALFA: Revista de Linguística*, 45, 149-154.

## Índice de Apêndices

1. Lista de revistas analisadas .....	72
2. Lista de palavras codificadas pelo MAXQDA .....	77
3. Lista de exclusões .....	164
4. Lista de entrevistados .....	165
4.1. Jornalistas da <i>Superinteressante</i> .....	165
4.2. Linguistas .....	165
5. Entrevistas transcritas .....	166
Felipe Germano Abilio .....	166
Ana Carolina Leonardi .....	170
Lucas Pasqual Pinheiro .....	175
Rafael Battaglia Popp .....	180
Ieda Maria Alves .....	186
Manoel Luiz Gonçalves Corrêa .....	193
Alexandre Ferreira da Costa .....	199
Sírio Possenti .....	201

## 1. Lista de revistas analisadas

*Superinteressante* - Edição 150. Março de 2000. Publicada em 29 de fevereiro de 2000.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/150/>

*Superinteressante* - Edição 156. Setembro de 2000. Publicada em 31 de agosto de 2000.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/156/>

*Superinteressante* - Edição 162. Março de 2001. Publicada em 28 de fevereiro de 2001.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/162/>

*Superinteressante* - Edição 168. Setembro de 2001. Publicada em 31 de agosto de 2001.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/168/>

*Superinteressante* - Edição 174. Março de 2002. Publicada em 28 de fevereiro de 2002.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/174/>

*Superinteressante* - Edição 180. Setembro de 2002. Publicada em 31 de agosto de 2002.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/180/>

*Superinteressante* - Edição 186. Março de 2003. Publicada em 28 de fevereiro de 2003.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/186/>

*Superinteressante* - Edição 192. Setembro de 2003. Publicada em 31 de agosto de 2003.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/192/>

*Superinteressante* - Edição 198. Março de 2004. Publicada em 29 de fevereiro de 2004.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/198/>

*Superinteressante* - Edição 204. Setembro de 2004. Publicada em 31 de agosto de 2004.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/204/>

*Superinteressante* - Edição 211. Março de 2005. Publicada em 28 de fevereiro de 2005.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/211/>

*Superinteressante* - Edição 217. Setembro de 2005. Publicada em 31 de agosto de 2005.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/217/>

*Superinteressante* - Edição 224. Março de 2006. Publicada em 28 de fevereiro de 2006.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/224/>

*Superinteressante* - Edição 230. Setembro de 2006. Publicada em 31 de agosto de 2006.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/230/>

*Superinteressante* - Edição 237. Março de 2007. Publicada em 28 de fevereiro de 2007.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/237/>

*Superinteressante* - Edição 243. Setembro de 2007. Publicada em 31 de agosto de 2007.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/243/>

*Superinteressante* - Edição 250. Março de 2008. Publicada em 29 de fevereiro de 2008.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/250/>

*Superinteressante* - Edição 256. Setembro de 2008. Publicada em 31 de agosto de 2008.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/256/>

*Superinteressante* - Edição 263. Março de 2009. Publicada em 28 de fevereiro de 2009.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/263/>



*Superinteressante* - Edição 269. Setembro de 2009. Publicada em 31 de agosto de 2009.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/269/>

*Superinteressante* - Edição 276. Março de 2010. Publicada em 28 de fevereiro de 2010.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/276/>

*Superinteressante* - Edição 282. Setembro de 2010. Publicada em 31 de agosto de 2010.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/282/>

*Superinteressante* - Edição 289. Março de 2011. Publicada em 28 de fevereiro de 2011.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/289/>

*Superinteressante* - Edição 295. Setembro de 2011. Publicada em 31 de agosto de 2011.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/295/>

*Superinteressante* - Edição 302. Março de 2012. Publicada em 29 de fevereiro de 2012.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/302/>

*Superinteressante* - Edição 309. Setembro de 2012. Publicada em 31 de agosto de 2012.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/309/>

*Superinteressante* - Edição 316. Março de 2013. Publicada em 28 de fevereiro de 2013.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/316/>

*Superinteressante* - Edição 323. Setembro de 2013. Publicada em 31 de agosto de 2013.

Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/323/>

*Superinteressante* - Edição 330. Março de 2014. Publicada em 28 de fevereiro de 2014.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/330/>

*Superinteressante* - Edição 337. Setembro de 2014. Publicada em 31 de agosto de 2014.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/337/>

*Superinteressante* - Edição 344. Março de 2015. Publicada em 28 de fevereiro de 2015.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/344/>

*Superinteressante* - Edição 351. Setembro de 2015. Publicada em 31 de agosto de 2015.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/351/>

*Superinteressante* - Edição 358. Março de 2016. Publicada em 29 de fevereiro de 2016.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/358/>

*Superinteressante* - Edição 365. Setembro de 2016. Publicada em 31 de agosto de 2016.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/365/>

*Superinteressante* - Edição 372. Março de 2017. Publicada em 28 de fevereiro de 2017.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/372/>

*Superinteressante* - Edição 379. Setembro de 2017. Publicada em 31 de agosto de 2017.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/379/>

*Superinteressante* - Edição 386. Março de 2018. Publicada em 28 de fevereiro de 2018.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/386/>

*Superinteressante* - Edição 393. Setembro de 2018. Publicada em 31 de agosto de 2018.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/393/>

*Superinteressante* - Edição 400. Março de 2019. Publicada em 28 de fevereiro de 2019.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/400/>

*Superinteressante* - Edição 407. Setembro de 2019. Publicada em 31 de agosto de 2019.  
Editora Abril. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/407/>

## 2. Lista de palavras codificadas pelo MAXQDA

Alemão	
Adidas	1
Aktion	2
ale	11
Allianz	2
Arbeit macht frei	1
Auschwitz	27
Ayinger Altbairisch	1
Baden-Baden Stout	1
Badeschiff	1
Bayer	6
Bayern	1
Belzec	2
Berghain	1
Berlinized: Sexy an Eis	1
Blaupunkt	2
blitzkrieg	3
BMW	4
BMW's	1
Bock	3
Bohemia	2
Borussia Dortmund	1
BOXER	3
bretzel	1
Bundesliga	1
Chelmno	2
dachshund	2
Dachshunds	1
Deutschland	1
diutisciu	1
DOBERMAN	1
Dobermann	1
Dogue	2
Dunkel	2
Eichbaum Kellerbier	2
einsatzgruppen	1
Eisbein	1
Erdinger	1
fennia	1
Fraunhofer	1
Friedri-chshain	1

Fuchs-Gewuerze	1
Führer	23
ganzfeld	9
Gestapo	1
Goethe Universitat	1
Heinz	2
Hellers	1
Herzog	1
hruvat	1
IG Farben	4
ImmobilienScout24	1
Institut für Welkunde in Bildung und Forschung	1
Intelligenz-Quotient	1
Judenräte	1
Kaiser Bock	1
Kapo	1
Kellerbier	3
Kepler	2
Kiez	1
Kohler	2
Kölsch	1
Kraftwerk	1
Kreuzberg	4
Kunsthau Tacheles	2
lager	4
land	6
lebensraum	3
licht	1
Luftwaffe	3
Manns	1
Märzen	1
Max Plank	1
Mercedes	5
Mercedes-Benz	1
Merck	5
Merck Sharp & Dohme	1
mia san mia	1
Mild Ale	1
Mitte	2
Neu	1
Neukölln	4
Nollendorfplatz	1
Nomadisch Grün	1
Oktoberfest	2

Oranienstraße	1
Ost Reich	1
Ostmark	1
Paulaner	2
pilsen	1
Pilsher	1
pilsner	1
Pinscher	2
PJ Früh	1
Prenzlauer Berg	1
pretzel	1
Prinzessin-nengärten	1
pug	3
Radler	1
Reich	15
Roche	6
ROTTWEILER	3
rottweilers	1
schadenfreude	1
Schnauzer	3
Schöneberg	2
Schwarzbier	1
Schwyz	2
Siemens	2
Sobibor	1
sonderkommando	3
Sonderkommandos	1
Spree	1
Spreepark	1
Stadtmitte	1
Stattbad	1
stein	1
stout	3
suedan	1
TECKEL	1
TeGenero	2
Telefunken	1
Temmler	1
Tempelhof	1
Teufelsberg	2
Treblinka	5
U-boot	2
U-boots	1
Uber	18

unterseeboot	1
vernichtungskrieg	1
Volkswagen	4
WEIMARANER	1
Weiss	2
Weissbier	1
Weserstraße	1
zeitgeist	1
Zyklon	3
<b>Árabe</b>	
abu	2
ajam	3
Ajemi	1
Ajman	1
Al Jazeera	1
Al Qaeda	19
al-durra	1
al-jabr	1
Al-jaza'ir	1
al-maghrib	1
al-Mamlakah al-Maghribiyah	1
Al-Qaeda	3
Allah	1
Almagesto	2
amoun	1
as-sudan	1
Basra	1
bilad	1
Binladin	1
Burj Dubai	1
Burj Khalifa	1
burqas	1
Dadaab	1
dhabi	2
Dheisheh	1
dimmis	1
Dubai	7
fassulha	1
fatwa	1
halal	1
Hamas	4
Hezbollah	17
Iblis	2
Irab Arabi	1

Iraq	2
jihad	2
kamar	1
kuffar	1
kumr	1
kūt	1
l'rab	1
manand	1
maqad shah	1
pira	1
Qatara	1
quatara	1
qutr	1
qutra	1
Ra's al-Khaymah	1
Ramadan	2
SALUKI	1
Shahab	2
sharia	1
Sharjah	1
Taleban	5
Taliban	1
yizya	1
yumn	1
ZAKAT	1
Zanjibār	1
Zubara	1
<b>Espanhol (Castellano e outras línguas da Espanha)</b>	
Adiós	2
Alger	2
andurrial	1
baja mar	1
Barri Gòtic	1
Blanco	7
cascarones	1
Cerro Tololo	5
chapulin	1
CHIHUAHUA	2
Codhes	1
Cornare	2
Corporación Autónoma Regional de las Cuencas de los Rios Negro	1
Cubana de Aviación	1
cucaracho	1
Del Sol	1



El Brujo	1
El Camino	1
El Degollador	1
El Francia	1
El Mariatchi	2
el niño	7
El Niños	1
El patrón	1
El Tisingal	1
Endesa	1
Esta es la juventud del papa	1
fabada	1
Fandangos	1
Farc	2
flamenco	2
Fonde Libertad	1
Fundación Seguridad y Democracia	1
Ghesa	1
gitanos	1
Granada	5
Guernica	1
Hacienda	6
hermanos	2
hola	1
Honduras	9
Jaume	1
La Aurora	5
La Mañanita	1
La Silla	1
La tradición es mexicana	1
Las Fallas	1
mambo	1
Marruecos	1
Milaneza con Huevos	1
Monsanto	4
muy	1
Naranjito	1
Nuestra Senhora de la Antígua	1
Nuestra Señora de Atocha	1
Nuestra Señora de La Luz	1
OHEA	1
okupas	1
orujillo	2
otras cositas más	1

Partido del Nuevo Triunfo	1
pero no	1
pesima resaca	1
piquetas	1
Provincia De Nuestro Señor Jesus Cristo, El Salvador Del Mundo	1
pueblo	1
Real Madrid	1
SABUJO	2
Sierra Maestra	2
tango	11
trinidad moruga	2
Urquinaona	1
Zara	1
<b>Francês (Provençal e outras línguas e dialetos da França)</b>	
Ancien Régime	1
assignats	1
ateliê	2
avant-garde	1
Axilum	1
Baguete	1
baguetes	1
Baptême du Christ	1
BARBET	1
bassê	3
BASSET	4
Beige	1
Belle Époque	2
Bichon	2
BIDET	1
blinis	1
bon vivant	3
bonbonnière	1
Bordeaux	2
brésil	1
Bureau	2
Callebaut	1
Cap-Vert	1
Carde	3
Carrefour	1
cassoulet	1
caviar	39
Cern	6
Cessna	1
Champagne	2

Champs-Élysées	1
chanceler	4
Chanel	4
Chassis	3
CHATEAU	1
chef	8
chefs	1
Chien Bleur	1
Cirque du Soleil	3
collant	1
Comédie Française	1
computer	13
Concorde	4
Conservatoire des Arts et Metiers	1
Corsair	2
Coupe	1
couvert	1
crème de la crème	1
croissant	2
degradê	2
déjà vu	2
derrière	1
Dom Perignon	1
Dupont	1
Eiffel	4
escrima	1
Exocet	1
expertise	1
experts	7
façon	1
faire le diable a quatre	1
Fauve d'Or	1
femme fatale	1
Foie gras	2
frisson	1
Galleries Lafayette	1
gauche	1
glamour	3
gourmet	4
Grand Baigner	1
Grand Prix	4
GrandPrix	1
griffe	1
habitué	1

habitués	1
huguenotes	1
kanata	2
L'Oreal	1
la carte	3
La Marseillaise	1
Le Clitoris	1
Le Procope	2
Les Demoiselles d'Avignon	3
Les Femmes d'Alger	1
lingerie	1
Locale	1
Louis Vuitton	4
maçon	1
madame	6
madame de la tour	2
maisons	2
mal du siècle	1
manche	4
Mavic	1
ménage	1
ménage à trois	1
metropolitain	1
Michelin	1
Mirage	1
Mont Blanc	1
Nestlé	4
non-sens	2
notch	1
ordinateur	1
ordinateurs de gestion	1
parce que	1
Pianographique	2
pied-de-roi	3
pince-nez	1
POODLE	2
pourquoi	1
Prelude	3
Premier League	2
prêt-à-porter	4
Rafale	1
randir	1
Ratatouille	1
Réveillon	2

Rive Gauche	1
ROLEAU (DE FILM)	1
roquefort	2
rouge	1
Royal de Luxe	1
Saint-Denis	1
Sainte-Langue	1
Sandoz	2
Sanofi Pasteur	1
savant	10
savants	10
Sinclair	1
SOMMELIER	1
souvenir	1
souvenirs	1
Tintim	2
tour	4
tour de force	1
tours	3
Vagabond	1
Vignon Thermometer	1
voilà	4
Voyager	6
voyeur	4
voyeurs	1
<b>Grego</b>	
A-frikke	1
adamas	1
Aegis	1
aither	1
aithiops	1
alfa	14
amaurós	1
analogos	1
arithmos	1
Artemis	1
ástron	1
Athena	6
Atlantis	1
beta	6
cosmo	15
daimon	1
datilos	1
diaulos	2

digitus	2
dolikhos	2
dracma	1
efebo	1
elétron	5
Éris	6
erythros	1
galaktos	1
gama	3
Genesis	2
hádrons	3
hellanodika	2
Hellas	1
Heracles	1
hoplitodromia	1
Hypnerotomachia Poliphili	2
ictus	1
India	2
kérata poiein	1
Kilo	2
Kipris	1
kolla	1
kottabos	1
Kratos	1
Kypros	1
lépton	3
léptons	6
Libri	3
Libri Fatales	2
Libri Sibillini	1
lógos	1
makos	1
makro	1
maurós	1
mega	4
Melankholia	1
mêlas	1
meli	1
melitta	1
Mikros	1
mimeme	1
mixis	1
Monoikos	1
múon	1

nautes	1
nesos	2
Nesos	2
nêutron	3
Nómos	1
Odissey	2
Odyssey	3
oikos	1
palaistra	2
Palas	6
Palas Athena	5
pan	3
pankration	4
Phalanx	1
Philogelos	2
próton	6
protos	1
quarks	15
quindecemviri	1
sa Turos	1
skamma	2
stade	2
tau	1
tera	2
tessares	1
Tetrabiblos	2
Theia	4
trigon	1
<b>Hindi (Sânscrito e outras línguas e dialetos da Índia)</b>	
Ahimsa	1
Anatman	1
Angkor Wat	9
apsaras	1
Arhat	1
Asana	2
Aśvakas	1
ayriana	2
balmikis	1
Barunah	1
bhang	1
bhangis	1
Bhiksu	1
bhiksus	1
Bhot	2

Bhot-ant	1
bhūmi	1
Bhut Jolokia	1
bodhi	1
Bodhisatva	1
bodhisatvas	1
bóson	10
Brahman	1
brahmins	1
brâmanes	4
Buda	67
Carma	6
catvarah	1
curries	1
curry	1
dalits	5
Darma	2
Dhammapada	2
dhianybudas	1
dhyana	1
dri	1
Druk Gyal Khap	1
dve	1
Ganges	2
hijras	1
Hinayana	2
Holi	1
ioga	10
Jasta	2
jatis	1
ksatriyas	1
ksatrya	1
Mahabharata	1
Mahayana	14
maladvipa	1
mangád	1
mankáy	1
nārānga	1
Nipa Alaya	1
nirvana	10
pakhis	1
Preah Vihear	1
Purusha	2
Rama	1



Ramayana	1
samadhi	2
samsara	3
satori	1
Shiva	2
sikkaliars	1
sindhu	1
Sita	1
sramana	1
sudras	3
Sudras	3
Sunyata	1
Surya	3
Taj Mahal	1
TANA TORAJA	1
Theravada	14
vaisyas	1
vaixas	1
vaixás	1
Vajrayana	9
VARANASI	3
varna	1
Vedas	5
Vishnu	3
xátrias	2
yoga	1
zen	19
<b>Inglês (Escocês e outras línguas anglo-saxônicas)</b>	
15Five	1
23andMe	6
4Moms	2
A&M International	1
Aardman Animations	1
Abbey Road	2
AbbVie	2
ABC	5
Abort	1
Academic-Qualifications	1
Access	3
accumbens	2
ACE	2
Acid Jazz	1
Actel	1
Adobe	3

Advanced Research Projects Agency	1
Adventure	1
Adventure Galley	1
ADzero Bamboo	1
affair	2
AFOLS	2
Aids	25
air	1
air bag	7
air bags	2
Air Zimbabwe	1
airbags	3
AirBnB	2
Airbus	3
Airnimal	2
Airpods	2
Airsafe	1
AirSinai	1
Alam	2
Alan Wake	1
Albany Medical College	1
Alca	8
Alcohol Without Liquid	1
Algol	1
Algorithmic Language	1
Alien	2
aliens	7
all clad prep & cook	1
All TV	1
AllYourBaseAreBelongToUs	1
Almond Board	1
Alone in the Dark	2
AlphaSmart	3
Alpine	2
AltaVista	2
altered books	1
Amabrush	3
Amazon	26
Amazon Dash	1
Amazons	1
American Board of Internal Medicine	1
American College of Surgeons	1
American Express	2
American Foundation for Suicide Prevention	1

American Health Foundation	1
American Idol	2
American Kennel Club	1
American Physical Society	1
American Physician's Desk Reference	1
American Pie	1
American Potato Chips	1
American Psychological Association	1
Americard	1
Amex	1
AMI Books	1
Amni Biotech	1
Amyris Biotechnology	1
Anchor Books	1
Ancient Sports	1
And in the end/The love you take/Is equal to/The love you make	1
Android	31
Androids	1
Angels	1
angh	1
Angry Kid	1
Animatrix	1
Anki Drive	1
Anniversary Watch	1
Anonymous	1
Antelope Technologies	1
Anthology	1
ANTIBUSH	1
antispam	4
antivaxxers	1
Any.Do	2
AOL	2
Apartheid	6
Apocalypse Now	1
Apollo	11
app	26
App Store	1
Appetite for Destruction	2
Apple	124
Apple Stores	2
Apple TV	3
Apple Watch	1
Applesoft	1
AppleTV	2

apps	12
AquaBounty	2
Aquaman	1
arcade	1
Arcade Fire	1
Archos	2
Argus	2
Ariane	5
Arianespace	1
Armageddon	3
Arpa	24
Arpanet	20
Arrowvision	2
Arsenal	3
As Time Goes By	2
Asexual Visibility and Education Network	1
Asia Motors	1
Ask Jeeves	1
Associated Press	2
AT&T	2
Atlantic Avenue	1
Atlantis Gallery	1
Audacity	1
Audio-Technica	2
Auto-Drink	1
AutoGuard	1
avatar	3
avatares	1
Aven	2
Avigen	1
Avon Books	1
Axle Grease	1
AZT	2
Babe	1
baby	7
baby boom	1
Baby One More Time	1
baby-boomer	1
Babysigns	1
Back to the future	1
backdoor	1
backdoors	3
backlight	2
backscatter	1

backup	6
backups	1
bacon	15
Bad	17
Bad Taste	1
BAE Systems	1
Baker Street	1
baltic porter	1
Bannon & Co	2
barbecue	1
Barbie	1
Barclays	1
Barley Wine	1
barman	1
Barney Stinson Soundboard	1
BASIC	4
Basic Books	2
basket	1
Bat Conservation International	1
batman	17
Baxter	6
Baylor College of Medicine	1
BBC	5
BBoy	5
BBoys	1
Beach Spikers	2
beagle	3
beagles	1
Beam	2
bean-to-bar	2
Beat	8
beat generation	1
Beat It	1
Beatle	3
Beatles	24
Beatles Rock Band	1
beatnik	2
beatniks	1
Beats	1
Bebop	5
because	2
Because It's Time	1
BEDLINGTON TERRIER	1
Beechcraft	1

Beer Judge Certification Program	1
Beetlejuice	2
Bekindmovie	1
belgan	1
Belgian Ale	1
Bellboy	1
Bergdorf Goodman	1
Berlin, the place to be	1
best seller	9
best sellers	3
best-seller	3
best-sellers	5
bestseller	2
BGirls	1
BiblioTech	1
bid	2
big bands	2
Big Bang	30
Big Ben	3
big boss	1
Big Brother	9
Big Brothers	2
Big Falcon Rocket	1
Big Five	6
Big Mac	5
Big Macs	2
Big-Bang	4
Big-O	1
Bigelow Aerospace	2
bike	8
Billboard	3
Billie Jean	4
Biobank	1
BioCompact	2
Biodesic	1
biofeedback	2
Bionic	2
Bionicles	1
bip	3
bips	4
bit	21
bit mapping	1
Bitches Brew	1
bitcoin	5

Bitnet	1
bits	20
Bitter	1
BitTorrent	2
Black or White	1
Black Rock	1
Black Sabbath	1
BlackBerry	1
blackbirds	1
Blackphone	3
Blade Runner	3
Blagdon Manor	1
Blanket Carbon Copy	1
blazer	1
blend	1
blind	1
blitz	1
Blizzard	2
Bloc Party	1
blockbuster	1
blockbusters	4
blockchain	2
blog	24
blogs	12
blogues	1
blowing	2
Blu-ray	2
blue	1
Blue Brain	3
Blue Origin	1
Blue Square Premier	1
Blue Tuesday	1
Bluebook	1
Blues	3
bluetooth	17
blush	3
BMG	1
BMX Tricks	1
body art	1
Body Worlds	1
Boeing	17
Boeing Black	1
book	1
Booker Prize	1

Booknet	1
boom	15
boost	2
BORDER COLLIE	2
bottom	1
bottoms	5
box	4
Boxe	17
boy band	1
boys	1
Brabham	1
Brachiator	2
Brain Age	5
brainbow	1
Brainpop	1
Brainstorm	1
brainstorms	2
Braking Bag	1
Braview	2
Bravo Town	1
Brazilian Top Team	1
brazilian way of life	1
break	5
Break Boying	1
Breaking Bad	2
BRFree	1
Brico Bread	1
BRICS	1
Brigham Young University	1
Bristly	1
British Telecom	2
Britney's Dance Beat	1
Broad Sustainable Building Corporation	1
Brother Sam	2
Brown Ale	2
brown shower	1
browser	2
brunch	1
bubbles	3
Buckinghamham	1
buckyball	2
Buddy Poke	1
bug	13
bugs	2



bulldog	3
bull	3
BULL BOXER	1
bull terrier	2
BULLDOQUE	2
Bulletin	5
bullets	2
BULLTERRIER	1
bullying	5
bungee jump	1
bunkers	1
Burbn	1
Bureau Economics Analysis	1
BURN	2
Burton Bridge Thomas Sykes Old Ale	1
bus stop	1
Business	10
Business School	2
buzz	3
Buzz Lightyear	1
Bye	2
byte	9
Byte Shop	1
bytes	11
C-SEED	1
C&A	1
Cache Logic	1
Café World	1
California State University	1
Call center	1
Caltech	7
Calvin Klein	1
Cambridge Circus	1
Cambridge University	1
Cambridge University Press	3
Camp Quest	4
camping	2
Campus Party	1
Candy Crush	1
Canine Health Information Center	1
Canine Inherited Disorders Database	2
Capcom	4
carat	1
Carbon Copies	1

cardiofunk	1
Cards	9
Care	1
Cargill	1
CARIN	1
CARLIN	2
case	4
Cash	1
Cash 4 Gold	1
Castro Beer	1
catchup	1
Causes	2
CAVALIER KING CHARLES SPANIEL	1
Cave	1
CD	46
CD-ROMs	1
CD-Rs	1
CDs	19
Celera	3
Celera Genomics	2
Cell Phone Watch	1
Centers for Disease Control and Prevention	1
Central Park	2
Century of Flight	1
CEO	6
CEOs	1
Cert	1
Challenger	3
Chameleon	1
Champions League	1
charm	1
chat	6
chats	2
check-in	3
check-up	1
cheerleaders	1
Cheetos	1
Chelsea	3
Chess boxing	2
chester	4
Chicken Street	1
Chicken-Nuggets	1
China Airlines	1
chip	42

chips	20
choking point	3
Christ Church College	1
Christie's	2
Chromecast	6
Church	1
Churchill Insurance	1
CIA	11
CIALIS	1
Cisco	2
Citizen	2
City Academy	1
City College	1
clarity	1
clean	2
Clean Master	1
Cleveland Cavaliers	1
Climagate	1
Clinuvel	1
clipes	8
Cloud Magic	1
Clovis First	1
Clowns International	1
clubber	4
clubs	3
Cobol	1
Coca-Cola	16
COCKER SPANIEL	1
cockpit	2
Code red virus	1
Codename	1
CodeSure	1
Cold Spring Harbour	1
Collection	1
Collectors Room	1
college	24
collies	2
color	1
Columbia	13
Columbia Business School	1
Columbia Presbyterian Medical Center	1
Comic Con	1
Comichron	1
Command & Conquer	1

commodity	3
Commodore	3
Common Business Oriented Language	1
Commonwealth	2
Commtouch	1
Compact Discs	1
Compaq	1
Computer Emergency Response Team	1
Computer Fraud and Abuse Act	1
comScore	1
ConIFA	8
Consortium	2
Constantine	1
Consumer Electronics Show	1
contêiner	1
continentals	1
Continuum Entertainment	2
Control	1
cook up	1
cool	5
Cool West Coast Third Stream	1
Cool-er	2
Coolerbooks	1
CoolMax	1
cooper	5
Copy	1
Corporation	5
CorticalSight	1
Counter-Strike	1
courier	1
cover	1
covers	3
cowcatcher	1
coworking	3
CPU	1
crack	13
crampons	1
Creation	3
Creative Commons	3
Creative Labs	2
CRESTOR	1
Crime Scene Investigation	1
Crimestopper	2
crooners	1

Crosshelmet	1
crowdfunding	5
crowdsourcing	1
Crown	1
crush	1
crush-list	2
CSI	3
CU-SeeMe	1
Cubox	1
cult	3
cults	1
cumberland	1
Cup Noodles	1
CURBTXT	1
Curiosity	10
Curiosity Rover	1
cut	1
CW	1
Cyberball	1
Cybershot	1
cyberspace	3
Cyborg	1
Daily dose of internet	1
DaimlerChrysler	1
Damn	2
Damn it	1
dance	2
Dance Dance Revolution	1
Dance Safe	1
Dancin' Days	2
Dangerous	1
Darth Vader	3
Darth Venter	1
Darzalex	1
Data Science Brigade	1
datalink	1
Dataphone	3
Dating Sims	1
day	8
DC	2
Deadwood	2
dealer	1
dealers	1
Decisions Investments Corporation	1

deck	1
DeCode	1
Decopier	3
Decopier Technologies	1
Deep Blue	1
Deep Space Industries	4
delay	1
delete	1
Delisyd	1
Deliver Us From Evil	1
Dell	3
Delphi	2
Delta IV Heavy	2
dementors	1
design	38
Design by Me	2
designer	14
designers	7
DeskSpace	1
desktop	2
Desperate Housewives	1
Destiny	1
destroyer	1
die	1
Diet	2
digit	2
Digital Cookware	1
Digital Designer	2
DigitalGlobe	1
Dimebag	1
Diners Club	1
Directors Guild of America Awards	1
Dirty Harry	3
Disconnect	1
Discovery	2
Discovery Channel	4
DISK	1
Disk Operating System	1
Disney	3
Disney World	1
display	2
Display Systems	1
dixieland	3
DJ	15

DNA	152
DNS	2
Doctor Who	3
dog shows	1
Dogtown and Z-Boys	1
Domain Name Servers	1
Don't Stop till You Get Enough	1
donuts	2
Doom	2
Doors	1
doping	2
Double Air Danping System	1
Doubleday	1
Dow Chemical	1
Downhill Jam	1
down	5
download	9
downloads	6
Dr. Dolittle	1
drag queen	3
Draganflyer	4
Dragonfly	1
dreadlocks	1
dream team	1
Dreamcast	1
dreams	1
drink	2
drinks	2
drive	3
drive-by-wire	1
DriveGain	1
drone	9
drones	4
Dropbox	2
drum'n'bass	1
DTS	1
dumping	1
Dunne Books	1
Durex	1
DVD	30
DVD-RAM	1
DVDs	5
E ink	2
e-Bay	1

e-book	1
e-books	3
e-commerce	1
E-Data	1
E-Fuel	1
E-Ink	1
e-mail	43
E-mail 'n Walk	1
e-mails	31
E-Mule	1
e-reader	9
e-wear	1
EA Sports	1
Earth Simulator	2
Earthrace	1
EASi Engineering	1
East India Company	1
Easy	1
ebay	3
Ebbsfleet United	1
ebook	1
echochamber	1
Eco my Party	1
Ecojohn	2
EcoNexus	1
ecstasy	37
edge	3
Edison Media Research	1
Effexor	2
EgyptAir	1
Electronic Arts	2
Electronic Numerical Integrator And Computer	1
Eletric Soldier	1
Eli Lilly	2
Ellis Island	3
Elma Chips	2
elve	1
elves	2
email	1
emails	1
EMI	1
emoji	1
Emperor	2
Emperor Norton	1



Empire State	4
Empire State Building	2
Enbrel	1
Endeavour	3
Engineerguy	1
England	1
Engle	1
enter	6
ENVY 17 Leap	1
Epcot Center	1
Epipen	1
Equine Training System	2
Esa	4
Essence	1
establishment	4
Ethentica	2
Ethenticator USB	2
ether	1
Ethernet	2
Eugenics Record Office	1
Eunet	1
Eurofighter Typhoon	1
European Low Fares Airline Association	1
EvaluatePharma	1
Everest	16
Evernote	2
Excel	3
Exchequer Rolls	1
exCore	1
Executek	1
exploitation	2
Explorer	1
Extreme makeover	1
Exxon Mobil	1
Eyeglass	1
FA Trophy	1
fac-símile	1
Face	5
Facebook	101
fade	1
Fail	1
failed back surgery syndrome	1
failed states	4
failing states	1

Fairchild	2
Fairchild Semiconductors	1
fake	2
fake news	1
Falcon	5
Falcon Heavy	5
fan fiction	1
fan-fiction	1
Farm	1
Farm Town	2
Farmville	17
fashion	9
fashion week	3
fast food	5
fast-food	2
fast-foods	1
Fatboy Slim	1
Father's Office	2
fax	6
FBI	8
FBI Handbook of Forensic Services	1
FBI Uniform Crime Report	1
FC United of Manchester	1
FDA	6
Federal Research Bank of Atlanta	1
Federal Trade Commission	1
Fedex	1
feed	1
feedback	1
Feedburner	1
feeds	2
fewer	1
Fermi National Accelerator Laboratory	1
Fermilab	1
Fields	1
Figure	1
FINAL FANTASY	1
Financial Group	1
FinePix	3
Finnair	1
Fire	1
Fire Department of New York	1
Firefly	1
Firestone	1

First Vintage Books	1
FishHunter	2
Fitter Family Fairs	1
flaps	1
Flare	1
flares	2
flash	12
Flash Gordon	3
flashback	1
flashbacks	3
flashers	1
flashes	2
flashmobs	1
FlatPC	2
flex	1
Flexity	1
Flickr	1
Flight Simulator	2
flip	1
Florigene	4
flow	12
fly	1
Flying Fish	1
flywheel	4
folder	1
Food & Drug Administration	1
Food and Drug Administration	1
Food Products	1
football	4
Football Association	1
Football Jongler	1
footwork	3
for Tommy and Gina who never backed down	1
Force Feedback	1
Ford	18
Forester	2
forever	4
Forever Flashlight	1
Forgotify	2
Formula Translation	1
Forster	1
Fortran	1
Fossil	3
fotologs	1

FourSquare	5
FOX	5
France Press	1
Frankenweenie	1
freak	4
Fred Hutchinson Cancer Research Center	1
Free	4
Free Jazz Festival	1
Free Press	3
Free Willy	1
Freedom	2
freelancer	1
freelancers	1
freemasonry	1
FreeNet	1
Freeplay	1
freeze	3
freezer	5
freezes	1
friends	1
Friendster	5
from Canada	1
front	25
Full HD	1
Fuller's London Porter	1
Fuller's Vintage Ale	1
FullHD	1
Fun	2
fun food	1
Fund for Peace	1
funk	10
funky	1
Fusion	2
fusioneers	2
Futerra Sustainability Communications	1
Fyre Festival	1
gadget	13
gadgets	10
Galaxy	3
gallus	2
game	52
Game Boy Advance	2
Game of Thrones	3
Game over	2

GameCube	3
games	69
gamification	1
Gangrene	1
gângster	1
Gângsteres	2
Garmin Forerunner	1
gay	51
gays	25
geeks	1
GeForce	1
Genentech	3
General Electric Company	1
General Fusion	2
General Motors	4
Generate Secure Password	1
Genetic Discrimination Project	1
Geocities	2
Gessy Lever	2
Getty Images	7
GettyImages	10
Ghosts'n Goblins	2
Giant Swiss Army Knife	1
gif	2
gifs	1
gigabyte	5
gigabytes	11
Gilda's Club	1
Gillette	1
Gimme Shelter	1
Gipsy Kings	1
GiveWell	1
GlaxoSmithKline	1
Global Cams	1
Global Electric MotorCars	1
Global Sex Survey	1
Global Witness	1
GlobalData	1
GlobalSecurity	2
Globe	2
Globo Media Center	1
Glück Project	1
glúon	1
GM	5

Gmail	8
Gmail Paper	1
Gntech	1
Gnutella	2
God	4
God of War	1
Going Down	1
GOLDEN RETRIEVER	2
golden retrievers	1
golden shower	1
Goldvish	2
Gollum	5
Gone Nutty	1
Gonzo Journalism	1
Google	134
Google Authenticator	3
Google Books	2
Google Docs	1
Google Drive	1
Google Earth	7
Google Hangout	1
Google Images	1
Google Maps	7
Google Pixel	1
Google Play	1
Google Reader	1
Google Street View	2
Googelunaplex	1
Gorilla Glass	1
Gorillas	2
GoSkyWatch	1
gospel	1
Got an o	1
Got to Be There	1
GOTHAM	1
Gotham Cities	1
Gotham City	1
GoWear Fit	1
GPS	39
Graded	2
Grammy	2
Grand Central	1
Grand Slam	5
Grand Theft Auto	2

Grant Study	4
graphic novel	2
gray	1
Gray-A	1
Great Falls	1
Great food	1
Greatest Hits	1
Green Peace	1
Green Tech	1
GreenMeter	1
GreenPeace	12
Greenspirit	1
GreenTeach Publishing	1
GREYHOUND	1
grid	2
GTA	3
GTX Titan	1
guestbook	1
Gugacast	1
Guinness	9
Guinness Book	1
Guinness World Records	1
Gulp	1
Guns	5
Guns 'N' Roses	1
Guns n' Roses	3
Guns n'Roses	1
GW Pharmaceuticals	1
gypsy	1
GZ One Commando	1
hack	1
hacker	7
hackers	22
hall	1
Hallelujah I Love Her So	1
Halley	3
Halloween	1
hambúrguer	11
hamster	3
Handbook of Creative Cities	1
Handpresso	2
Handspring	1
Hannibal	3
HAPIfork	1

Happn	3
Happy	1
Happy Xmas (War is Over)	1
hard bop	1
Hard Bop Funky	1
Hard-disk	1
hardcore	1
hardware	5
Harman/Kardon	1
HarperCollins	2
Harrah's	1
Harry Potter	4
Harvard Mark	1
Harvard Medical School	3
Harvard University Press	1
Harvey Nichols	1
hashtag	1
Havard Medical School	1
Hay Group Brazil	1
HBO	9
HDCD	1
HDMI	2
HDTV	1
He-Man	1
headphones	1
headset	2
Headspace	1
Health Care	2
Healtheon	1
Heatworks Duo	1
heavy metal	3
Heli Attack	1
Hell's Angels	1
Hello	1
Hello Kitty	1
Hemlock Society	1
Herceptin	1
here too	1
Heroes	4
heroin chic	1
Hershey's	2
Hewlett Packard	2
Hewlett-Packard	2
hi-tech	4



high	1
High five	1
high fructose corn syrup	1
high tech	9
high-tech	2
High-Z	4
highlights	1
Hilton	1
hip	2
Hip Gear Screenpad	1
hip hop	7
hippie	5
hippies	6
history	1
History Channel	1
hit	5
Hit the Road Jack	1
hits	6
HIV	55
HMS Sussex	2
hoax	1
hobbies	4
hobby	5
Hollywood	45
Hollywood Rose	1
Holter	2
home	2
home page	1
home theater	3
home theaters	3
HomeCooker	1
Homeland Security	1
Honeywell	1
Honor View	1
hoolligan	1
Hormel Foods	1
hospice	1
Hostile Skies	1
Hot Hot Hot	1
hotkeys	1
hotspot	4
hotspots	3
Houghton Mifflin Books	1
HOUND	2

hounds	1
House	1
House of Cairo	1
House of Cards	1
How I Met Your Mother	1
HP	15
hub	1
Hubble	16
hubs	1
Human Connectome Project	1
Human Rights Watch	2
Humira	2
Hummer	2
Hut	2
Hy-Tek	1
Hybrid Heater	1
Hydracoach	3
Hydration Technology	1
Hype	1
Hyperloop	2
Hypersport	1
hypertext transfer protocol	1
I Am Rich	1
I Can't Stop Loving You	1
I hate	1
I love	1
I Needed Color	1
I Will Survive	1
I-MPEG Audio Layer-3	1
I'm a Slave 4U	1
I've Just Seen a Face	1
IBIS	3
IBISWorld	1
IBM	58
ice	1
iceberg	3
icebergs	3
iCloud	2
ICQ	2
iDJ Live	1
iFood	1
iJobs	1
Illumibowl	1
Illumina	1

Illusion	2
iMac	6
iMac G4 Cube	1
iMaschine	2
Imax	2
Imperial College	1
Imperial College London	1
In Concert	1
in-line	1
iNap	2
Independence Day	2
Index	4
indian file	1
Indian point	1
Indiana Jones	3
indiegogo	3
Inflatable Church	1
Infogami	1
Infogrames	1
Inherited diseases in dogs	1
Innocentive	1
Innovations	2
Innovations UK	1
inputs	1
Inside Yourself	1
insights	4
Instapaper	4
InStat Scout	1
Intel	7
Interact-TV	2
Interead	2
International Astronomical Union	1
International Business Machines	1
International Paruresis Association	1
International Space Station	1
International Thermonuclear Experimental Reactor	1
internet	460
Internet Protocol	1
InternetPhone	2
intranet	1
Introduction to Ichnology	1
Inverse	1
Invincible	3
iOS	6

ioSafe Solo	1
IPA	2
ipad	25
iphone	65
iPhones	2
iPod	18
iPod Touch	1
iPods	4
iPower Trainer	1
Iron Maiden	2
IseeDeadPeople	1
iSight	1
ISIS	1
Iso Hunt	1
iStrategyLabs	1
iSun	1
It jammed	1
It's been 20 years ago today	1
It's My Life	1
It's Not You	1
ITER	1
iTunes	11
iTunes Store	3
iWork	1
Jackson 5	5
Jamendo	1
James Bond	5
jams	1
Japanese Barber Shop	1
Jarden	1
jazz	39
jazz-funk	1
jazz-rap	2
JazzMutant	2
jeans	7
Jedi	1
Jedis	1
jet lag	1
jet ski	1
jet-lag	1
JetBlue	1
Jetsons	1
jingle	1
jingle bells	1

Jockey Club	2
John Wiley & Sons	1
Johnson & Johnson	1
joint venture	2
joint-venture	1
Joost	8
joystick	18
joysticks	2
JSTOR	2
Judge Dredd	1
Jump Trading	1
junk	1
junk food	2
junkie	1
Jupiter Media Metrix	1
Jynx	1
KaZaA	1
Keck	5
Keep Cooler	1
Kellogg's	1
KELPIE	1
Kennel Club	2
kennel clubs	2
KERS	2
Ketchup	2
keyboard	3
Keynote	1
Khan Academy	1
Khet	2
kickstarter	1
Kill Bill	1
Kindle	20
KINECT	3
King Kong	6
king-size	1
King's College	1
Kinsey Institute	1
Kiss	1
kit	12
Knock Nevis	1
Knockout Kings	1
know-how	3
KnowRoaming	3
Kodak	3

Kraft	1
Ku Klux Klan	2
L.A. Guns	2
LaCie 2Big	1
Ladies and gentlemen	1
lady	1
Lake's	1
Ian house	1
Ian houses	2
Land Rover	1
Landmark	1
laptop	17
laptops	5
laser	30
laser pointer	5
Laserdisc	1
lasers	4
Last.Fm	1
LastPass	14
Latinstock	1
LCD	16
LCDs	1
Learjet	1
LED	11
LEDs	3
Lee Valley	1
Legend	1
Lego Fan Weekend	1
Legolands	1
Les Demoiselles D'Avignon	3
Lie to Me	2
Life is short	1
lifestyle	1
liger	1
light	3
Lightning Strike Survivors International	1
like	1
Like Frankie said 'I did it my way	1
likes	1
Line X	1
link	11
Linkedin	6
links	14
Linux	2

lion	1
LIPTOR	1
Liquavista	1
Liquid Image	1
Lisp	1
List Processing	1
lists	1
Littlefield Publishers	1
Live	1
LIVE IN BRAZIL	1
LiveFromCern: Watch Our Webcasts On Antimatter	1
Liverpool	5
Livin Shower	1
Living with Michael Jackson	1
LivingSocial	1
Lloyds Bank	1
Lobby	8
Lockheed	2
Lockheed Martin	1
Lodger	1
login	3
Logitech	4
London School of Economics	2
London School of Higiene & Tropical Medicine	1
London School of Hygiene	2
Loony	1
loop	1
loopings	1
Loopy	2
Lord	7
Lord Chamberlain's Men	1
lorde	1
loser	1
Lost	22
lost time	1
Love	9
Love Me Do	1
Lovelines	2
Low	4
low cost carrier	1
low-tech	1
LOYAL	1
LSD	20
Lucky Strike	1

LUG	3
LUGs	2
Lunar Embassy	1
lurex	1
Luther College	1
M. Books	1
Mac	24
Mac App Store	1
macbook	5
MacBook Air	3
Machete Kills	1
machine learning	1
Macintosh	9
Mack Truck	1
Macs	2
MAD	1
Mad Maestro	1
Mad Max	1
Mad Men	1
Mad Pride	1
Mad Shark	1
Madden	1
Made in	5
made in Brazil	2
Mag-Lev	2
magazine	1
Magic Cable Trio	1
mainframe	1
making of	2
man	1
Manchester	7
Manchester City	1
mansplaining	2
Maps	12
Marauder	4
Mariner	4
marketing	42
marryyourpet	1
Mars	3
Mars Climate Orbiter	2
Mars Express Orbiter	1
Mars Global Surveyor	1
Mars Polar Lander	1
Marvel	1



Mary-Kate and Ashley Girls Night Out	1
mason	1
masons	1
Massachusetts Institute of Technology	1
Massive Multiplayer Online Erotic Game	2
Massive Multiplayer Online RPG	1
Master	2
Master of puppets	1
MasterCard	3
Masturbate-a-thon	1
match	2
Material Girl	1
Matrix	15
Maximo: Ghosts to Glory	1
Maxis	2
Mayfield Fellows	1
Mayo Clinic	1
McDonald's	7
McDonalds	1
McIntosh	3
McRefugees	1
mechanical pencil	1
Medal of Honor	2
Medal of Honor: Allies Assault	1
megabyte	5
megabytes	2
Megahits	1
megapixels	9
megastar	1
meme	39
memes	32
Memorial Sloan-Kettering	2
merchandising	1
Messenger	8
Metabolix	1
Metal Gear	1
Metallica	1
Metro-Goldwyn-Mayer	1
Metropolitan Museum of Art	1
Miami Vice	1
Mickey	2
Micro Instrumentation and Telemetry Systems	1
Micro Mosquito Helicopter	1
Micro-Soft	1

microblogs	1
microchip	5
Microprose	2
Microsoft	51
Microvision	2
Milestone	1
milshake	1
Mind Freedom	1
Mind/Body Medical Institute	1
Mindful	3
Mindful Mayo	1
mindfulness	18
Mindstorms	7
Mini Cooper	1
minidrone	1
Minimoog Voyager	1
minioutdoor	1
Minority Report	1
Miss	1
Missile Defence Agency	1
Mistery Answer Watch	1
MIT	42
MIT Press	1
Mittelos Bioscience	1
mix	2
mixtape	1
móbile	3
Mobile Computing Core	1
MOCs	3
Model	1
modem	5
modems	3
Modern Family	2
Modern Meadow	2
Mond	1
Monitor Group	1
Monopoly	2
Monopoly Revolution	1
MONOSKATE	1
Monster	1
Monty Python	3
Moog Music	1
moonies	1
moonwalk	5

Moorhouse Black Cat	1
mórmon	2
Mosaic	2
Motion Picture Association	1
motoboy	2
Motorcenter	1
Motown	2
Mount Everest Foundation	1
mouse	23
mouses	1
MovieMaker	1
Mozilla	1
MP3	31
Mr. Burns USB webcam	1
MS-DOS	5
MSN	6
MTV	14
MTV Music Awards	1
MTV Vídeo Music	1
mulberry	4
multiplayer	1
Multiply	3
multitask	1
multitrack	1
Music	2
Mutaflor	1
my precious	1
My Way	2
MyFi	1
MyfootballClub	1
MySpace	6
N-Tech	2
Nafta	2
nailtop	1
nannygate	1
nano-SIM	1
Napster	11
Nasa	112
National Book Awards	1
National City Lines	1
National Gallery of Art	1
National Geographic Society	1
National Ignition Facility	1
National Institute of Health	1

National Institutes of Health	1
National Public Radio	1
National Science Foundation	1
National Security Agency	1
National Socialist Movement	1
National Tele-Immersion Initiative	1
National War College	1
nature	2
Naughty America	1
Navigenics	1
NBC	1
Neal Street	1
Nearly	2
Nectome	1
Neobop M-base	1
NeoRest	1
Nerd	13
Nerdcast	4
Nerds	5
net	19
net cafe	1
netbook	1
Netflix	13
NetMeeting	2
NETs	4
Netscape	3
networking	1
Neuro Active Bike	1
neuromemes	1
Neutron Club	1
Neverland	3
new age	2
new criticism	1
New Economics Foundation	2
New Wave Hookers	1
new-wave	1
Newcastle Brown Ale	1
Niagara falls	1
nice	1
Nickelodeon	1
Nielsen Media Research	1
night	5
night vision	1
Nightingale	1

Nike	4
nobreak	1
noise canceling	1
Nomad	2
Nomad Jukebox	1
Nordstrom	1
Northeastern University	1
Northwest Airlines	1
Not in Portland	1
notebook	17
notebooks	2
Novartis	1
Novozyme	1
Now Showing	2
Now Showing London	1
NSA	4
NSFnet	13
NUBYTECH	2
Nuggets	2
Numbers	2
nurture	3
Nyko Zoom	1
NYU	2
O-Man	1
O'Reilly Books	1
Oak Ridge	1
Oasis	1
Oaxacan Fizz	1
Obetech	1
Occupy	1
Odeo	1
Odyssey Marine Exploration	1
Off the Wall	3
off-line	1
Office	7
Office of Government Commerce	1
offline	2
Ohio (only handle it once)	4
Ohio State University	1
Ohmic Array	1
ok	33
Okkervil River	1
Old Ale	2
OLD ENGLISH SHEEPDOG	1

OLED	4
ombudsman	1
Omni-Freeze	1
on-line	3
One Flew Over the Cuckoos's Nest	1
One Piece	1
One small step for man, one giant leap for mankind	1
OneManBand	1
OneStep	1
OneWheel	1
online	75
only handle it once	1
Oops! I Did It Again	1
Open Badges	1
Open Payments Dataset	1
Open Source	2
Open University	1
Opportunity	2
Oracle	2
orchid hunters	1
Orthoclone	1
Orthopedic Foundation for Animals	1
Osborne	6
Osborne Computers	1
Osiris-Rex	1
outdoor	1
outdoors	1
Outlive	2
Outloud	1
overdose	8
overdoses	1
Overprotected	1
Ovie Smarterware	1
Oxfam America	1
Oxford Bioscience Partners	1
Oxford United	1
Oxford Univ. Press	1
Oxford University Press	7
Oxford Univesity Press	1
Oxitec	10
Pac Man	1
Pacemaker	2
Pacific Street	1
Paddypower	2

Pager	2
PageRank	1
Pages For The General Public	1
PAL-V One	1
Pale Ale	1
Palgrave	2
Palm	7
Palm Pilot	1
palms	2
palmtop	2
palmtops	2
Pan Am	1
Panda Books	1
Pantheon Books	1
Panzer Dragoon	1
paper	2
Paper Camera	1
papers	1
Paramount	1
Paranormal News	1
Parker Brothers	1
Parking Carma	1
partner	1
Partners Task Force	1
party speakers	1
Path	2
Pathfinder	1
Paxil	2
Paypal	1
Payvment	2
PC	50
PCs	6
PDF	3
Pearl Harbor	4
pedigree	3
Pedigree Dogs Exposed	1
Pencam	1
pendrive	4
pendrives	1
Penguin	1
Penguin Books	1
Penguin Press	1
Penguin Viking	1
Pentium	1

people	1
People & Change	1
People For the Ethical Treatment of Animals	1
Pepsi	7
Pepsi-Cola	1
PepsiCo	2
Perfect Dark	1
performer	2
PermaFLOW	1
Perseus Books	2
Perseus Publishing	1
Personal Code	1
Personal Computer	1
personal organizer	1
Pervitin	1
PET	8
pet shops	1
PETA	3
Peter Pan	3
petshop	1
Pew	2
Pew Research Center	1
Pfizer	5
Photo Cube Levitator	1
Photo Police	2
Photoshop	8
Physics Central	1
piercings	1
pin-ups	1
Pinel Arcade	1
Ping Pong	2
Pinterest	5
pioneer	5
Pirate Bay	3
pit bull	1
pit stop	3
pitbull	1
pixel	4
Pixel Qi	1
pixels	6
Planetary Resources	8
Plasma Club	1
Plastic Logic	1
Platoon	1



play	10
PLAY IT AGAIN, SAM	1
playback	1
Playboy	5
Playchess	1
player	13
players	2
playlist	5
plays	1
Playstation	11
plug-in	1
Plus	1
Plush Backpack	1
pocket	4
Pocket Cinema	1
PocketPC	1
PocketScope	2
Pod	1
podcast	17
podcaster	2
podcasters	6
podcasts	11
podpress	1
POINTER	6
Polaroid	6
Polaroids	1
Pong	3
Pooch Power	1
pop	81
pop star	1
pops	1
popstar	2
Popstars	1
PortalCab	2
porter	5
Posit Science	1
post	5
Post-it	2
posts	4
Power Glove	1
Power Mac G4 Cube	1
Power Mitt	1
power moves	2
PowerPoint	34

Powersquid	2
Praise	1
premium	1
Presentation	1
Pretty	2
Pretty Good Privacy	1
print	1
Prints	1
PRISM	1
Private Universe	1
PrivatOS	2
Prodikeys	2
Producers Guild of America Awards	1
Professional Audio Workstation	1
Programmable Logic Controller	1
Project Linda	1
ProLogic	1
Prometheus Books	1
Prozac	16
pub	3
Public Domain	13
Public Domain Review	1
Publishers	2
pubs	5
Pulitzer	2
Pulp Fiction	1
PulseTouch	1
punching cards	1
punk	4
punk-rap	1
punks	3
Putfile	2
PUZZLES	1
Pyramat	2
Qinetiq	1
QR	6
quad-core	1
Quake	1
QUAKER	1
Qualcomm	1
Quantum Break	1
quark	9
Queen	1
queer	2

Quintessential Grilled Cheese	1
quiz	1
quizzes	1
Qwitter	1
QZONE	1
Racer Revenge	1
rack	1
Radio Toaster	1
Ragtime	1
Raid	1
rally	1
RAM	8
Ramones	2
Rand	1
random	1
Random House	2
Random-Access Memory	1
ranking	24
rankings	2
rap	8
Rapid Eye Movement	1
rapper	5
Raptor	1
rave	4
raves	7
Ray-Ray Parade	1
Razer	1
RC Toys	2
reach	2
Read Now	1
Read-Only Memory	1
Readability	3
Reader	13
Reader Digital Book	2
ready to wear	1
Reaktion Books	1
Real Player	1
Real Simple Syndication	1
real time	1
reality show	5
reality shows	5
Realplayer	1
rebel	1
recall	1

record	33
Red Bull	1
Reddit	1
Redefining Progress	1
refugees	1
Regent Beverly Wilshire Hotel	1
reggae	3
Regis McKenna	1
Relax	2
reloaded	2
REM	16
Remedy	1
Remicade	2
Remington	2
Remington & Sons	1
Remington Rand	1
Rent a Friend	1
replays	1
research	13
Resident Evil	3
resistor	1
resort	2
Restaurant City	1
Rethink Robotics	1
retrievers	2
Retry	1
Reva Health	1
Revolution	1
rhythm and blues	2
rhythm'n'blues	1
Rick's Cafe	1
Ringling Bros. and Barnum & Bailey Circus	1
Rituxan	1
roaming	2
Robocop	3
rock	34
Rocket to Russia	1
RODEDOG	1
roller	1
Rollerboard	2
Rolling Stones	1
Rolls-Royce	2
Rolltronics Corporation	1
ROM	10

round	2
Roundup	3
Roundup Ready	1
ROV	3
rovers	2
ROVs	5
Royal Free Hospital School of Medicine	1
Royal Geographic Society	1
Royal Jordanian	1
Royal Society	1
royal straight flush	1
royalties	7
RPG	6
RPGs	1
rubbish	2
Ruffles	1
rum booze	1
rumbullion	1
Run Over	1
rush	2
Ryanair	1
SAG Awards	1
Salk	1
samples	1
San Francisco General Medical Care Center	1
Sand Men	1
Sandisk	2
SARS	4
Saturn	3
Sawblade EP	1
scanner	2
scanners	1
SCAR	1
scavengers	2
Scenesse	2
School of Life	1
Scorkl	1
scorpion	2
Scorpions	1
Scotch Whisky Association	1
Scott Paper	1
scrap	1
scrapbook	1
scraps	9

Screen	1
Screen Actors Guild Awards	1
script	5
Sea Shepherd	1
Search for Extraterrestrial Intelligence	1
Sears	1
Second Life	2
Seed Award	1
Segment	3
Seinfeld	2
Self-Report Psychiatric Screening Questionnaire	1
self-service	1
Selfie	1
selfies	2
Serbian Film	2
Serendipity	1
serial killer	3
serial killers	1
set	9
Seti	5
sets	1
SETTER	1
settings	1
Sex and the City	1
Sex Pistols	1
sexy	11
Sexy Sadie	1
sgaothaich	1
Shark Shield	1
Sharp	3
SharpBrains	1
Sheep	1
Shell	1
Shepherd	1
Sherlock Holmes	7
Shish	1
Shit War	1
Shocking Fun	1
Shocking Lie Detector	1
Shoot Hip	1
shopping	4
shopping center	1
shopping centers	1
Shoppings	1

shoppings centers	1
shorts	2
show	49
show business	1
show businnes	1
showbizz	1
showman	1
shows	25
Siggraph	1
Silent Circle	2
Silent Contacts	1
Silent Hill 4: The Room	1
Silent Phone	1
Silent Scope	1
Silent Text	1
silicon	2
Silicon Graphics	1
SIM card	2
Sim City	2
SimCity	4
Simpsons	5
SingleMuslim	3
SingTrix	2
sir	8
Sircam	1
Siren	3
Siri	1
Sirtris Pharmaceuticals	1
site	181
sites	68
SIV	1
skate	16
skates	2
Skeleton-Park	1
Skeptics Society	1
sky	4
SkyCity	2
Skylab	1
Skynerd	1
Skynet	1
Skype	7
Slash	1
Slashdot	2
slide	12

slides	15
slim	1
Slogan	6
slogans	2
slot	2
slow motion	1
Smalltalk	1
Smart Bar	1
Smart Pan	1
smart TV	1
smart TVs	1
Smartduvet Breeze	1
SmartGrains	1
Smartmirror	2
smartphone	25
smartphones	8
Smartr	2
smartwatch	3
smartwatches	1
Smell & Taste Treatment and Research Foundation	1
Smilebit	1
Smoke on the water	1
smoking	1
smooth	2
smoothing	1
SMS	4
Snap	2
Snoop Dogg	2
Snoopy	5
soapland	1
sobel	1
socialite	2
Society of News Design	1
Sodaconstructor	1
sodaplay	1
software	44
softwares	24
Sojourner	2
Solar Shower	1
soldier	2
Solix Biofuels	1
Somewear	1
Songsmith	4
Sonic Advance	2



Sonic Adventure 2: Battle	1
Sonic Team	1
Sonic Youth	2
Sotheby's	1
Sound Foresight	1
sound-system	1
Soundhawk	2
SoundSpace	1
South Park	7
Southampton University	1
spa	2
Space Adventures	1
Space Biospheres Ventures	1
Space Frontier Foundation	1
Space Invaders	1
Space Launch System	1
SpaceshipOne	1
Spacewar	3
SpaceX	13
spam	11
spammer	1
spammers	3
spams	5
Sparky	2
Sparx	1
Spatial Imager	1
speedball	1
spiced ham	1
Spider-Man	1
spinning	1
Spirit	3
Spirituals	1
Spitfire	1
Spitfires	1
spleen	3
Spoiler	2
Spoilers	2
Spore	7
Sport! Science	1
sports	2
spot	2
Spotify	3
spotting	1
spray	3

Spring Grove	1
sprites	2
square off	2
squash	1
squat	1
St. Martin's Press	1
staff	1
stalker	1
stand	1
stand by	1
Standard Fruit and Steamship Company	1
Standard Oil	1
Stanford Prison Experiment	1
Stanford University	1
Star One	1
Star Trek	3
Star Wars	12
Star Wars: The Old Republic	1
Starcraft	1
Starlab	1
stars	1
Starsky & Hutch	2
start-ups	1
startup	5
startups	1
stealth	3
stents	1
step	3
Stereobelt	1
Stiksy	2
Stinger	1
stop	1
stop motion	1
Store	7
story	1
storyboard	1
storyboards	2
strange	1
Strawberry Fields	1
streaming	4
StreetCarver	3
Streetview	1
stress	9
Strike Eagle	1

strippers	1
striptease	1
Stronger	1
Studio X	1
Stuxnet	5
stylists	1
Subway	1
subwoofer	2
Sultan's Elephant	1
Sun Microsystems	1
Sundance	2
Super Bowl	3
Super Monkey Ball	1
SUPER SIZE ME	4
superbonder	2
SuperBowl	1
SuperCam	1
Superman	37
Supermodified	1
SUPERPIXELS	1
superstar	1
superzoom	2
Surface	3
Surround	3
Survivor	2
Swatch	4
Sweet Child O'Mine	1
Swing	4
switches	1
Symantec	1
Synergia Ranch	1
Syriana	1
T-shirt	1
tablet	12
tablets	3
talibikers	1
talk show	1
tattoo	1
Tech	14
Tech International	2
technicolor	1
Techno	2
Technologies	7
Tecmo	1

tecno	2
tecnopop	1
TED Global	1
TEDx	1
teen	2
teens	1
Teflon	5
Tek Panel	1
Telechip	1
telemarketing	5
TeleNet	1
Telex	2
Telly	1
terabyte	3
terabytes	4
Terminator	1
Terrier	8
Terriers	1
Tertill	1
Tesla	4
Tesla Motors	1
Tesla Roadster	1
testimonials	1
Tetris	5
Texas Hold'em	2
The Ancient Olympic Games Virtual Museum	1
The Ark	4
The Bad Batch	1
The BeerBelly Kit	1
The Big Bang Theory	2
The Chaos Hipertextbook	2
The Clash	1
The Cricketers	1
The Cure	1
The Disinformation Company	1
The Doors	2
the Eagle landed	1
The Elder Scrolls	1
The End	2
The Experience	1
The Facebook	1
THE FLASH	1
The Free Press	1
The Freemasons	2

The Game of Life	1
The Global Forbes	1
The Golden Age of Grotesque	1
The Great Global Warming Swindle	1
The Hunt for Gollum	2
The Institute For Media Education	1
The Intercept	1
The John Hopkins University Press	1
The Looking Glass	1
The Lounger	1
The Lucidity Institute	1
The Mark of Kri	2
The Nordic Cochcrane Centre	1
The Onion	2
The Oxford Murders	1
The Police	1
the real thing	1
The Sims	2
The Solomon Key	1
The Space Cowboy	1
The Spamhaus Project	3
The Spoils of War	1
The Typing of The Dead	1
The Uprise Books	1
The Walking Dead	2
The Who	2
The Wind Walker	1
The Wiz	1
theater	1
Theorynet	1
Theragun	1
There... Got an I	1
ThereIsNoSpoon	1
They	2
They don't Care about Us	1
Thief	1
Things Can Only Get Better	1
thinkstockphoto	1
third stream	2
This American Life	1
This Is It	1
Thomas Hardy's Ale	1
THREAT	1
Three quarks for muster mark	1

Thriller	12
THROAT	1
Through the Looking Glass	1
Thrustmaster	1
Thunder	2
Thunderbolt	1
ticket	1
TIER	1
tiger	3
Tiger Electronics	1
tigon	1
Tilt	4
Time Capsule	2
time slot	1
Time Warner	1
timeline	4
timer	1
Times New Roman	1
Times Square	4
Timex	3
Tinder	4
Tisp	2
Titanic	1
Toastie Knife	1
ToHeart2 Xrated	1
Tomb Raider	3
Tomboy	1
toner	4
tooth	1
Tooy'n Charger	1
top	11
top gun	1
top model	3
top team	1
top ten	1
Torrent	1
Total Isotropic Emission Rate	1
Tottaly Absurd	1
touchscreen	4
Tower	13
TOY STORY	2
trackpad	1
Trade Marketing	1
Traffic	1

trailer	4
trailers	3
train	1
trainee	1
Trainspotting	8
Trakdot	2
transfer	3
Transformers	2
TransHab	1
transistor	10
Transmission Control Protocol	1
Transorbital	2
Transportation Security Authority	1
trash	5
Trash Collection	1
tree-to-bar	1
Tribe	1
Trinity College	2
Trouble Funk	1
Trust	3
TSA	4
tumblr	3
Tunestage	1
tweets	1
twitter	39
TYLENOL	1
Tyre Pand	1
Ubisoft	1
UCLA Loneliness Scale	2
uisge beatha	1
ULTRA HD	4
Ultrageek	1
Unabomber	1
Unbreakable Kimmy Schmidt	1
underground	5
unfollow	2
Unilever	1
Union Oyster House	1
Unite	1
United Airlines	1
United Fruit Company	2
United Launch Alliance	1
United Nations Office for Drugs and Crime	1
Unity	2

Universal Automatic Computer	1
Universal Electronics	1
Universe	1
Universities Federation of Animal Welfare	1
University of Illinois Press	1
University of Minnesota Press	1
Unnamed	1
Unreal 2: The Awakening	1
up	2
upgrade	2
upload	2
Uploader	1
uploads	1
Uppsala	3
Uraniborg	2
Urban Land Institute	1
USB	16
Usenet	1
user friendly	1
username	1
USS Cole	1
UV Sense	1
Vaio	1
Valentine's Day	1
Vampyros Lesbos	1
Vatileaks	1
Velvet Underground	1
vending machines	1
Venice Beach	3
Veterans Affairs Hospital	1
VHS	4
ViableStraw	1
Viagra	10
Vibram FiveFingers	1
Vicarious Vision	1
Victoria's Secret	1
Video Creator	1
video game	2
Video Watch	1
video-mail	1
videochat	2
videochats	2
videoclip	1
videoclpe	1



videogame	31
videogames	30
videomaker	1
view finder	1
Viewpad	2
ViewSonic	2
Vimeo	3
Vintage Books	3
Vioxx	1
vip	5
Vips	3
Virgin Megastore	1
Virtual Hole	2
Virtual Hottie	1
Virtual Keyboard	2
Virtual Stick	2
Visa	7
VisiCalc	3
Vision Car Alarm Watch	1
Visual Forensics	1
Visualization Explorer	1
Visuals Unlimited	1
Vizify	3
VJ	2
vmail	1
Volterman	3
voxels	3
Vulcan	1
W. W. Norton & Company	1
W.W. Norton & Company	1
WABBERS	1
Waddington's Games	1
Waelas	1
Wakemate	2
Wal-Mart	1
walkman	9
Walkstation	1
wallpaper	1
Walt Disney	1
War	2
WarCraft 3: Reign of Chaos	2
warlord	1
warlords	1
Warner	13

Warner Bros.	2
Warner Music	1
Warner-Lambert	1
WarpTen	1
Washington Family Portrait	1
Waste Isolation Pilot Plant	1
Watchmen	2
Watergate	1
Wattpad	1
Waze	4
We Are the World	2
We have bananas	1
We Speak portuguese	1
We Will Rock You	1
weather trend	1
web	50
webcam	16
webcams	10
webdesigner	1
WebFest	1
webmail	1
Websense	1
website	3
WeCast	1
Wedding	1
week	4
Welcome to The Jungle	1
Wellcome Trust Sanger Institute	1
Wembley	1
west coast	2
western	1
Westview	1
What'd I Say	1
Whats	1
WhatsApp	6
WHIPPET	1
Whirpool Mug	2
whisky	4
White Walkers	3
Whitehead	1
Who are you doing after the game	1
Who Killed the Electric Car	1
Whole Foods	1
why	1

Wi-Fi	12
wide-screen	1
widescreen	1
WiFi	1
Wikiloc	1
Wikimedia Commons	1
Wikipedia	9
Wild Charge	1
Wild Woody's Chill and Grill	1
Wiliot	1
Windows	29
Windows Media Player	1
Windsor	2
Winston Evo Flask	1
winter warmer	1
wire-frame	1
Wireframe Studio	1
wireless	4
Wireless Outdoor Speaker	1
Women on Waves	1
Women's Organization for National Proibition Reform	1
Word	1
WordPress	1
Work Songs	1
workaholic	3
workaholics	2
workshop	1
workshops	2
World Centric	1
World Christian Database	1
World Financial Center	1
world music	1
World of Warcraft	5
World Poker Tour	1
World Toilet Summit	1
World Trade Center	8
World Wide Web	4
World Wildlife Fund	1
Worldwatch	3
Worm	1
Wow	1
Wow signal	1
Wreckless	1
Wrist	4

Wrist Audio Player	1
Wrist Camera	1
Writers Guild of America Awards	1
WWF	1
Wyeth	1
X Prize	2
X-Force	1
X-Man	2
X-Men	3
X-Men: Mutant Academy	1
XBOX	14
Xbox One	2
xerox	23
xeroxes	1
Xtreme Beach Volleyball	2
Yahoo	6
Yale Press	1
Yeah	3
Yellow Submarine	1
Yellowstone	3
yes	2
Yes, we can	1
Yesterdayland	2
Yetisports	2
YORKSHIRE	1
You'll Never Wear That Again	1
YouGov	1
YouTube	41
youtuber	2
YouTuner	1
yuppie	1
yuppies	2
Zaltrap	1
ZDNet	1
Zeen	2
Zoetrope: The Horse In Motion	1
zoom	4
Zyvex	2
<b>Japonês</b>	
Acura	2
Ajinomoto	3
Amaterasu	1
Atari	9
Bandai	1

bonsais	1
Bunkasha	1
Casio	9
chikin	2
Cuusoo	2
Digimon	3
Fuji	1
Fukuda	1
haikai	1
hana	1
Hanabi-Ko	1
hashi	1
Hayabusa	2
Honda	1
honshu	1
iôga	1
Itokawa	1
jedis	1
kami	1
Karaoke	1
Ketai	1
Koans	1
Koei	2
Konami	4
Kyocera	2
lâmen	17
Matsushita	3
miojo	12
Mitsubishi	2
Myojo	2
Nakamichi	2
Nihon	1
Nikon	1
Nintendo	17
Nissan	1
Nissin	7
Obi-Wan Kenobi	1
ori	1
origami	19
origamis	7
Panasonic	11
Philco Hitachi	1
Pikachu	1
Pokémon	15

Pokémons	3
Porygon	1
quimono	2
Rámen	1
ronin	1
samurai	8
sashimi	2
sashimis	1
Sega	2
Seiko	1
Semp Toshiba	1
shiatsu	1
shibitos	1
Shimizu	1
Shinkai	4
Shinshoku	2
Shitaki	2
shoyu	5
Sony	31
soroban	1
Subaru	1
Suntori	1
sushi	15
sushman	1
sushis	1
tamagotchi	2
tatames	1
tofu	2
Toshiba	5
Toyota	2
tsunami	5
vazari	1
yakissoba	1
Yamaha	3
Yoda	3
Zen	19
<b>Línguas e dialetos de povos da África</b>	
Aegyptos	1
afar	2
aginau	1
Akal-n-Iguinawen	1
alabês	1
atabaques	2
Be	1

Bissau	7
Buganda	1
burkina	2
Burundi	5
candomblé	12
Chade	8
dzimba	1
equeudes	1
exu	4
fasso	1
gabouti	1
gal	1
ganda	2
Gea Ptah	1
ger-n-ger	2
Horus	1
hut	2
hūt-kā-ptah	1
hutu	1
hutus	1
hútus	3
iboga	5
ifri	1
Ile Ibinu	1
ka	1
kambaa	1
kongo	2
kwanda	1
Lesoto	2
Libúē	1
maal	2
mabwe	1
macumba	1
malavi	2
mali	9
Malindza	9
mutatio	1
Mwene Nyaga	1
n'kongo	1
namib	1
Ngola	1
nyika	1
odjogo	1
ogãs	2

Ogum	1
orixá	10
orixás	10
Ossaim	1
oxalá	2
Oxossi	1
Oxóssi	1
Oxum	1
peji	1
Quéops	1
Rastafaris	1
saac	1
Sekhmet	1
senyu gal	1
so	1
tanga	2
Tanganyika	1
troll	1
tsuana	1
tsuanas	2
Tutancâmon	2
tutsi	1
tútsi	1
tutis	1
tútsis	2
Ubinu	1
Umbanda	15
Xhosa	1
zambeze	2
<b>Línguas e dialetos de povos da América</b>	
Aconcágua	3
Ai-Apaec	6
Alakchak	1
Aliaska	1
anhangabaú	5
Apache	1
aparaí	1
ayahuasca	8
ayti	1
Balix	1
bannaba	3
capacocha	1
capacochas	1
cayman	4



Chacarpe	1
chavin	1
chili	4
chimus	1
Chinook	3
ciba	1
cinchona	3
Coachella	1
cohiba	1
cubanacan	1
curare	1
Cuzcatlán	1
Guanacos	1
Guiana	20
Guianas	8
Haumea	1
hopi	1
huaca	10
huacas	2
huaco	1
iacuba	2
ibirapuera	4
Ipecacuanha	1
Ipiranga	4
jalapeño	2
kelü	1
kwakiutl	1
lambayeque	2
Lanzón	1
macusi	1
Makemake	1
Mapuches	2
mayna	1
mēztli	1
moais	3
moches	1
mohawk	1
nazca	1
Nicarao	1
paraguá	1
payaguá	1
pircas	1
puchero	1
pulque	1

qapacuchay	1
Quaoar	1
Quauhtemallan	1
quéchuas	2
Sedna	1
Sipán	2
surinen	3
Tahoma	1
tili	1
Titicaca	2
uru	3
uruguá	1
wajäpi	1
wari-tiwanaku	1
xaymaca	1
xīctli	1
<b>Línguas e dialetos de povos da Ásia</b>	
abag	1
Afgania	1
afhan	1
aibebelau	1
anaoero	1
Aotearoa	1
Arial	1
Asmodeu	3
Aššur	1
atrupat	1
Azazel	2
baiyue	1
balúchis	2
Banga	2
bâr	1
Belau	1
Belial	5
Belkin	2
beluu	1
Belzebu	7
bez	1
bonga	1
Chuab	2
Daewoo	1
desh	1
dyak	2
Eilat	1

El	1
erak	1
Erech	1
fhan	1
Fidchi	1
fore	2
gurğ	1
Harahvait	1
Hmong	1
Hyundai	2
ibn	4
jayu	2
Juche	1
k.raw	1
Kashmir	1
kashrut	1
khai	1
Koryŏ	1
kukukuku	2
kumis	1
lanka	7
Lao	5
latah	1
LG	3
Lúcifer	8
Maharishi	14
Malai	1
Mazda	1
Melayo	1
Merkava	1
mien	1
moa	1
mong	1
Mossad	2
mujahidin	1
Myanma	1
Nam	2
naoero	1
No Dong	1
Nodong	1
Olam	1
pak	1
palash	1
Papuwah	1

pelechim	1
Punjab	1
Rosh Hashaná	1
Sa	1
Samsung	9
sara	1
Satanás	12
Shavuot	1
Sind	1
Sri	8
Succoth	1
Tai	4
tāzīk	1
Thnain Bahr	1
timur	1
Tonga	2
tuvalu	4
ur	1
uru	3
uz	1
vanuatu	3
Viet	2
Viti	2
yo-yo	2
zangi	1
Zangibar	1
Zee	1
<b>Línguas e dialetos de povos da Europa</b>	
ABBA	1
Alb	1
Alfheim	1
Andvari	2
Asgard	10
Bang & Olufsen	1
Barilla	1
belg	1
bhelgh	1
Bifrost	1
BRACO	2
bulgha	1
burugh	1
Caciocavallo Podolico	1
Calcio Storico	1
Cale	2

calon	6
capuccino	2
Carpaccio	2
Castel	1
castrati	1
caviale	1
ciao	1
curcira	1
Cymry	1
dalers	1
DÁLMATA	3
Danmark	1
De Beers	5
den	1
denmørk	1
Djugården	1
dolce vita	1
Don Giovanni	1
Duomo	1
Edda	1
Eest	1
Eireland	1
Ericsson	2
Fafnir	1
Fenris	2
Ferrari	3
Ferraris	1
Fiat	2
finn	2
Focaccia	1
Freya	1
gadgés	2
giornatas	1
grano duro	1
Hasselblad	2
Heimdall	1
Hel	1
Hispania	1
Holt	1
Hrvat	1
Hrvatska	1
I-saphan-im	1
Ifing	1
influenza	5

informazione	1
intonaco	2
íss	1
jenever	1
Jormungand	2
jotuns	2
kalderash	2
Karolinska	2
krai	1
Le Donne Letterate	1
leg godt	1
Lega Nord	1
Lego	68
Libretto	4
Loki	5
Lucilin	1
ma non troppo	1
Maarahvas	1
maccaruni	1
Madgyar-Orzag	1
maleth	1
Malo Rossiya	1
manouch	1
matchuaia	1
Mezzaluna	1
Miöllnir	1
mjög fallegur	1
mørk	1
mulda	1
Muspell	2
Nederlanden	1
němci	1
Nidavellir	2
Nidhug	1
Niflheim	2
Njord	2
Nokia	1
norðr	1
Odin	4
On-Ogur	1
Österreich	2
Óvina	1
paparazzi	1
Pappardelle	1

persona non grata	1
Philips	9
Pietá	2
Pizza	22
pole	1
pols	2
Polska	1
Porta Stábia	1
Ragnarok	2
Rige	1
Riksdag	2
rods	1
rom	6
Rossiya	2
salire	3
Santa Croce	4
Santo Spirito	2
Schweiz	1
Sigurd	1
sinti	4
Ska	1
skol	3
slav	1
slava	1
slavs	1
slovo	2
Snæland	1
sphan	1
Spitz	3
Studio Vero	1
Sunna	1
Süomi	1
Surt	1
Svartalfheim	1
Svear	1
sveit	1
Sverige	1
Tarare	1
Teatro della Scala	1
Thor	3
Thrym	1
Tigishi ah yaung-uluk	1
Umbro	4
Utrecht	2

Valhala	1
Vanaheim	2
vegr	1
Viking	12
vikings	11
Yggdrasil	3
Ymir	2
<b>Mandarim (Tibetano e outras línguas da China)</b>	
akita	1
an	1
BAIDU	1
Ch'an	4
chi	1
Chin	1
CHOW CHOW	1
chow-chows	4
Feng Shui	3
Gelupa	2
Geppun	1
han	1
hans	2
Huawei	2
I Ching	1
Je Tsongkhapa	1
Kagyu	1
kung fu	2
lama	16
MOLOS	1
Moto X	1
Motorola	5
nebal	1
nepa	2
Ningma	1
Nyingma	1
Ribñ	1
Sakya	1
Sakyamuni	6
sakyas	3
SHAR PEI	1
shar-pei	1
sharpei	1
Shi De Choe Tsog	1
suan pan	1
tai chi	1



tai chi chuan	1
Taiwan	13
Tao	6
tayw	1
Tendrel	1
Tsin	1
tulku	2
Tzong Kwan	2
uigures	2
yang	2
yin	2
YOUKU	1
Zhōngguó	1
ZTE	1
<b>Russo (e outras línguas do leste europeu)</b>	
Antonov	2
Arzamas	1
bel	1
beluga	3
BORZÓI	1
Chernobyl	5
czar	14
Egvekinot	1
Flanker	1
Glasnost	1
HUSKY	1
ikra	1
Karts	1
KGB	2
kosmonávt	1
kosovo polje	1
Kremlin	1
Kursk	5
let	1
liet	1
lieti	1
Lomo	4
Lunokod	1
MIG	2
MIR	2
ossetra	1
perestroika	3
politburo	1
Porosyonkov Log	1

Roskomos	1
ryzhiy	1
Salyut	1
sevruga	1
Skartavelo	1
Soyuz	13
Sputinik	1
Sputnik	10
Sukhoi	2
Sukhois	1
Tokamak	1
Tsar	14
tschoty	1
Tupolev	1
víteliú	1
voda	1
Vodka	1
Vostok	2
Zarya	1
Zvezda	1
<b>Turco</b>	
cazaques	1
havyar	1
Orkut	110
quirguizes	1
turq	1
turqs	1

### **3. Lista de exclusões**

Não foram codificados para esta pesquisa os seguintes grupos de vocábulos:

- Palavras em Latim: por ser uma língua considerada morta;
- Nomes científicos (designações de espécies de animais, plantas e microorganismos): por utilizarem taxonomia científica;
- Publicações (livros, jornais, revistas estrangeiras): por não possuírem nomenclatura correspondente no Português Brasileiro.

## 4. Lista de entrevistados

### 4.1. Jornalistas da *Superinteressante*

- Felipe Germano Abilio, repórter e editor da *Superinteressante* entre 2015 e 2018;
- Ana Carolina Leonardi, repórter e editora da *Superinteressante* entre 2016 e 2019;
- Lucas Pasqual Pinheiro, editor do *site* da *Superinteressante* entre 2015 e 2018;
- Rafael Battaglia Popp, repórter da *Superinteressante* desde 2018.

### 4.2. Linguistas

- Ieda Maria Alves, graduada em Letras pela Universidade Católica de Santos (Unisantos), mestre em Lettres Modernes pela Academie de Lettres de Besançon, na França, doutora em Linguistique pela Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle), professora titular da Universidade de São Paulo (USP) desde 2006;
- Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e em pedagogia pela Universidade Nove de Julho (Uninove), mestre e doutor em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e professor efetivo da USP desde 1999;
- Alexandre Ferreira da Costa, graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em Lingüística pela Universidade de Brasília (UnB), doutor em Lingüística Aplicada pela Unicamp, e professor da Universidade Federal de Goiás (UFG) desde 1998;
- Sírio Possenti, graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), mestre e doutor em Lingüística pela Unicamp, e professor titular da Unicamp desde 1979.

## 5. Transcrição de entrevistas

**Entrevista com Felipe Germano Abilio, concedida por meio do *software Zoom*, no dia 27/07/2020.**

Pergunta: Para começar, você pode me dizer seu cargo na revista e desde quando você compõe a equipe?

Resposta: Eu entrei na Super no final de 2015. Eu entrei como repórter. Um editor saiu e aí abriu uma vaga de repórter e aí eu entrei ali e aí eu fiquei até o final de 2018. Deu três anos ali. Foi quase o mesmo tempo em que eu saí. Quando saí, eu saí ainda no cargo de repórter, mas eu estava editando a parte de Cultura. Então, é isso. No papel, eu estava repórter, mas eu exercia algumas funções de editor, além de editar os textos de estagiários, que era uma coisa que a gente fazia desde o começo, principalmente o texto que ia pra internet.

Pergunta: O que diz o manual de redação da Editora Abril sobre o uso de palavras e expressões estrangeiras em suas publicações?

Resposta: Talvez eu esteja falando uma besteira, mas eu não lembro. A gente não seguia o Manual de Redação da Abril. Tanto que as publicações da Abril elas têm perfis muito diferentes entre si, mesmo na parte técnica. Eu, pelo menos, não tive contato com o Manual em momento nenhum. A gente sabia algumas coisas da editora, mas eu sempre tive a impressão de que a forma como cada revista lidava com os seus maneirismos de escrever era dentro. Eu não acho que a *Capricho* e a *Veja* lidam com estrangeirismos do mesmo jeito e a *Super* nesse meio. Eu acho que era muito da vontade do Diretor de Redação e que sempre conversava com os superiores dele, os coordenadores de área. Mas eu não vou saber te responder como o Manual da Abril... eu nem vou te falar que não existe esse documento. Eu vou te falar só que eu não tive contato com ele. Não que eu me lembre. Talvez eu tenha lido quando entrei, mas de cabeça eu não lembro.

Pergunta: Os editores da *Superinteressante* costumam substituir palavras estrangeiras no texto dos repórteres?

Resposta: Eu não lembro de situações. O que eu posso falar de certeza: o texto era sempre focado, sempre havia o pensamento no leitor. Então, eu acho que tem que ter a questão do bom senso. Têm palavras estrangeiras que fazem parte do nosso dia-a-dia e essas partes não eram substituídas. Então, a tentar falar, sei lá, *software*, ninguém ia tentar trocar por programas, porque *software* é uma palavra que estava dentro já. Mas, usar palavras (ruído inaudível) que não estavam inseridas no nosso dia-a-dia ainda, elas eram trocadas por uma questão de compreensão por parte do leitor. Isso era sempre uma preocupação. Mas eu não vou conseguir lembrar de um exemplo específico e não era uma coisa pensada, tipo: aqui tem uma palavra estrangeira, melhor a gente tirar. Era uma coisa mais natural da compreensão do texto mesmo.

Pergunta: O uso de palavras estrangeiras é incentivado pelos editores nas reportagens da *Superinteressante*?

Resposta: Ele não é incentivado. É que tem momentos que, de fato, uma palavra estrangeira quebra um galho. Principalmente no sentido de sinônimos mesmo. Você está em um texto gigante, já usou dispositivo quatro vezes e aí um *gadget* ali, ele dá uma fluência pro texto, mas entre *gadget* e dispositivo, é melhor usar dispositivo. Ele funciona como uma carta na manga pra você usar uma vez ou outra quando uma palavra que já era muito utilizada e etc. Acho que era uma preocupação que a gente sempre tinha lá, de conseguir fazer o texto chegar para o maior número de pessoas possível, e não uma pessoa que necessariamente tivesse que estar super por dentro dos nomes que o mundo científico e técnico está usando. Mas, é isso. *Hardware* aparecia. *Gadget* aparecia muito. *Streaming*, por exemplo, é uma coisa que depois a gente começou a perceber que é uma palavra que não estava dentro do vocabulário, então talvez fosse melhor manear um pouco o uso. Mas elas aparecem. Elas não são amadas, mas elas são presentes, principalmente nesse sentido de dar variedade para o texto.

Pergunta: Na sua percepção, em qual ou quais editorias as palavras e expressões estrangeiras são mais utilizadas?

Resposta: Eu acho que na parte de Tecnologia, principalmente porque são palavras que não têm tradução de cara. São termos que surgem e você quer falar sobre aquilo imediatamente e não existe ainda aquela palavra na língua portuguesa. Então, você pode se arriscar e tentar fazer uma tradução, você pode tentar usar uma palavra que talvez explique mais ou menos. Acho que é isso. *Hardware* acho que é um exemplo bom. Você vai tentar traduzir *hardware*? Eu já vi gente escrevendo “alguma coisa duro”, eu não lembro agora o que era. E fica muito estranho. Você vai tentar entender o que o cara está falando. Mas eu acho que é isso. É muito por conta dessas palavras que surgem e precisam ser noticiadas imediatamente e como elas foram inventadas nos Estados Unidos, geralmente, as pessoas não têm muita coragem de traduzir. Eu não tenho muita coragem de traduzir uma palavra, eu tento explicar a embalagem ou... entendeu? É muito difícil. Tem palavras que são muito difíceis você fugir disso, e eu acho que Tecnologia principalmente, por causa da velocidade como as coisas são criadas.

Pergunta: Há alguma percepção dos jornalistas sobre a influência do uso de estrangeirismos no léxico da Língua Portuguesa falada no Brasil?

Resposta: Acho que há uma percepção. Eu não sei o quanto essa reflexão existe, o quanto há uma preocupação em relação a isso, mas a gente entende que usar o estrangeirismo tem um impacto, principalmente pro leitor em primeiro grau, mais do que pra língua portuguesa como instituição, mas pro leitor, que está lendo ali, ele é impactado. A preocupação sempre era no ponto da compreensão, mais do que na modificação de status de palavras.

Pergunta: Na sua percepção, o uso de palavras estrangeiras modifica a escrita ou a estilística do jornalista?

Resposta: Muda. Eu acredito que sim. Eu acredito que sim. Eu acho que o uso do estrangeirismo pode ser uma ferramenta que eu particularmente não gosto, mas eu sei que tem muita gente que gosta porque ela faz você soar inteligente. Ela dá um efeito assim: olha essas palavras que estão em *itálico*. Eu não gosto. É um texto que não me atrai, mas eu sei que ele existe. Não é difícil você encontrar esse tipo de texto: mil palavrinhas em inglês e, de certo modo, o jornalista que se acostuma com isso começa a escrever desse jeito, o pico da formação de frases dele geralmente termina com uma palavra em inglês. Então, eu acho que sim, que esse ar de pseudo-intelectual inglês existe.



**Entrevista com Ana Carolina Leonardi, concedida por meio do *software Zoom*, no dia 25/07/2020.**

Pergunta: Para começar, você pode me dizer seu cargo na revista e desde quando você compõe a equipe?

Resposta: Eu entrei na *Super* em 2016 como estagiária. A editora Abril estava passando por várias transformações. Os times foram ficando menores, mas eu fui ficando. Eu fui efetivada na *Super*, virei repórter, depois virei editora assistente. Eu fiquei no total 4 anos, não sei exatamente as quebras.

Pergunta: Você lembra de quando até quando você foi editora, por exemplo?

Resposta: Eu posso te passar essas datas depois? Preciso olhar no meu *LinkedIn*.

Pergunta: Você trabalhou no impresso ou no *online*?

Resposta: Nos dois. Quando eu entrei na *Super*, um pouco antes de eu entrar a gente tinha redações diferentes. Todas as revistas que entravam no guarda-chuva da editoria jovem da Abril, elas faziam parte de um núcleo *web* que produzia conteúdo, então a gente tinha programadores, foi uma iniciativa mais ambiciosa. Só que eles perceberam que, no dia-a-dia, a gente não estava conseguindo ter... a gente fazia projetos especiais, eu não estava lá... eu estou falando “a gente” como instituição... mas a gente conseguia fazer projetos especiais, que eram muito legais, a gente tinha *designers* dedicados, programadores etc., conteúdos interativos muito bacanas, mas no dia a dia a gente não conseguia construir uma base de audiência recorrente que tivesse a mesma identidade da revista impressa. Então, quando eu entrei, já era um esforço de ter a redação integrada. Então eu trabalhava em todos os meios. A gente fazia vídeo, a gente fazia os *sites* da *Super*, redes sociais e a revista impressa mensal e os especiais, que são mensais também.

Pergunta: O que diz o manual de redação da Editora Abril sobre o uso de palavras e expressões estrangeiras em suas publicações? Você tem uma lembrança disso?

Resposta: Não. Precisamente não.

Pergunta: Como eram as regras na redação. Havia alguma?

Resposta: A gente evitava ao máximo, ao menos. Como a gente fala muito de Ciência, às vezes têm termos que não tinham traduções exatas ainda, que estavam vindo diretamente de pesquisas ou termos que ficaram conhecidos na Ciência brasileira com a mesma palavra do inglês, por exemplo. Então, quando a gente fala de genética... E aí o que a gente fazia? Quando tinha que usar uma palavra de fato estrangeira, a gente trazia ou a definição diretamente, a tradução da palavra ou uma explicação em tradução livre, como a gente falava. Mas a gente sempre considerava ali a palavra estrangeira de fato. Agora, se a gente estiver falando de estrangeirismo de um jeito mais amplo, tipo palavras que passaram a fazer parte da língua corrente, mas não existiam no Português, tipo *deletar*.

Pergunta: *Internet* mesmo, né?

Resposta: É... pois é... aí isso fazia parte do dia-a-dia. Acho que era natural pra gente tanto quanto é natural pras pessoas que liam. Acho que era muito esse o foco. Isso aqui vai atrapalhar a leitura? Essa palavra, independente dela ser um estrangeirismo ou um termo técnico, pode ser em Português mesmo, um termo extremamente técnico, isso aqui é uma palavra que uma pessoa vai conseguir ler ou ela vai ter que parar e tentar entender o que aquela palavra significa e isso vai cortar o fluxo dela? Então, acho que essa era muito a abordagem que a gente tinha dentro da *Super*. Agora, se você me perguntar do Manual de Redação da Abril, eu não vou ter isso introjetado, a ponto de conseguir te dar uma resposta precisa.

Pergunta: Os editores da *Superinteressante* costumavam substituir palavras estrangeiras no texto dos repórteres? Você tem alguma recordação de palavras que tenham sido tiradas?

Resposta: Parece que sim, mas muito nesse mesmo esquema das palavras técnicas. Então, isso era uma coisa que a gente como editor e, quando eu era repórter, o contrário, como segundo leitor, como segundo *check point* do texto, a gente sempre via se estava sendo direto o suficiente, se estava sendo didático o suficiente, e o estrangeirismo entrava muito nesse processo. Não é uma coisa muito de cima pra baixo. Dificilmente você vai simplesmente mudar uma palavra no texto do repórter e entregar pra ele de volta e não avisar. Muitas vezes a gente falava: “olha, aqui acho a gente pode tentar descrever isso aqui em português”, “isso aqui acho que a gente poderia falar de maneira menos jargônica”, e assim por diante...

Pergunta: Há uma discussão na redação, então?

Resposta: Uma discussão. E nem sempre a resposta vinha e o seu texto era publicado sem você olhar. Você sempre podia olhar as alterações que estavam sendo sugeridas pelos editores. Você sempre tinha que dar uma resposta. Então, se você achava que não tinha que mudar de jeito nenhum e que tinha que ir em inglês, porque é em inglês que se fala e blá-blá-blá, você ia lá levar seu caso. E conforme a redação foi diminuindo de gente, ficou mais fácil ter esse processo mais colaborativo, porque você não precisava ter essa conversa com oito pessoas, nove pessoas, dez pessoas.

Pergunta: E o contrário, o uso de palavras estrangeiras é incentivado pelos editores nas reportagens da *Superinteressante*?

Resposta: Não necessariamente, ao menos nesses casos, se ele é o jeito que as pessoas melhor entendem o que você está falando, aí não tem porque você usar um outro termo. Estou pensando em um exemplo aqui...

... pausa...

Pergunta: Na verdade, não importa muito... era importante eu saber se os editores incentivam que os repórteres usem termos em língua estrangeira.

Resposta: Não necessariamente. Mas se você escrevesse auto-retrato pelo telefone, você provavelmente seria incentivado a escrever *selfie*. Mas é muito mais porque isso é mais corrente do que auto-retrato. A idéia é usar o termo mais corrente e mais fluido pro texto.

Pergunta: Na sua percepção, em qual ou quais editorias as palavras e expressões estrangeiras são mais utilizadas?

Resposta: Acho que Tecnologia e Ciência.

Pergunta: Há alguma percepção dos jornalistas sobre a influência do uso de estrangeirismos no léxico da Língua Portuguesa falada no Brasil?

Resposta: Acho que sim. Até porque a gente sempre está tendo que discutir como é que as pessoas estão falando. Então, você estava falando de *internet* eu lembrei, por exemplo, de aprendizado de máquinas. A gente usaria aprendizado de máquinas tanto quanto *machine learning*, mas provavelmente *machine learning* porque é o que as pessoas falam mais. Então a gente tem que estar sempre muito atento pra entender como as pessoas falam e refletir isso na *Super*, porque a *Super* ela quer muito ser essa ponte, em que as pessoas não têm uma barreira de linguagem pra adquirir o conhecimento. Então, se a gente vai usar uma coisa, se a gente vai dar uma palavra que a pessoa precisa aprender, a gente vai ensinar a palavra, independente do idioma em que ela seja escrita.

Pergunta: Mas você acha que há uma percepção de que o fato de usar palavras estrangeiras pode influenciar no léxico da língua. Vocês têm uma percepção de que podem estar influenciando o jovem a falar de uma maneira diferente...

Resposta: Sim. A gente tinha uma conversa, fofocas, uma conversa na redação, é que como isso se refletia no nosso trabalho é menor, mas é uma coisa só pra dar em termos de como a gente pensava nisso. Sabe aquela música “Trem Bala”, que ficou famosa no Brasil? “Não é sobre blá-blá-blá”. Isso é um estrangeirismo. Isso é uma tradução de um estrangeirismo. Isso é um anglicismo. Porque a gente não tem essa construção aqui, “não é sobre ter...” Acho que a mais próxima em português, do português antes de agora, é “não é uma questão de...”. “Não é sobre...”, a gente não tem essa construção no português e a gente sempre ficava falando: “isso está gramaticalmente errado”. Isso é uma coisa que a gente não usava, mas a gente via as pessoas usando toda hora. A gente estava reparando. Era muito mais o reparar e ver como as pessoas estavam escrevendo e a gente via como isso afetava o jeito que as pessoas falam, o que as pessoas escrevem.

Pergunta: Você está talvez até antecipando a minha próxima e última pergunta, que, no caso, é se, na sua percepção, o uso de palavras estrangeiras modifica a escrita ou a estilística do jornalista?

Resposta: Acho que sim. Mas eu acho que não é um fenômeno que se limita ao jornalista, nem ao estrangeirismo. As pessoas vão passando por ondas de tendências de escrever determinados termos, determinadas palavras, até o jeito que a gente pontua as coisas, a estrutura do texto, é um fenômeno mais coletivo. Duvido muito que, se a gente pegasse um jornal há 15 anos atrás que a gente escreveria do mesmo jeito que a gente escreve hoje, mas eu vejo isso menos como um fenômeno individual, mas sim como um fenômeno coletivo, que faz parte de ter uma língua viva.

**Entrevista com Lucas Pasqual Pinheiro, concedida por meio do *software Zoom*, no dia 23/07/2020.**

Pergunta: Para começar, você pode me dizer seu cargo na revista e desde quando você compõe a equipe?

Resposta: Resposta: Eu não estou mais na equipe da *Superinteressante*. Eu fui editor do *site* da *Superinteressante*. Editor das redes sociais durante mais ou menos 3 anos, de 2015 a 2018. Na prática, meu cargo era esse. Eu assinava como editor assistente, que era a hierarquia dentro da Editora Abril naquele momento.

Pergunta: O que diz o manual de redação da Editora Abril sobre o uso de palavras e expressões estrangeiras em suas publicações?

Resposta: Essa é uma boa pergunta que eu não sei te responder. Eu sou jornalista, mas o meu trabalho era muito mais focado em estratégia de redes sociais e do *site*, enquanto crescimento, manutenção de audiência, conversa com o público. Eu não necessariamente colocava a mão na massa para escrever ou editar, de fato. Claro que eu escrevia e editava, mas não era o foco do meu trabalho. Tudo o que eu fazia estava dentro do âmbito da redação. Essa questão de Manual da Editora Abril, esse ponto eu não saberei dizer.

Pergunta: Vamos focar nos momentos em que você escrevia ou editava, pra que a gente consiga ter um foco um pouco mais voltado para o que eu quero tirar de você. Pelo que você lembra, os editores da *Superinteressante* costumam substituir palavras estrangeiras no texto dos repórteres?

Resposta: Eu não sei te dizer isso também, pois não era uma coisa que eu tinha acesso, que fazia parte do meu dia a dia. O que eu posso te dizer é que, por exemplo, se algum texto era adaptado da revista para o *site*, que era onde eu tinha mais contato, a gente sempre ia entender a linguagem deste texto para a *web*. Eu acredito que a linguagem

da *web* é diferente da linguagem de uma revista impressa. A linguagem que vai pro *site*, que vai pra redes sociais, ela é diferente, ela é uma linguagem muito mais rápida, muito mais em movimento, que acompanha memes e todos esses derivados. Eu acho que a gente perde um pouco desse capricho em relação ao estrangeirismo. Eu acho que quando vai pra *web*, a possibilidade é um pouco maior da gente brincar com as palavras, brincar com o texto, porque o público que está lendo na *web* eu imagino que vá ter esse vocabulário. Então eu não sei te dizer do trabalho de edição, do trabalho de reportagem da revista impressa. O trabalho dos editores em si eu acho mais adequado você conversar com os editores e entender como era o processo deles, mas eu posso te dizer que a gente no *site* publicaria uma palavra que está em outra língua, uma palavra em inglês, por exemplo, mais tranquilamente do que a gente publicaria na revista, imagino que seria mais tranquilo a gente essa palavra no nosso site.

Pergunta: Você vai poder me ajudar então em uma outra dúvida que eu tenho. O material, o conteúdo que está no *site* da *Superinteressante* é diferente do que é impresso na revista?

Resposta: Eu não sei te dizer como é hoje, pois já tem dois anos que eu não faço parte da revista. Mas enquanto eu estava lá e a gente ia adaptar alguma reportagem para o *site*, algumas delas iam na íntegra, sem mudar nada. Algumas delas eram adaptadas. Se a gente tivesse uma matéria muito grande na revista a gente poderia transformar essa matéria em três ou quatro matérias dentro do *site*. Pra dividir, pra ter um tempo de leitura mais adequado, pra que o público pudesse ser mais focado, pra que a gente pudesse ter um trabalho em rede social mais preciso, coisas assim. A Super é uma revista que tem décadas de história. então, algumas matérias, por exemplo, do final dos anos 90, e ela já estava hospedada em nosso *site*, quando a gente ia publicar essa matéria na rede social para chamar o público à leitura, essa matéria poderia ser atualizada, com novos dados ou com novas entrevistas, olhar pra essa matéria de maneira mais cuidadosa, porque a gente não pode chamar uma matéria dos anos 90, em 2015, como se estivesse tudo *ok*. A gente precisa ter um cuidado em cima disso. Eu lembro que em determinado momento a gente colocou um aviso, um *disclaimer*, no começo da matéria

dizendo: essa matéria faz parte do arquivo da *Superinteressante*, ela foi publicada anos atrás, você pode conferir ela aqui na íntegra, pra deixar tudo bem explicado.

Pergunta: O *site* da *Superinteressante* tem aquela seção “edições anteriores” ou “todas as edições”. Naquela seção “todas as edições” o material é o que estava no impresso. No restante do *site* não, é isso?

Resposta: Mais ou menos. Durante muito tempo o *site* da *Super* foi feito à parte. A gente tinha a redação que trabalhava pra revista, pros produtos impressos: revista, dossiês e especiais; e a gente tinha a equipe que cuidava do *site* e das redes sociais. Essa equipe do *site* produzia conteúdo exclusivo pro *site*: notas, matérias, reportagens, infográficos, especiais animados, um trabalho bem denso, bem bacana que não era conectado ao trabalho da revista, mas todas as edições anteriores da revista tinham sido publicadas no *site*. Eu não sei te dizer se essas edições anteriores estavam publicadas na íntegra, porque eu nunca abri uma dessas revistas pra conferir se 100% do conteúdo estava ali. Imagino que talvez uma nota ou outra pode ter passado, ou não. Eu não sei te dizer. Em 2015, um pouco depois da minha contratação, essas duas equipes, o impresso e o *online*, foram unificadas. Então, quem produzia para a revista também ia produzir para o *site*. Com isso, as matérias que iam sair na revista impressa, ou que tinham saído há alguns meses, alguns anos, recentes, elas foram adaptadas para o *site* de maneira muito mais orgânica, porque eram os próprios editores da revista que estavam olhando para aquela matéria com carinho para colocá-la no *site*. Então, a gente tem esses momentos diferentes de produção para o *site*. De 2016 em diante, a gente teve um foco maior no *site*, enfim, toda uma reestruturação da Editora Abril, e ele acabou recebendo um pouco mais de carinho, um pouco mais de atenção. E, com isso, a gente olhou pro arquivo da revista, pro acervo da revista também, falando: o quê que a gente consegue aproveitar aqui? Tem alguma matéria aqui que a gente acha muito legal, que a gente pode colocar no *site*? Porque essa revista não está mais em banca, porque o público não tem como chegar a essa matéria agora, de maneira prática, de maneira rápida. Então, se a gente colocar no *site* vai ser uma maneira interessante da gente conseguir divulgar essa história, dela ser conhecida. Então, a gente tinha todos esses momentos dentro da



redação. De novo, eu não sei te dizer como está hoje. Eu não tenho mais contato com a redação. Eu tenho um ou outro amigo que trabalha lá dentro, mas a gente não tem contato sobre o dia-a-dia da redação hoje.

Pergunta: Na sua percepção, em qual ou quais editorias as palavras e expressões estrangeiras são mais utilizadas?

Resposta: Boa pergunta. Eu fico realmente em dúvida. Se a gente está falando de um conteúdo científico, que se baseia em uma pesquisa científica, ciência pesada. Se a gente está falando de Astronomia, Medicina, a gente vai ter, além de nomes de publicações que são estrangeiras, *Nature* e outras revistas e periódicos científicos, a gente pode ter alguma palavra, alguma expressão, algum termo que é em outra língua, vamos supor, em inglês, e vai ter que ser explicado quando a gente estiver publicando isso. Mas, ao mesmo tempo, a gente tem, dentro da área de Cultura, palavras como *spoiler*, a gente tem derivados que são muito mais amigáveis ao público. Então, não sei te dizer em qual editoria teria mais estrangeirismo. Eu acho, eu desconfio, que dentro da editoria de Cultura esses estrangeirismos estão mais presentes no dia a dia do público, então precisam de uma explicação menor ou às vezes nem precisam de uma explicação. enquanto um termo que é um pouco mais específico, um pouco mais nichado, de outras editorias, como Ciência, ou até Tecnologia, podem precisar de uma explicação maior, então talvez não sejam muito utilizados. Mas, de novo, isso é só uma suposição.

Pergunta: Há alguma percepção dos jornalistas sobre a influência do uso de estrangeirismos no léxico da Língua Portuguesa falada no Brasil?

Resposta: Você diz dos jornalistas da *Superinteressante* ou da classe jornalística como um todo?

Pergunta: Da *Superinteressante*...

Resposta: Não sei te dizer. Eu sei que é um dos princípios do jornalismo, todo jornalista imagino que vá te dizer isso, que é passar a mensagem mais clara possível para o público. E se essa mensagem significa adaptar qualquer termo, qualquer expressão para a língua portuguesa, melhor. Eu imagino que algumas coisas já estão muito intrínsecas ao nosso vocabulário. Então, o que eu te diria, de novo, é que eu não sei, mas eu imagino que a gente sempre vai ter a busca pela maneira mais clara de entregar qualquer informação que seja.

Pergunta: Na sua percepção, o uso de palavras estrangeiras modifica a escrita ou a estilística do jornalista?

Resposta: Eu acho que... bom, vamos pensar... eu acho que o uso do estrangeirismo, o uso de uma palavra estrangeira, não vai necessariamente mudar o estilo, não vai mudar a prática da escrita, da edição, do trabalho jornalístico. Eu acho que ela pode precisar de uma atenção maior, porque, de fato, o profissional vai precisar entender se isso precisa de uma tradução, de uma explicação. Aí já é uma segunda apuração ou algum derivado disso, mas eu não acho que ela muda. Eu não acho que ela altera. Talvez, dependendo da expressão, de novo, se é uma coisa menos usual, eu acho que ela vai requerer um pouco mais de carinho.

**Entrevista com Rafael Bataglia Popp, concedida por meio do *software Zoom*, no dia 22/07/2020.**

Pergunta: Para começar, você pode me dizer seu cargo na revista e desde quando você compõe a equipe?

Resposta: Repórter da *Superinteressante* desde 2018.

Pergunta: O que diz o manual de redação da Editora Abril sobre o uso de palavras e expressões estrangeiras em suas publicações?

Resposta: Eu nunca fui apresentado ou cheguei a ler um manual de redação, seja da *Super* ou da Abril, como o da *Folha*, por exemplo, que é um manual de redação, se você for lá, por exemplo, a *Ombudsman* de domingo sempre se refere a ele, né? É uma coisa bem institucionalizada. Mas na *Super* não. É óbvio que a gente tem algumas regras, seja de estilo, seja de princípios editoriais. Com relação a palavras estrangeiras, eu acho que o que vigora lá na redação, entre nós e os editores, é o bom senso. Então, se é uma palavra muito nova, a gente geralmente faz ali um apostrofo explicativo ou abre um parêntese e explica o que ela quer dizer. E vai muito do nosso *feeling*, seja com quem está editando o texto do *site*, seja com o revisor no fechamento da edição. Basicamente você vai ver nas nossas matérias que palavras em Inglês, a gente deixa em itálico quando é um termo em Inglês que ainda não está totalmente disseminado no Português, mas por exemplo, *streaming*: *streaming* a gente já usa sem precisar explicar, sem nada. Agora tem outros termos que mesmo que pessoas da área já conheçam, mas que a gente precisa explicar ainda. Hoje, inclusive, estou fazendo uma nota de uma ferramenta nova do Google que os textos originais lá da gringa falam *machine learning*, mas aí a gente traduz *machine learning*, ou aprendizado de máquina, aí gasta mais ou menos uma frase ou um parágrafo pra explicar o que é. Mas não tem, pelo que eu sei, assim, do tempo que eu estou lá eu não vi nada documentado, do que a gente deve agir, é mais essa questão do *feeling* mesmo.

Pergunta: Os editores da *Superinteressante* costumam substituir palavras estrangeiras no texto dos repórteres?

Resposta: Olha, deixa eu pensar aqui se já teve algum caso... da minha experiência que eu já tive com textos editados eu acho que foi muito raro ou quase nunca. Eu acho que a preferência, por exemplo, é se existe uma relação com o Português, por exemplo, uma organização estrangeira ou um departamento de uma universidade, mesmo que não haja alguma coisa prévia na literatura que fale: é assim que se escreve em Português, a gente traduz. Então, por exemplo, o Departamento de Física Quântica da Universidade de não sei daonde, a gente não coloca em Inglês, a gente adapta para o Português. Ou, por exemplo, quando é uma expressão que a gente não encontra versões já traduzidas, a gente abre um parêntese e fala assim: “algo como”, aí dá a versão em Português entre aspas. Às vezes quando é uma frase ou um *slogan* a gente acaba fazendo isso.

Pergunta: Mas os editores não substituem, então, quando vocês utilizam uma palavra em Inglês ou em Francês ou em qualquer outra língua, uma palavra estrangeira no texto? Ela não é corriqueiramente substituída?

Resposta: Não, é bem raro isso acontecer. Acho que só quando é uma palavra... deixa eu pensar em algum exemplo aqui... mas a gente, geralmente, como a gente tem mais espaço pra escrever, seja na *internet*, seja os textos da revista que são maiores, às vezes, quando a palavra... é porque, às vezes, quando a palavra é em Inglês, ela tem um sentido que vale a pena ser explicado e não somente traduzido. Então, às vezes, por exemplo, nos textos de Cultura, o título de uma música ou o título de um livro, ou mesmo uma expressão, aí vale à pena a gente explicar por que essa expressão foi escrita desse jeito ou por que essa música tem esse título. Aí a gente coloca. Mas é bem raro, é difícil acontecer (a interferência de um editor).

Pergunta: E o contrário? O uso de palavras estrangeiras é incentivado pelos editores nas reportagens da *Superinteressante*?

Resposta: Eu acho que não. Eu acho que o quê a gente incentiva lá é a contextualização. Então, se a gente vai trazer a expressão em Inglês, então a gente vai abrir ali, gastar um tempo pra explicar aquela expressão. Fazer uma tradução e tudo mais. Mas, por exemplo, um texto inteiro, um texto de Tecnologia inteiro só com palavras estrangeiras eu acho difícil. Por exemplo, uma coisa que tenha *gadgets* e uma coisa que vá explicar ali VR a gente, ainda, acho que o Bruno vai te explicar legal, porque ele que edita a seção de Tecnologia, mas ou a gente usa como um sinônimo, se é alguma coisa que já foi usada ali naquele texto, mas, por exemplo, VR a gente primeiro apresentaria falando essa sigla em inglês quer dizer “realidade aumentada”, “realidade virtual”, enfim, acho que jogar, assim, vários termos de uma vez, a gente não costuma fazer não.

Pergunta: Na sua percepção, em qual ou quais editorias as palavras e expressões estrangeiras são mais utilizadas?

Resposta: Eu acho que Tecnologia, sempre que a gente está fazendo um texto de Tecnologia a gente acaba usando palavras estrangeiras pra se referir a determinada tecnologia, determinada ferramenta. Nos textos de Cultura também, principalmente quando a gente vai falar indiretamente de alguma tecnologia. Então, textos em que a gente fala sobre *streaming*, enfim... as mais difíceis de aparecer são coisas mais gerais, um texto sobre biologia, um texto sobre astronomia, isso eu acredito que dê pra fazer tudo quase sem usar estrangeirismos. Então, se eu tivesse que escolher, acho que seria Tecnologia e Cultura.

Pergunta: Há alguma percepção dos jornalistas sobre a influência do uso de estrangeirismos no léxico da Língua Portuguesa falada no Brasil?

Resposta: Se existe uma discussão entre a gente ali na redação?

Pergunta: Se, na percepção dos jornalistas da revista, o uso dos estrangeirismos influencia no léxico da língua...

Resposta: Eu acho que sim, porque, principalmente agora, eu estava ouvindo um *podcast* sobre as palavras que entraram no dia-a-dia das pessoas por causa da pandemia e algumas adaptações, como agora a gente estava conversando, “ah, você está *mutado*” ou “ah, vou fazer uma *call*”. Eu acho que eles acabam entrando no nosso léxico justamente porque a gente está o tempo todo usando ferramentas que tenham principalmente palavras em Inglês. O meu *Zoom* aqui, por exemplo, e o meu computador da Abril estão todos em Inglês, então é natural que a gente vá se referir a algumas coisas em inglês. Então, por exemplo, compartilhar uma tela: “dá um *share*”, porque o *share* já está aqui escrito, eu acho que é uma associação mais rápida que a gente faz. Mas, agora, em relação aos textos da revista, eu acho que existe um cuidado grande da gente não usar levianamente esses estrangeirismos, dando sempre um contexto, usando quando for realmente necessário e não houver um (ruído). O que eu consigo pensar agora mais foi um texto que eu fiz em que, poxa, como é que você vai se referir às plataformas *Netflix*, *Amazon Prime*, essas coisas? São plataformas *on demand* e *streaming*. Eu acredito que o contexto já de você ter essas empresas associadas dão uma certa liberdade de você não precisar explicar o que é *on demand*, o que é *streaming*.

Pergunta: Talvez a minha pergunta tenha sido um pouco mal formulada, me desculpa. O que eu queria saber de você é se há uma percepção de que o uso das palavras estrangeiras pelos jornalistas influencia e modifica o léxico da língua...

Resposta: Acho que sim. Pra ser sincero, eu vi muito pouco essa discussão em grupos de jornalistas que eu estou, mas é um questionamento relevante. Eu acho que sim, porque eu acredito que hoje em dia a primeira via de chegada desses estrangeirismos seja pelas redes sociais e não mais pelos veículos. Então, você vai abrir o *Twitter*, vc vai ver um *tweet* gringo ou alguém falando de alguma coisa gringa e isso vai acabar sendo incorporado aos poucos por você. Mas eu acredito, na minha opinião, que quando um veículo usa isso, que quando a Folha vai lá e coloca no seu manual que determinada palavra tem que ser escrito assim ou assado ou uma nova tecnologia que acaba sendo bastante difundida em notas, matérias, reportagens. Eu acho que o peso dos veículos de ser uma marca, entre aspas falando, dá uma certa validação para essas palavras. Se

a *Folha* e a *Superinteressante* estão usando, é sinal que eu também posso usar, que não vai ser errado eu falar isso ou escrever isso em um texto para um colega ou um texto para as redes sociais. Tem uma conta de *Twitter*, não sei se você conhece, é um *bot* que analisa as edições do *New York Times* e sempre que tem uma palavra inédita que nunca foi usada pelo *New York Times* ele vai lá e dispara um *tweet*. Eu achei interessante, foi um colega jornalista meu que falou. E eu acho que o fato de existir coisas assim, de haver um monitoramento assim, é interessante. Do mesmo modo que é interessante a gente acompanhar quando um dicionário, o *Oxford*, ou um outro grande dicionário, incorpora palavras da internet. Eu lembro que uma vez a gente fez uma matéria na *Mundo Estranho* de quais palavras surgiram da internet e já estão no dicionário. Tinham algumas lá: *deletar*, *troll*, enfim... então eu acho que sim. O fato de você ter veículos de notícia se permitindo usar essas palavras ou porque é vital para o contexto da notícia ou porque foi algo que os jornalistas já sinalizaram como relevante, eu acho que acaba sim interferindo no léxico.

Pergunta: Na sua percepção, o uso de palavras estrangeiras modifica a escrita ou a estilística do jornalista?

Resposta: Eu acho que em parte sim. Não sei se necessariamente os estrangeirismos, mas o acesso à informação estrangeira. Quando eu comecei a trabalhar na *Superinteressante*, eu tive contato com publicações, periódicos, enfim, que eu não estava familiarizado. Tanto que eu falei até outro dia: eu consumo muito mais coisas em Inglês no dia-a-dia, quando vou escrever uma matéria, do que antigamente, quando eu estava no colégio, quando eu estava nos primeiros anos da faculdade. Eu acho que o acesso a informação estrangeira acaba, por exemplo, uma frase escrita em Inglês foi feita desse jeito, ou tal jornalista usou uma construção diferente, que eu não estava habituado. Eu não sei dizer se necessariamente os estrangeirismos teriam essa interferência. Deixa eu pensar: eu acho que não. Em relação à escrita eu acho que, pelo menos pra mim, sempre bate uma dúvida, na verdade, se é certo usar. Às vezes eu estou escrevendo um texto e nem é aspas de alguém, mas eu estou ali escrevendo e falo: será que eu uso apagar ou *deletar*? Pelo menos pra mim, eu ainda opto por não usar o

*deletar*. Não sei se na minha cabeça ainda tem um certo ruído, mas eu acho que aos poucos isso muda, mas pelo menos pra mim ainda tem um certo ruído em usar essas palavras. Eu tento usar o menos possível. Só realmente quando o texto pede.



**Entrevista com a Professora Doutora Ieda Maria Alves, concedida por meio do software Zoom, no dia 27/07/2020.**

Pergunta: A Língua Portuguesa falada no Brasil vem incorporando ao longo do tempo estrangeirismos de diversas fontes de vocábulos. As revoluções tecnológicas em curso podem ser consideradas uma grande fonte de novos anglicismos. Até que ponto a incorporação dessas novas palavras e expressões modificam a língua falada no país?

Resposta: Na verdade, a incorporação de palavras de outras línguas é um processo inerente ao desenvolvimento das línguas. Isso ocorre desde os primeiros documentos que nós temos, as relações entre os povos, os fenícios, os gregos, os romanos... todos os povos incorporaram palavras estrangeiras, porque essas palavras estrangeiras vão trazendo referências, modos de vida, modos de alimentação que são desconhecidos. Historicamente, a gente costuma citar os gregos que eram muito retratados aos empréstimos, considerando que a língua deles era muito pura, mas salvo essa referência aos gregos, as fontes históricas vão mostrar que os povos sempre incorporaram, mesmo o Português, quando a gente começa a estudar a formação da língua portuguesa, a gente vê palavras desde os fenícios, dos bárbaros, enfim, de todos os povos com os quais a região onde hoje é Portugal foi tendo contato. Os povos que visitaram a Península Ibérica foram deixando suas marcas. Então, essa preocupação de que os empréstimos podem mudar fatos da língua é relativa. Nós vamos incorporando as palavras e se a gente for observando a tendência é uma adaptação às formas lexicais da língua. Dificilmente a gente incorpora uma palavra sem modificá-la, como *software*, *hardware*. Eu acredito que nesses casos é muito difícil uma incorporação. Mesmo se a gente for transcrever na forma portuguesa, *software* fica um monstrinho. Mas se a gente pensar em outros casos, futebol, clube, quem pensa que vem do Inglês? Nós fomos incorporando e adaptando ao Português. Então, no clube, *club*, nós colocamos uma vogal e formamos uma sílaba, porque nós não usamos como o Inglês uma sílaba não fonologicamente pronunciável: *club*. Nós vamos lá: “clube”, vamos formar uma sílaba. Então essa é a tendência em todas as línguas: adaptar à própria língua. Então, o léxico, ele não é a parte do sistema da língua que vai... ele é o primeiro que sofre influências

sim, mas essas influências não chegam... nós não temos indícios históricos de uma mudança na língua, mudança mais radical. É claro que sempre há algumas alterações. Até eu falei na... não sei se você está seguindo umas conferências que a Abralín (Associação Brasileira de Linguística) está promovendo durante essa pandemia, com quatro conferências diárias. Então, a Abralín está promovendo uma série de conferências e eu fui convidada para uma delas e foi até o assunto sobre o que eu falei: uma palavra nova, um estrangeirismo, que é um neologismo, ele vai ter uma influência na língua, é uma palavra a mais, uma palavra que vai refletir um conceito estrangeiro. Eu gosto de lembrar sempre que as palavras não vêm sozinhas. Elas vêm com um conceito. O que a gente importa é o conceito. A palavra só vem junto. Quando a gente começou a falar *delivery*, não foi a palavra que veio sozinha, foi aquele conceito de pedir alguma coisa, comida, muito rapidamente, o que nós não tínhamos em português. Nós falávamos entrega em domicílio, o que é um pouco diferente. Entrega em domicílio não significa uma entrega rápida, de meia hora, uma hora depois, é um pouco diferente. Então, o que a gente importa é um conceito e a palavra costuma vir junto. Às vezes ela é traduzida, ela é adaptada, mas é sempre o conceito que nós importamos. E a gente importa mais do Inglês porque os americanos eles são... bom, os Estados Unidos têm uma política de buscar talentos, de buscar cientistas, então é um país em que há uma efervescência científica muito grande, cultural muito grande, isso faz com que eles exportem conceitos que vão junto com as palavras. São palavras que vem por causa desses conceitos. Então, sim, nós importamos palavras e ao longo do tempo, nós importamos também, mas muito menos, umas formas sintáticas. Por exemplo, quando nós dizemos: uma guerra, um debate anti-cultura. Alguma coisa desse tipo, um debate com o prefixo “anti”. Um debate anti-escavidão. Pronto! Um debate anti-escavidão. Como é que seria a forma portuguesa? Um debate contrário à escavidão. O prefixo nós não poderíamos usar, de acordo com a índole na nossa língua, um debate que é substantivo, mais um outro substantivo prefixado por “anti”. Isso é uma forma americana, que é bastante... eu acho que é inglesa, não é só americana, e que não é recente. Ela está no Oxford, atestada há muitas décadas. Então isso nós observamos já no português há algum tempo. Então, algumas formas sintáticas que são muito frequentes e que a gente adota aqui no Brasil e fala com muita frequência e que nós

vamos incorporando. Não sei se eu fui clara pra você. A palavra vem e em alguns poucos casos, mas são muito poucos casos, há uma incorporação da sua forma sintática. Outro caso também é, por exemplo, quando a gente usa fantasma como corrupção, a gente já tinha trem fantasma, mas quando a gente fala funcionário fantasma. Então, esse uso, da gente usar uma palavra, um substantivo composto em que o segundo é metafórico, também é um uso que a gente vê muito no Inglês, também tem no Francês, mas eu acredito que seja mais oriundo do Inglês. Então nós incorporamos. Então, em alguns casos, há também uma certa mudança sintática, mas ela é muito pequena. Então isso não é um fator pra gente se preocupar: o Português está perdendo as suas características? Não, não está. Não é por causa da influência de palavras que vêm do Inglês que o Português está perdendo as suas características. Então, essa é uma preocupação que, por enquanto, a gente não precisa ter, que essas importações lexicais possam transformar a índole da língua, porque a índole da língua como o que vai caracterizar mais a uma língua é sua forma sintática, como a gente estrutura as palavras, exatamente porque o vocabulário ele vai de uma língua para outra, historicamente nós temos isso, dos italianismos, das palavras francesas, quando o Francês era a língua de cultura. E agora são as palavras inglesas, por causa da cultura norte-americana. E parece que vai ser o Mandarim que vai ser o próximo, o que vai ser mais complicado, porque, bom, o Mandarim é uma língua mais complexa pra nós. Mas respondendo à sua pergunta, não é uma grande preocupação, nós não precisamos ficar preocupados, porque o léxico importado não chega a modificar a estrutura da língua. Em alguns pequenos pontos, mas é muito pouco. Por enquanto, a gente não precisa ficar preocupado.

Pergunta: A imprensa brasileira utiliza uma diversidade de palavras e expressões relacionadas às revoluções tecnológicas, a maior parte anglicismos. Em um contexto de crescimento das comunicações interpessoais pela Internet, qual o poder e a influência da imprensa na incorporação, na validação e na fixação de novas palavras à Língua Portuguesa falada no Brasil?

Resposta: Eu acho que a imprensa tem um fator muito importante. Eu estudei muito e continuo estudando a terminologia da Economia. E a gente percebe que a terminologia da Economia, também essa terminologia referente às Bolsas, ela é toda impregnada de influência inglesa. Então também são esses contatos que você está falando, né? E as redes sociais elas só aumentam esses contatos. Nós estamos em um mundo muito conectado. Então, é inevitável. Mas sempre pensando nesse princípio: há influências sim, mas elas são muito pequenas ainda, porque a língua se auto-sustenta. É uma coisa que eu insisto há décadas: que os estrangeirismos correspondem a uma parte muito pequena do desenvolvimento do nosso léxico. Elas correspondem a cerca de 17, 18% do total de palavras que nós criamos. Eu tenho um projeto em que a gente vai seguindo os jornais... e por aí, por essa questão quantitativa, a gente pode afirmar que a maioria das palavras, 80%, oitenta e pouco por cento das palavras que nós vamos criando são formadas por elementos do próprio Português. Então, o que vem de fora é muito pouco. Às vezes pode aparecer muito, às vezes a gente repete muito uma palavra, mas ela é muito pequena, ela exerce uma influência pequena no número de palavras que nós criamos, porque muitas vezes a gente vai criando palavras com sufixos, prefixos, e nem se dá conta de que nós estamos criando. Então, é uma influência relativa, que não chega a 20%. E a tendência é também a se adaptar à grafia. Há uma tendência de adaptação. Primeiro porque nem todo falante vai pronunciar a forma inglesa. Então já há uma adaptação fonológica. Quando a gente vai escrever há uma tentativa de adaptação ortográfica, quando possível. A não ser quando a palavra realmente, pra nós, do ponto de vista da estrutura do Português, é um monstinho, como *software*. Tenta escrever, adaptar ao português o *software*, o *hardware*... ficam monstinhos. Mas grande parte das palavras não têm essa estrutura. Eu não sei se eu respondi bem à sua pergunta ou se eu fugi um pouquinho...

Pergunta: Sim. Na verdade, o que eu queria saber é se nesse contexto em que a gente vive de crescimento da internet, das comunicações interpessoais via internet, via redes sociais, via *WhatsApp*, aplicativos da internet, qual que ainda é o poder da imprensa pra incorporar novas palavras, pra validar e pra fixar essas novas palavras na língua em um

contexto de comunicações interpessoais tão avançadas e que utilizam cada vez menos a imprensa escrita e falada...

Resposta: É verdade. A imprensa... a gente abre o computador e vai no nosso servidor... eu tenho *UOL* há bastante tempo, então eu vejo as notícias por ali. Eu sou assinante da *Folha*, mas *online*. Eu já não recebo mais. Então, realmente, a imprensa sobretudo escrita ela vai perdendo influência, mas ela está ali, quando a gente abre o servidor vêm as notícias. É uma função diferente em um mundo em que a gente usa menos o escrito, por diferentes razões, mas está ali, está sob outra forma. Não é que não existe. Eu acho que é uma influência que existe, mas está sob outra forma. Eu acho que é isso. Não parou de existir não, porque a gente sempre vai às fontes. A gente pode falar via nossas redes sociais, mas a gente tem que ir às fontes das notícias, a gente não cria as notícias. A gente divulga, modifica, aumenta, deturpa, mas as fontes ainda é o jornalismo. Então, eu acho que ainda existe, mas de uma outra forma, de uma forma mais virtual. Pouca gente... Eu fico sempre observando uma banca aqui perto de casa, se eles têm muitos jornais, até pra ter uma idéia do que eles vendem, porque as pessoas não são muito claras, dizem que continuam vendendo, não é como antigamente, mas a gente ainda vende. Então, há muita gente que ainda compra o jornal, mas há menos gente. Eu, por exemplo, já há algum tempo não compro mais, mas eu vejo as notícias, no meu caso, mais via *UOL*. Então, é outra forma. E a imprensa tem que se adaptar. O jornalismo tem que se adaptar a isso, a outras formas.

Pergunta: Há alguma política de aceitação ou rejeição desses estrangeirismos por linguistas e também por entidades cuidadoras da língua, como a Academia Brasileira de Letras, por exemplo?

Resposta: Muita gente diz que é tudo por causa dos linguistas, que os linguistas aceitam tudo. Então, nós vamos observando a língua evoluindo, evoluir no sentido de ir mudando, nem pra melhor nem pra pior. Quando a gente fala evolui, a língua muda. Que nem a evolução do homem, vai mudando. Nós aceitamos, claro, porque são mudanças que têm as causas sociais, que têm as causas de muito contato entre as

línguas, então isso é inevitável. Nós aqui no Brasil com o contato com o Espanhol, principalmente mais nas regiões fronteiriças, então claro que há influência do Espanhol no Português, do Português no Espanhol. Até se fala de um Português de Fronteira. A gente estudando essa forma de falar das regiões mais fronteiriças, que nós chamamos de Português de Fronteira. Há o Espanhol de Fronteira também, com as influências do Português. A Academia, na verdade, ela não julga. Nós não temos um guardião da língua. Alguns países têm uma espécie de observação da língua, mas isso é preciso ser visto com cuidado, porque precisa haver uma aceitação por parte do povo se a gente for adotar uma política linguística no Brasil. Eu conheço bem a situação da França e ela é bastante eficiente sobretudo em relação às linguagens técnicas. Por quê? É uma tradição. Eu conheço comissões de línguas de especialidades que funcionam há mais de 30 anos, por exemplo. De Agronomia. Mas são os próprios professores de Agronomia, os próprios universitários que se unem para ter uma linguagem mais uníssona, porque isso é importante para a comunicação. Que não se criem palavras diferentes para um mesmo fenômeno ou quando se cria que a gente saiba o que aquela outra palavra, se é sinônima ou se é diferente. Então, o que eu vejo que dá certo na França, que tem uma política linguística já de décadas é em relação às áreas científicas. E são os cientistas que alimentam isso. Então a França tem junto ao Ministério da Cultura uma seção de observação da língua e de uma certa discussão entre esses cientistas de diferentes áreas que queiram participar. Então, é uma atividade, digamos muito voluntária por parte dos especialistas. Então, isso eu conheço um pouco. Também existe isso em relação ao Canadá Francês na América do Norte. Outros países que tenham uma política tão forte eu não conheço. Existem em certas regiões, como a Catalunha, uma defesa do Catalão. Então eles também promovem comissões de cientistas que vão procurando criar palavras em Catalão para nomear conceitos que vem em Inglês ou apenas em Espanhol. Também no País Basco. Isso existe com menos força na Galícia em relação ao Galego. Os galegos promovem muitos dicionários em que as palavras do Galego substituem algumas formas do Espanhol ou do Inglês. Então, o que eu vejo em algumas línguas é em relação mais às palavras científicas. A França tem também, além dessa parte mais das palavras científicas, ela tem palavras da língua geral. Existem linguistas que procuram criar palavras francesas para substituir os anglicismos. Por exemplo, eu me

lembro no ano passado, eu até estava lá, e o comitê que cuida disso, para substituir *fake news*, eles propuseram uma série, fizeram algumas propostas: notícias falsas, falsas notícias, informações falsas. Isso, o que eu acho até bom, é que eles divulgam pela televisão. Os noticiários, os jornais apresentam, eu me lembro de assistir, que agora a comissão do Ministério da Cultura propõe, para substituir *fake news*, uma série de propostas. Mas isso não é obrigatório. Na verdade, não é obrigatório. Então, o que a gente observa concretamente na França, existem comissões tanto para a língua mais geral, quanto para as línguas de especialidades, mas a obrigatoriedade de seguir o que as comissões decidem existe apenas nos documentos oficiais dos ministérios. Mesmo entre os cientistas há uma recomendação para que eles sigam para que todos saibam, quando usam uma palavra científica daquela área, que todos saibam de que se trata. É mais um consenso que depende das áreas, mas não é uma obrigatoriedade. Então, só há uma obrigatoriedade nos documentos oficiais. Isso a gente não tem em Portugal. A gente não tem no Brasil. Mas, enfim, eu diria que o resultado é relativo. Que funciona no caso da França, que eu conheço bem, muito bem nas línguas de especialidades. O Canadá Francês também tem isso, mas também se a gente for ver as notícias, os jornais também têm muitas palavras em inglês. Lá eles têm uma luta de muitos anos em relação ao Inglês, mas o resultado é sempre relativo. O povo usa. Uns usam, outros não. Os jovens costumam usar menos. Então, a eficácia, como eu disse, eu acho que é mais em relação à linguagem científica. Porque é importante que quando se usa uma palavra, pensa na sua área, quando um jornalista usa uma palavra técnica, que todos saibam a que aquela palavra se refere, que ela não cause dúvidas, que ela não tenha vários sentidos. Isso é importante mais para as áreas técnicas e científicas, mas não há uma unanimidade. Por exemplo, o melhor que existe é o da França, mas mesmo assim não é um sucesso total, sobretudo em relação às palavras que não são científicas ou técnicas. Eu eu diria, não sei se vocês concordam, que eles estão usando cada vez mais palavras do Inglês, no seu cotidiano, nos cartazes, na publicidade, isso é bastante evidente, sobretudo pra quem não mora lá. Eu estou sempre lá. Cada vez que eu vou eu tenho a impressão de que eles estão usando cada vez mais palavras em Inglês.

**Entrevista com o Professor Doutor Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, concedida por meio do software Zoom, no dia 28/07/2020.**

Pergunta: A Língua Portuguesa falada no Brasil vem incorporando ao longo do tempo estrangeirismos de diversas fontes de vocábulos. As revoluções tecnológicas em curso podem ser consideradas uma grande fonte de novos anglicismos. Até que ponto a incorporação dessas novas palavras e expressões modificam a língua falada no país?

Resposta: Na verdade, nesta pergunta, você deixa pro entrevistado associar as tais revoluções tecnológicas, dar um lugar pra essas revoluções tecnológicas. Então, o que eu queria falar sobre isso é até que ponto que há uma concordância quanto ao que sejam essas revoluções tecnológicas em curso e como elas chegariam às pessoas. Então, pra mim, a primeira questão que me vem é esta: de que revoluções tecnológicas falamos? Porque se a gente estiver falando da internet, por exemplo, e como fonte de anglicismos toda a tecnologia voltada para a comunicação interpessoal na internet, você tem uma certa influência, naturalmente, mas eu não sei se ela é tão fundamental de modo abrangente, pensando, por exemplo, nas várias pessoas que hoje tem acesso à tecnologia. Então, eu acho que essa influência ela é recebida diferentemente pelos diferentes em uma sociedade. Então, eu não acho que seja uma coisa que a gente possa generalizar como sendo uma influência igual para todos e tal. Por exemplo, no que hoje, não sei se você conhece essa gíria que tem aqui no Brasil, mas os novos empresários da Avenida Faria Lima, esses sim, provavelmente tenham uma influência pesada na fala em relação às tecnologias digitais, porque é um pouco o trabalho deles. Então, em uma faixa de população como esta, muito urbana, ligada a um certo tipo de trabalho, que envolve a tecnologia diretamente, aí sim eu vejo uma influência enorme. Aí eu acho que sim. Mas, de forma geral, eu acho que não dá pra dizer assim: há uma influência uniforme. Não há. Ela existe, obviamente. As palavras vão aparecendo no cotidiano, mas de forma desigual. Em uma sociedade desigual como a sociedade brasileira, é normal que você receba desigualmente as tecnologias digitais de informação e comunicação. Elas não chegam igualmente para todos. Eu diria que também, no que se refere ao uso de estrangeirismos, eles vão chegar com maior lentidão no público que tem um acesso não



especializado. Me parece que seria por aí nesta primeira questão. E aí ficaria também uma pergunta: essas tecnologias digitais de informação e comunicação, elas chegam para quem? Elas chegam do mesmo modo para todos? Então, as redes sociais, se a gente for interpretar a revolução tecnológica como a possibilidade de comunicação pelas redes sociais, claro que a gente está recortando aí claramente um naco, um pedaço das revoluções tecnológicas, mas aí sim você tem uma atividade muito grande, por exemplo, o próprio nome do *WhatsApp*, que você vai falar em “zapzap”, “Whats”, mil jeitos de falar, mas, enfim, são formas que têm um parentesco com a palavra imitada. Então, na verdade, ficaria essa pergunta. E a pergunta, pra mim, também ficaria: a incorporação de novas palavras e expressões pode modificar sim a língua fala no país em alguma medida, mas é preciso perguntar sempre: falada por quem? A língua portuguesa falada no Brasil por quem? Por todos os brasileiros? Eu responderia: sim, há alguma influência do estrangeirismo, mas ela é uma influência desigual. E, pelas razões que eu já apontei. Essa seria a primeira questão.

Pergunta: A imprensa brasileira utiliza uma diversidade de palavras e expressões relacionadas às revoluções tecnológicas, a maior parte anglicismos. Em um contexto de crescimento das comunicações interpessoais pela Internet, qual o poder e a influência da imprensa na incorporação, na validação e na fixação de novas palavras à Língua Portuguesa falada no Brasil?

Resposta: Teria de ver, né? Porque quando você usa “a imprensa”, eu estou pensando no meio impresso mesmo, no jornal, na revista. Talvez fosse útil pensar na menor influência que o meio impresso tem hoje, pensando, por exemplo, em relação ao que ele já teve, porque as pessoas se informam muito pelas redes sociais e se desinformam muito pelas redes sociais. Especialmente, se desinformam, com a questão das *fake news*. Então você tem uma questão aí, porque eu não sei se a imprensa brasileira teria essa influência tão grande pra imprimir no leitor esse tipo de... outra vez vem a diferença em relação a quem tem acesso a jornal e é uma população restrita, vamos dizer assim. Você sabe que pra você acessar um jornal, mesmo que seja pela internet, você tem que assinar esse jornal. Então, nem sempre você tem acesso por aí. Então, eu estou

pensando nos grandes jornais, por exemplo, no Brasil: *O Estado de São Paulo*, *O Globo*, *Folha de São Paulo*. Aí você vai ter que pagar, e não é todo mundo que assina, nem todo mundo que se interessa, na verdade. Acho que, no Brasil, há uma tendência a se informar muito mais pelo meio oral. Então, pelas notícias de rádio, pelos vídeos hoje na internet, por textos curtos também na internet, que não têm muito a ver com o jornalismo, não tem mais muita preocupação com a contextualização de uma notícia como se tinha nos manuais de redação, porque, obviamente, nessas redes você não tem nenhuma norma muito clara. Então, de todo modo, teria de ver em primeiro lugar o papel da imprensa, como que a imprensa está chegando às pessoas. Eu acho que, nesse sentido, tem sido menor a influência da imprensa, mas é claro que aquele chamado Português médio da comunicação jornalística, esse sim, ele tem poder de validação, ainda que seja relativizado, por causa do acesso, do interesse hoje pelo acesso ao jornal, que é menor, e às vezes pela dificuldade mesmo de acessar um jornal por falta de dinheiro pra pagar uma assinatura. Então muita gente não faz isso. Fora o fato de que a imprensa brasileira também entrou em bastante descrédito, por causa das posições políticas que ela assumiu. Ela assumiu uma posição bastante duvidosa e, a cada vez, ela vai se acertando nos interesses econômicos que ela tem e há uma dificuldade clara de se firmar como uma fonte de informação fidedigna cada vez maior. Então, tanto, por exemplo, os chamados grupos de esquerda, não grupelhos, eu estou falando as pessoas mesmo que se identificam mais com a esquerda e as pessoas que se indentificam mais com a direita têm tido uma dificuldade grande de se identificar com essas fontes impressas, mas não propriamente porque essas fontes estariam na posição equilibrada do meio. É porque as vinculações ideológicas, econômicas que eles têm são um pouco difíceis de compreender, tanto por um lado quanto por outro, e essas vinculações levam, por exemplo, a adotar certas linhas editoriais que hora agradam a uns, hora agradam a outros. Então, eu acho uma situação também do ponto de vista da sustentação econômica dessas empresas uma situação nova, uma situação difícil, o que tem repercussão nas linhas editoriais. Eu teria mais ou menos isso a dizer com relação à imprensa brasileira. Quer dizer, ela teria de se redefinir para um público maior, talvez. E se redefinir para um público maior eu não sei exatamente em termos de linguagem. Eu não saberia o que mais ela pode fazer pra simplificar a linguagem. Talvez o meio já não

venda da mesma maneira como vendia anteriormente. Eu acho que é isso. Então, a influência dela, obviamente, quando você pensa na imprensa como uma produtora de um Português médio, que é passível, vamos dizer, de compreensão por um número de pessoas grande, aí sim você poderia pensar na validação, mas eu tenho alguma dúvida com relação ao público que a imprensa atinge hoje e, de novo, o público que ela atinge já é um público que tem um vínculo com as tecnologias e com o próprio Inglês, que é um pouco diferente. Você vê nas escolas brasileiras hoje, especialmente nas escolas privadas, quase todas estão sendo alteradas para o ensino bilíngue. Então, o Inglês está entrando nas escolas do ensino básico, fundamental e médio, de um jeito diferente. Quer dizer, é quase natural pra essa geração que vem vindo a ascensão do Inglês quase que como uma língua que transita entre o Português do dia-a-dia, como eles assistem aula. Isso é uma tendência, pelo que me parece. Ela pode vir associada ao papel da imprensa aí. Não sei... Bom, com relação a última questão, se você quiser falar...

Pergunta: É sobre se há alguma política de aceitação ou rejeição desses estrangeirismos por linguistas e também por entidades cuidadoras da língua, como a Academia Brasileira de Letras, por exemplo?

Resposta: Eu não creio que haja. Pelo menos eu não tenho conhecimento de manifestações formais explícitas sobre esse assunto. Parece-me que a tendência é a de ver o fenômeno do estrangeirismo como um fenômeno da língua, inseparável dos contatos linguísticos. E, claro, mesmo que esses contatos não sejam contatos geograficamente marcados, digamos, por uma divisa geográfica, por exemplo Brasil e Argentina e a relação entre o Português e o Espanhol, o Portunhol, mas esses contatos podem ser contatos econômicos e tal, de outra natureza, como é a influência do Inglês no Brasil, que hoje se mostra talvez mais fortemente pela tecnologia, mas sempre esteve presente por outros meios, como em outras épocas o Francês também. Eu não tenho conhecimento de manifestações verbais explícitas, nem de associações de linguistas, como a ABRALIN, por exemplo, nenhuma associação se manifestou a respeito disso. Não é uma preocupação, me parece.

Pergunta: Nem de aceitação, nem de rejeição?

Resposta: Me parece que não. É uma coisa que os próprios linguistas têm que lidar com ela, porque não tem muito como fugir no caso do linguista, do trabalho acadêmico, na universidade o contato com essas tecnologias se impõe. Não tem como. E nem sempre você tem uma tradução ou uma preocupação em traduzir os termos que a internet propõe. Você pode usar o Inglês mesmo. Enfim, não há muita preocupação com isso. Eu creio que não.

Pergunta: Professor, eu queria agradecer pela sua participação na nossa pesquisa e eu precisava ler um textinho. Como os começamos a gravação um pouquinho depois, em respeito aos princípios éticos, eu precisava lhe informar que essa conversa estava sendo gravada e será utilizada somente em minha tese, que se chama “Imperialismo cultural e produção jornalística brasileira: estrangeirismos na revista *Superinteressante* de 2000 a 2019”, do Mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade de Lisboa.

Resposta: E você vai trabalhar com a *Superinteressante*, é isso? Se eu soubesse isso, talvez eu tivesse acrescentado alguma coisa sobre divulgação científica.

Pergunta: Mas se você tiver algo a acrescentar, ainda dá tempo...

Resposta: Eu diria que aí, outra vez, me parece que tudo o que eu falei continua valendo também pra revista *Superinteressante*. O público também, que acessa a *Superinteressante*, que assina a revista em papel ou que acessa pela internet também é um público específico, não é o grande público. Então, pra você pensar, por exemplo, na revista *Superinteressante* como o motor de mudança na língua falada há uma distância muito grande porque essa mudança talvez só viesse mesmo pelas redes sociais, que é por onde o grosso da população lida com as tecnologias e é muito curioso porque às vezes, naquilo que a gente toma contato mais popular, na troca de mensagens mais popular, nos grupos de família etc., não vejo tanto influência assim. Eu vejo muito o cotidiano das pessoas entrando por ali, mas nem sempre pelo caminho do

estrangeirismo. Sabe, Rodrigo, eu não vejo não. Mas, enfim, é claro que em um país que nasceu colonizado e permanece colonizado até hoje, cada vez de uma forma diferente, a gente vai se desentendendo em relação a como a colonização está sendo feita em um dado momento, porque hoje as coisas estão tão diversificadas que você já não sabe mais de onde vem essa ideia de “o mercado”, de onde vem “o mercado”. E esse mercado ele se move de um tal modo globalmente que as influências vêm de tantos lugares e a língua inglesa acabou virando uma língua comum pra tudo, não só no campo tecnológico, parece. Acaba sendo uma necessidade quase que obrigatória pra quem trabalha com qualquer coisa, nós, por exemplo, da academia, o Inglês precisa, pelo menos ler você tem que ler. Eu, por exemplo, não falo, mas eu preciso do Inglês de algum modo. Enfim. Mas é isso, eu acho que também na revista *Superinteressante* você vai ter uma divisão aí por público, obviamente. Porque também ela não tem o objetivo de atingir a população inteira, ela tem um público leitor e tal e é isso. Eu acho que a imprensa toda é assim. Na verdade, quando você pensa na imprensa em geral ou em um veículo em específico como a *Superinteressante*, a ideia do público leitor, que vai constituir de fato a cara daquele veículo, eu acho que é fundamental, porque esse público está de algum modo impresso no próprio texto daquele veículo e a impressão deste público se faz por uma projeção dos valores que esse público tem, valoriza, os valores que ele defende. Ora, um leitor da *Superinteressante* vai se interessar pelas pesquisas científicas, as descobertas e a popularização disso provavelmente terá não só um acesso mais fácil, mas também uma disposição mais aberta pra assumir os estrangeirismos. Quer dizer, o público leitor que já é produzido pelo próprio veículo, é esse público que vai constituir essa disposição também, me parece.

**Entrevista com o Professor Doutor Alexandre Ferreira da Costa, concedida por meio do *software Zoom*, no dia 24/07/2020.**

Pergunta: A Língua Portuguesa falada no Brasil vem incorporando ao longo do tempo estrangeirismos de diversas fontes de vocábulos. As revoluções tecnológicas em curso podem ser consideradas uma grande fonte de novos anglicismos. Até que ponto a incorporação dessas novas palavras e expressões modificam a língua falada no país?

Resposta: A mim não me parece que a abundância de influências linguísticas do Inglês, sobretudo, tenham grande impacto na língua portuguesa falada no Brasil nesse momento. Já houve um exemplo de impacto mais visível há alguns anos, que foi um impacto sintático do gerundismo que provavelmente veio da língua inglesa através dos treinamentos do pessoal do Telemarketing e depois passou para a linguagem pública, talvez por uma impressão de uma assertividade que esse tipo de imitação, de mimetismo linguístico causava. O famoso “vamos estar fazendo”, “vamos estar levando”, “vamos estar conversando”. E isso foi repellido, virou um cacoete, ficou marcado, foi ridicularizado. Mas é, se não me falha a memória, a última vez que eu vi um impacto que não fosse apenas de léxico. E a apropriação do léxico é muito normal, muito comum entre as línguas desde sempre e do ponto de vista científico, a apropriação do léxico do vocabulário não gera mudança estruturante importante em nenhuma língua. Portanto, apesar da abundância da influência, nesse aspecto eu não vejo grandes impactos.

Pergunta: A imprensa brasileira utiliza uma diversidade de palavras e expressões relacionadas às revoluções tecnológicas, a maior parte anglicismos. Em um contexto de crescimento das comunicações interpessoais pela Internet, qual o poder e a influência da imprensa na incorporação, na validação e na fixação de novas palavras à Língua Portuguesa falada no Brasil?

Resposta: Um exemplo bom é o exemplo da sigla da *Aids*, que entra como o nome da doença no Brasil e é uma sigla que tem um ordenamento da língua inglesa. Nos países

de língua espanhola, aqui na América do Sul, se utiliza o termo *Sida*. Então, nesse sentido, a imprensa, ao se apropriar de um uso técnico de qualquer campo discursivo, seja da economia, da própria mídia, da medicina, no caso do exemplo da *Aids*, ao usar o termo e ao difundir o termo, a imprensa tem um papel de sedimentar o uso desse termo estrangeiro na língua portuguesa. Mas, esse papel, essa difusão da mídia desses termos, de um modo geral é muito restrita. Também eu acho que tem pouco impacto. As pessoas não usam termos da língua estrangeira fora de campos técnicos, a exceção desse tipo de caso que eu citei.

Pergunta: Há alguma política de aceitação ou rejeição desses estrangeirismos por linguistas e também por entidades cuidadoras da língua, como a Academia Brasileira de Letras, por exemplo?

Resposta: Do ponto de vista da Linguística como ciência que reconhece o processo de trânsito, de apropriação de vocabulários estrangeiros na língua nacional ou nas variedades de uma língua portuguesa falada no Brasil, pra Linguística isso não é um problema, isso é um processo natural da língua, portanto a Linguística estuda, acompanha, mas não tem a pretensão de combater como se fosse algo negativo. Há sim, e já foi mais presente, já foi mais contundente, uma certa negação dessa tendência da emergência de palavras estrangeiras, sobretudo da influência do Inglês na língua portuguesa do Brasil por parte de pessoas ligadas ao ensino normativo da língua que reclamavam e, como nós comentamos antes, a última grande gritaria que houve foi em relação ao gerundismo, do “vamos estar fazendo”, “vamos estar comentando”. O pessoal que trabalha com a normatização da língua, que trabalha com a regulamentação da língua padrão, o chamado bom uso da língua, não tem mais se preocupado tanto com estrangeirismo. E da linguística também não.

**Entrevista com o Professor Doutor Sírío Possenti, concedida por meio do *software* Zoom, no dia 27/07/2020.**

Pergunta: A Língua Portuguesa falada no Brasil vem incorporando ao longo do tempo estrangeirismos de diversas fontes de vocábulos. As revoluções tecnológicas em curso podem ser consideradas uma grande fonte de novos anglicismos. Até que ponto a incorporação dessas novas palavras e expressões modificam a língua falada no país?

Resposta: Depende de como a gente vê uma língua. Eu sou adepto de que uma língua é constituída, digamos, o que faz uma língua ser ela não é o número de palavras que ela tem, nem a origem dessas palavras, mas qual é a estrutura dessa língua. É uma estrutura fonologia, silábica, morfológica e sintática, basicamente. Inclusive, no que se refere ao léxico, por exemplo, há a derivação. Como se faz a derivação em Português e o que acontece com palavras estrangeiras que são incorporadas ao Português? Elas sofrem o mesmo processo de derivação que sofrem as palavras portuguesas mais antigas possíveis. Então eu, digamos, daria uma resposta chapada do seguinte tipo: elas não mexem em nada com a estrutura de uma língua. Os estrangeirismos não afetam uma língua. Mas, evidentemente, eu devo acrescentar que os estrangeirismos afetam o léxico de uma língua. O léxico se torna mais volumoso. Em certos campos você vai ter uma concorrência maior de itens lexicais o que faz com que, eventualmente, as palavras anteriores ao empréstimo tenham seu sentido um pouco modificado pela entrada de uma nova palavra. Por exemplo, uma palavra como “entrega”, sei lá, “entrego em casa”, “você compra aqui e eu entrego”, o valor dela é modificado se o português recebe uma palavra como *delivery*. Então, *delivery* vai ser uma palavra do Português. A pronúncia vai ser portuguesa, ninguém vai usar a pronúncia do Inglês para a palavra *delivery*. Um dia ela vai ser escrita de um jeito específico. Vai tirar aquele “y” ou pode ser que demore muito, mas não vai fazer diferença nenhuma. Então, você modifica no sentido do velho Saussure. Você modifica o valor de cada palavra. Outro exemplo: se eu incorporo da internet, do computador, a palavra salvar, no sentido de gravar um arquivo, se eu digo que eu salvo um arquivo, eu modifico o sentido do verbo gravar em Português, que passa a ter um sentido mais estrito. Eu gravo um disco, gravo o nome em uma pedra,



numa casca de árvore, mas eu não gravo um arquivo no computador. Lá eu salvo. Então, aquilo que poderia ser gravar, não é, porque entrou a palavra salvar. Então, modifica o léxico no sentido do valor semântico que cada uma dessas palavras tem. Sem contar o efeito que tem o uso do estrangeirismo de parecer, por exemplo, que o usuário do estrangeirismo é ou esnobe ou atualizado ou que pertence a um certo grupo social que usa essas palavras, que exerce uma certa profissão ou que conhece bem um erro campo, por isso ele vive falando *download*, *trollagem*, não sei o quê e não sei o quê. E, ao começo da sua pergunta, os termos técnicos de certas áreas são os mais facilmente incorporados por uma língua. Atualmente, claro, há o léxico das redes sociais e de tudo aquilo que é derivado da informática, dos *smartphones* e assim por diante. Esses são os campos que hoje provavelmente entregam mais palavras no Português do Brasil. Mas elas são logo adaptadas, na pronúncia, na sintaxe e assim por diante. Então, não modificam muito a língua, só o valor. Pelo contrário, eu digo que os estrangeirismos reforçam a língua. Assim que eles entram eles mostram que a nossa fonologia, a nossa sintaxe, a nossa morfologia são sólidas. As pessoas não dizem *hot dog*, dizem *hoti dogui*, *hoti dogui*. Significa que nós palatalizamos o t diante do i, que nós acrescentamos uma vogal no final da sílaba e assim por diante.

Pergunta: *Facebook*?

Resposta: *Facebook*, isso. *Facebook* fica sendo como Unicamp. Unicamp termina com p, mas as pessoas terminam com i ou com e. A mesma coisa *Facebook*. Exatamente.

Pergunta: A imprensa brasileira utiliza uma diversidade de palavras e expressões relacionadas às revoluções tecnológicas, a maior parte anglicismos. Em um contexto de crescimento das comunicações interpessoais pela Internet, qual o poder e a influência da imprensa na incorporação, na validação e na fixação de novas palavras à Língua Portuguesa falada no Brasil?

Resposta: Falando da imprensa eu acho que a gente tem que dividir talvez em dois tópicos. Um é: existem colunas da imprensa, especializadas por exemplo em

comunicações que usam os termos estrangeiros sem pudor nenhum. Um especialista em *TikTok*, por exemplo, os caras estão discutindo agora o *TikTok*. Os caras se escrevem uma coluna sobre o *TikTok* ou sobre o *Facebook* ou sobre a tentativa que tem no Brasil de legislar sobre *fake news*. Esses caras usam os termos estrangeiros sem nenhum pudor. Pra eles é como se estivessem escrevendo em Português, sem problema nenhum. Eles não estão preocupados em abrigar esses termos. Eles usam o termo estrangeiro. Escrevem em Inglês. O *TikTok*, aliás, é Chinês, mas ele chama *TikTok*. Escreve Tik com k, tok com k. Os Ts maiúsculos e as vogais minúsculas. Escreve *TikTok*. E as pessoas vão Tiquitóqui. A pronúncia vai se adaptar ao Português, mas a escrita não. E é cada vez mais raro que alguém escreva alguma coisa achando que o Português está se empobrecendo porque está incorporando estrangeirismos. Essa onda passou. Aquela onda que começou com o internetês e com o projeto Aldo Rebelo, isso desapareceu. Ninguém mais escreve nada na mídia sobre isso. Exceto, eventualmente, de passagem, um pouco ironicamente, pode ser um colunista esportivo, um cronista político, que bota lá, “ou como se diz hoje *fake news*”. Alguma coisa desse tipo: “mentira, ou como se diz *fake news*”. Sem nenhum problema do tipo vamos evitar, não sei o quê. Curiosamente, há umas duas ou três semanas, eu leio um jornal, a *Folha de São Paulo*, e ela publica lá uma coluna de um tal de Vitão, que é um jornalista esportivo que escreve coisas não típicas da mídia esportiva. As colunas dele são bem populares e olham o esporte por ângulos muito diferentes. Um dia desses ele fez três colunas em que ele supostamente entrevistava o professor Pasquale e perguntava assim: o que você acha de chamar *Champions League*? E o Pasquale responderia: acho frescura. Por que não chama Liga dos Campeões? Acho que o cara é metido a besta, fica falando *Champions League*. Então ele fez isso com meia dúzia de palavras durante duas ou três semanas e desapareceu. Ou seja, faz seis, sete, oito anos que eu não leio nada contra estrangeirismos na imprensa brasileira que eu leio. Eu leio um jornal e leio muitos *blogues* de política. ninguém mais fala mal de estrangeirismo no Brasil. Desapareceu.

Pergunta: Há alguma política de aceitação ou rejeição desses estrangeirismos por linguistas e também por entidades cuidadoras da língua, como a Academia Brasileira de Letras, por exemplo?

Resposta: Como eu te disse, há muito tempo eu não ouço mais nada, não vejo mais nada. Talvez se eu fizesse uma pesquisa na Academia Brasileira de Letras sobre estrangeirismos eu encontrasse ou no Volpi, Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, pra ver como é que eles estão escrevendo *marketing*, se é que estão escrevendo *marketing*. Mas eu não fiz essa pesquisa. Como eu te disse, eu não ouço nada, nem rádio, nem TV, nem *blog*, ninguém está criticando o uso de estrangeirismos no Brasil desde que morreu aquela polémica em torno do projeto do Aldo Rebelo. Não ouço ninguém recusando.